



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



THEATRO
DO DOUTOR
JOAQUIM MANOEL
DE MACEDO

A TORRE EM CONCURSO
O CEGO — COBÉ — O SACRIFÍCIO DE ISAAC

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

Ficção reservados todos os direitos de propriedade.



BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

CAMARA (Ruy da) — Viagens em Marrocos, com illustrações, 1 v. in-4º, enc. 5\$000, br. (ch.)	4\$000
CANTORA BRAZILEIRA (A.). — Nova collecção de poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedidas de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. É composta dos volumes seguintes : Modinhas brasileiras, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br..	1\$000
Recitativos, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.	1\$000
Hymnos, Canções e Lundús, 1 v. in-12. enc. 1\$600, br.	1\$000
GABORIAU (E.). — Desmoronamento, 4 vol. in-8º, enc. 12\$, br	10\$000
— Lourenço de Mendonça, 1 vol. enc. 3\$, br.	2\$500
— Processo Lerouge, 1 vol. enc. 4\$, br.	3\$000
DIAS (G.). — Obras posthumas, precedidas de uma noticia da sua vida e obras pelo D ^r Antonio Henriques Leal. 6 vol. in-4º, enc. 16\$000, br..	10\$000
MACEDO (J. M. de). — Os quatro Pontos Cardeaes. A Mysteriosa. Romances, 1 gr. vol. in-8º, encad. 3\$, br.	2\$500
— As Victimias Algozes, quadros da escravidão, 2 vol. br. 5\$, enc.	7\$000
— Vicentina, 3ª edição, 3 vol. br. 5\$, enc.	7\$000
— O Forasteiro, romance brasileiro, 2ª edição, 3 vol. in-8º, enc. 7\$, br.	5\$000
— A Nebulosa, 1 vol. enc.	3\$500
— Theatro completo, 3 vol. enc. 9\$, encadernação dourada.	12\$000
— Cincinnato quebra-louça, comedia 1 vol. in-8º br.	2\$000
— Luxo e Vaidade, Primo ja California, Amor e Patria, comedias, 1 vol. in-8º, br.	2\$000
— Lusbella, comedia 1 vol. in-8º, br.	1\$500
— Fantasma branco, comedia 1 vol. in-8º, br.	1\$500
— Novo Othello, comedia, 1 vol. in-8º, br.	\$500
— O Primo da California, comedia, 1 vol. in-8º, br.	1\$000
NORBERTO de S. e S. (J.). — Brasileiras celebres, 1 vol. in-8º enc.	2\$000
— Flores entre espinhos, contos poeticos, 1 vol. in-8º enc.	2\$000
LEAL (Dr. Antonio Henriques). — Pantheon Maranhense, ensaios biographicos dos maranhenses illustres já fallecidos, 4 vol. in-4º enc. 18\$000, br.	12\$000
MAGALHÃES (Dr. J. Gonçalves de). — Obras completas, 9 vol. in-4º nitidamente impressos e bem encadernados.	55\$000
Rica encadernação	73\$000

Cada volume separadamente :

A alma e o cerebro, 1 vol..	7\$000
Poesias avulsas, 1 vol.	6\$000
Suspiros Poeticos e Saudades, 6ª edição, 1 vol.	6\$000
Tragedias : Antonio José, Olgiato, Othello, 1 vol.	6\$000
Urania. Collecção de 100 poesias, 1 vol.	6\$000

THEATRO

DO DOCTOR

JOAQUIM MANOEL

DE MACEDO

TOMO SEGUNDO

A TORRE EM CONCURSO

O CEGO

COBÉ — O SACRIFICIO DE ISAAC

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

A

TORRE EM CONCURSO

COMEDIA BURLESCA EM TRES ACTOS

7 sept 1861 - Genaro

PERSONAGENS :

JOÃO FERNANDES, juiz de paz.

ATANASIO, subdelegado.

MANOEL GONÇALVES, influencia do lugar.

BONIFACIO, escrivão.

BAPTISTA.

DINIZ.

HENRIQUE.

GERMANO.

PANTALEÃO.

GUILHERME, official do corpo policial.

CRESPIM.

PASCOAL.

UM VOTANTE.

O SINEIRO (não falla).

ANNA, irmã de J. Fernandes.

FAUSTINA, filha de J. Fernandes.

Felicia, sobrinha de J. Fernandes.

SENHORAS, POVO e POLICIAES.

A scena é passada em um curato de uma das provincias.

Epocha : a actualidade

A

TORRE EM CONCURSO

ACTO PRIMEIRO

Praça de uma acanhada povoação do interior — casas terreas e de rotulas aos lados : á direita um sobrado com janellas de peitoril, e em frente um jardim com grades baixas de páo, estendendo-se até um terço da scena, e parecendo prolongar-se para dentro : uma rua á esquerda : duas ao fundo e no meio d'estas uma igreja de triste apparencia, vista de lado : por falta de torre está o sino preso em quatro estacas a um lado da igreja.

SCENA PRIMEIRA

BONIFACIO, tendo na mão um grande papel ; JOÃO FERNANDES, MANOEL GONÇALVES, ATANASIO, DINIZ, BAPTISTA, HENRIQUE, GERMANO, ANNA, FAUSTINA e FELICIA, ás janellas do sobrado ; outras SENHORAS ás janellas das diversas casas, povo na praça destacando-se em dois grupos.

JOÃO FERNANDES.

Silencio ! pouca bulha ! vae ser lido o edital : snr. es-
crivão, ande, leia em voz alta e bem espevitada.

VOZES.

A heroica Junta encarregada pelo povo d'este curato da obra da torre da igreja, tendo concluído a subscrição patriótica para o fim declarado, em sessão solemne hoje celebrada, decretou e manda que se cumpra tão inteiramente como n'ella se contem, a seguinte lei: « ART. 1.º Fica creada uma torre para a igreja d'este curato, porquanto é uma vergonha que o sino esteja mettido em uma gaiola de páo. — ART. 2.º Abre-se um concurso, para o lugar de engenheiro da torre, debaixo das seguintes condições: — PARAG. 1.º A obra começará antes do dia da cerração da velha e ficará prompta para a alleluia do anno que vem. — PARAG. 2.º O engenheiro ha de ser inglez de nação e ter vindo para o Brazil já barbado. — PARAG. 3.º Não havendo no curato quem saiba a lingua ingleza, exige-se que o engenheiro se faça entender ainda que seja em portuguez estrangeirado. — PARAG. 4.º Serão juizes do concurso o juiz de paz em exercicio, o subdelegado, os inspectores de quarteirão e os membros da Junta. — ART. 3.º São revogadas todas as leis em contrario. E para que chegue ao conhecimento de todos serão este edital e copias d'elle afixados na porta da igreja, e nas paredes dos pousos das estradas mais concorridas. Curato da Serra das Batatas, 4 de janeiro de 1852. Assignados os heroicos snrs. capitão de ordenanças João Fernandes, juiz de paz e presidente da Junta na falta do Rmº Vigario que está com maleitas, e do padre coadjutor que cahiu do cavallo á semana passada: Atanasio Mendes, subdelegado; Manoel Gonçalves, Diniz Antonio

Luiz, e Baptista Fagundes, membros da Junta. E eu abaixo assignado que escrevi, Bonifacio Maria Pinto, escrivão do juizo de paz e da subdelegacia; agente do correio do curato; alferes da guarda nacional; curador de muitos menores; procurador perpetuo de cinco irmandades; com casa de hotel, e de seccos e molhados, ferragens, e botica homœopathica, etc., etc., Bonifacio Maria Pinto. — Está conforme. (Desce do banco no meio de applausos.)

VOZES.

Viva a heroica Junta!... viva!... viva!...

GERMANO, vindo á frente.

Peço a palavra!

JOÃO FERNANDES.

Ahi vem este maldito procurador metter embargos! a tal gente da chicana é capaz de se levantar até contra o padre-nosso!...

MANOEL GONÇALVES.

Homem, ella ha de ter sempre o seu respeito pelo menos *ao venha a nós*.

GERMANO.

N'essa cousa aque os snrs. chamam lei, exige-se que o engenheiro seja inglez; tal disposição me parece um insulto aos architectos nacionaes, e uma injustiça aos das outras nações.

ATAZASIO.

E que temos nós com architectos?... não precisamos de architectos para a nossa torre: queremos um engenheiro, um engenheiro, ouviu?!...

VOZES.

Apoiado ! apoiado !

BAPTISTA, a Atanasio.

Veja... veja... a gente do Manoel Gonçalves, e do malvado Diniz não deu apoiados a V. S. !!!

ATANASIO, a Baptista.

São uns bregeiros, compadre: não se lembra da guerra que nos fizeram na ultima eleição ?...

GERMANO, rindo.

Tem razão; tem razão; fóra com os architectos; mas porque não querem os snrs. um engenheiro nacional ?...

MANOEL GONÇALVES.

É boa !... porque todos elles juntos não valem o dedo mendinho de um engenheiro inglez; porque... sim, porque tambem um sino de Braga é por força melhor do que todas as compainhas rachadas que se possam fundir na ponta d'Arêa lá na provincia de Rio de Janeiro... e tenho dito !... (olhando desapontado) e tenho dito !... (A Diniz.) Olhe, snr. Diniz, não me deram nem um apoiado !...

DINIZ.

Apoiadissimo !... (A Manoel Gonçalves.) São as cabalas do tratante do Baptista !...

GERMANO.

Tambem tem razão !... não temos na patria cousa alguma que preste; mas que predilecção é essa pelos inglezes ?... pois se um francez...

ATANASIO.

Francez ! o anno passado um ourives francez empurrou-me uma corrente de papagaio, jurando que era um cordão de ouro da California!...

GERMANO

Portanto, nada de engenheiro francez ; mas se um italiano...

JOÃO FERNANDES.

Abrenúncio !... nunca me ha de esquecer que um mascate italiano vendeu á minha mana um cóрте de alpaca avariada por seda do grande tom. (Para o sobrado.) Não foi assim, sinh'Anninha ?...

ANNA.

Tal e qual : o mascate era falso como Judas Iscariote.

JOÃO FERNANDES.

Está na lei, ha de se cumprir. Queremos um engenheiro inglez para fazer a torre, e tambem para coneertar o alambique da minha engenhoea, que se desarranjou o anno passado. Sur. eserivão, ande...

HENRIQUE.

Um momento : perderei palavras, mas cumprirei o meu dever. Estaes fazendo loueuras ! eu já vos disse que o presidente da provincia vae eontemplar-me no numero dos engenheiros d'ella, e enearregar-me da direcção das obras da nossa egreja, e em tal caso...

MANOEL GONÇALVES.

Homem, você é eleitor influente de alguma freguezia?...

HENRIQUE.

Não ; e que tem isso ?...

MANOEL GONÇALVES.

Pois, se não é influencia eleitoral, como diabo quer que o presidente faça caso de você ?...

ATANASIO.

Olhem quem quer fazer a torre ! está doudo !... fóra!...

VOZES.

Fóra ! fóra!... ah ! ah ! ah !

HENRIQUE.

Quero, sim ! nasci n'este lugar ; deve, portanto, ser-me grato prestar-lhe os meus serviços como engenheiro que sou. Em uma palavra, snrs., a obra que com razão desejaes, ha de ser executada e sel-o-ha por mim a despeito da vossa anglomania.

FAUSTINA, a Anna.

Titia, como o snr. Henrique falla bem, e com tanta graça!...

ANNA.

Desde pequenino foi sempre assim cheio de phosphoros.

JOAO FERNANDES.

Tem paciencia, meu Henrique, nós não podemos resistir aos impetos do nosso patriotismo. Snr. Bonifacio, cumpra a lei e viva a torre !... (Bonifacio vae pregar o edital : enthusiasmo geral.)

TODOS.

Viva ! viva !... (João Fernandes canta : segue o côro, e ao som d'elle retiram-se todos.)

JOAO FERNANDES.

A nossa torre famosa
Ha de tão alta subir
Como o foguete que vae
Entre as nuvens se sumir.

Ha de ser tal maravilha,
Que para gloria mais certa,
O sino de Candelaria
Ficará de bocca aberta.

TODOS.

Que gloria p'ra nossa terra,
Que gloria p'ra nós tambem,
Quando os sinos repicarem
Pela alleluia que vem !...

(Vão-se todos.)

SCENA II

FAUSTINA no jardim; FELICIA á janella, observando
e occultando-se.

FELICIA.

Esta miuha prima vive regando flôres todo o santo dia
desconfio muito que ella quer collher um cravo... mas
não é do seu jardim. (Occulta-se.)

FAUSTINA.

Agora é um milagre quando me acho só. Tenho de um lado minha tia com olhos de velha que ainda quer casar, e do outro minha prima com olhos de moça que já foi casada... mas... (Observando.) Creio que vejo uma sombrinha alli n'aquella janella... isto é um tormento! (Rega, e examina as flôres, observa - janella. (D'esta vez enganei-me... esqueceram-se felizmente de mim : estou só ; mas de que me serve estar só e regando flôres, se o snr. Henrique parece que prefere as suas questões de torre á minha compaulia ! se elle ouvisse a minha voz talvez viesse... eu sei que uma moça chamar um homem é feio ; mas tambem cantar não é chamar. Experimentemos.

FELICIA.

Olhem que esta roceirasinha é esperta como um frade velho !

FAUSTINA.

Sou namorada
Das minhas flôres ;
Não tenho inveja
De outros amores.

Lá lá lá lá lá
Lá lá lá lá lá.

Doce favonio
Mimo das flôres,
Vem dar alento
Aos meus amores,

Lá lá lá lá lá
Lá lá lá lá lá.

FELICIA.

Oh que innocencia !
 Que amor de flôres !
 Mas eu não creio
 N'estes amores.
 Lá lé lí lô lú
 Lá lé lí lô lú.

No tal favonio
 Mimo das flôres
 Stá o segredo
 D'estes amores.
 Lá lé lí lô lú
 Lá lé lí lô lú.

SCENA III

FAUSTINA: regando flores; FELICIA, observando; HENRIQUE.

FAUSTINA.

Lá vem elle... como é bonito! mas eu não chamei pessoa alguma.

FELICIA.

Entra em scena o illustrissimo snr. *Favonio*. (Occulta-se.)

HENRIQUE.

Minha bella Faustina, ouvi o teu canto e corri...

FAUSTINA, fingindo que se retira.

Ah! se eu soubesse, não tinha cantado...

HENRIQUE.

Oh! como você é má! porém, que é isso?... quer se ir embora?...

FAUSTINA.

Pois então?... se eu ficasse, podiam pensar que eu estava aqui de proposito esperando pelo snr., e isso me faria morrer de vergonha...

HENRIQUE.

Por quem é, D. Faustina, escute duas palavras sómente... não seja cruel, escute...

FAUSTINA.

Está bem; mas ha de ser com a condição de fallar pouco e depressa...

FELICIA, da janella.

Já se viu um diabinho como esta minha prima!... é doutora de borla e capello na sciencia do namoro!

HENRIQUE.

Posso ter a certeza de que sua tia não virá interromper-nos?...

FAUSTINA.

Póde: ella foi contar a roupa suja que vae para o rio, e minha tia quando se mette na roupa suja fica presa duas horas, pelo menos.

HENRIQUE.

Ainda bem: ha dois dias que não nos fallamos a sós, e eu tinha tantas cousas para lhe dizer!... mas quer vêr?...

agora que meus olhos se embebem no seu rosto, as reflexões adormecem no meu espirito, o coração sómente póde fallar, e o coração não sabe e não quer dizer, senão estas unicas palavras : Faustina ! eu a amo... sempre... cada vez mais...

FAUSTINA.

Sim... no emtanto, consente que minha tia lhe lance uns olhos de basilisco e lhe diga finezas que me fazem frios e febre !

HENRIQUE.

Sua tia ! é possível que me supponha namorado de uma velha tão feia ?...

FAUSTINA.

Não ; não ; mas se fosse moça, snr. Henrique ; por exemplo, moça e bonita como minha prima...

HENRIQUE.

Temos outra ! D. Faustina, você é capaz de ter ciumes do sexo femenino em peso !

FELICIA, da janella.

Até que emfim entrou a minha pessoa na discussão : pois agora vou ouvir de mais perto. (Retira-se e desce para a scena.)

FAUSTINA, exaltando-se.

O snr. é capaz de negar que olha para minha prima com olhos requebrados ?...

HENRIQUE.

Esta ainda é peor ! Faustina, eu nunca tive olhos requebrados na minha vida !

FAUSTINA.

Como eu sou da roça, sacrifica-me á outra que voltou boneca da cidade... talvez seja sua namorada antiga...

HENRIQUE.

Esta moça vê estrellas ao meio-dia! D. Faustina, tenha juizo...

FAUSTINA, irritando-se.

E ainda em cima ehama-me douda! um homem que ainda hontem esteve pisando os pés de minha prima por baixo da mesa!

FELICIA, á parte.

Que mentira! coitado do pobre rapaz!

HENRIQUE.

Eu pisar o pé de sua prima! juro que não... nunca me lembrei de tal... só se foi por acaso...

FAUSTINA, exasperada.

Por acaso!... oh! então é verdade! o traidor o confessa... meu Deus!... ah!... creio que vou desmaiar...
(Enfraquecendo.)

HENRIQUE.

Faustina... oh!... eu vou saltar por cima d'esta grade...

FAUSTINA, tornando a si.

Não salte, não; espere... eu já me sinto melhor.

FELICIA, á parte.

Espichou-se completamente; não me case eu mais

nunca, se não arranjo um faniquito melhor do que minha prima.

HENRIQUE.

Faustina, palavra de honra que não pisei o pé de sua prima.

FAUSTINA.

Mas não é verdade que ella é uma moça encantadora...

HENRIQUE.

Qual ! é uma feia... uma desenxabida...

FELICIA.

Quê tratante ! jurou-me hontem que eu era um anjo do céo !...

HENRIQUE.

Mas você, Faustina, seria capaz de ter ciumes de sua propria irmã !

FAUSTINA.

O snr. quer ouvir uma cantiga que minha madrinha me ensinou, quando eu era pequenina?...

HENRIQUE.

Ainda o pergunta?... voêê quando eauta, eucanta.

FAUSTINA.

Moça esperta, quando ama,
Não se fia de ninguem ;
Das amigas desconfia,
E da propria irmã tambem.

Uma tia, mesmo velha,

Póde ás vezes fazer mal;
 Quanto ás primas não se falla :
 Quem diz prima, diz rival.

HENRIQUE.

Excellentemente ! a sua cantiga á exaggerada nas idéas ;
 mas assim mesmo gosto d'ella.

FAUSTINA, abaixando os olhos.

Foi minha madrinha que me ensinou.

FELICIA, mostrando-se.

Ah ! minha prima, foi pena que sua madrinha não
 abrisse um collegio de meninas !... (Confusão dos dois.)

FAUSTINA.

Ah ! estou perdida !

HENRIQUE

Minha snra...

FELICIA.

Qual perdida ! soceguem ambos que lhes não quero
 mal, e nem mesmo a quem me achou tão feia e tão
 desenxabida...

HENRIQUE, á parte.

Misericordia ! pequei pela lingua... estou horriavelmente
 compromettido...

FELICIA.

Minha bella roceira, as que voltam bonecas da cidade
 nem sempre são más : andem... deixem-se de vexames...
 o que eu ouvi ha pouco, já sabia ha mais tempo : um dia

depois da minha chegada a este lugar, adivinhei logo que vocês eram namorados.

FAUSTINA.

Eu nunca duvidei da sua habilidade, prima; mas olhe que era preciso ser muito entendida n'estas materias para...

FELICIA.

Pois então?... é verdade que sou moça, mas tambem é verdade que sou viuva, e portanto devo ter experiencia n'estes negocios. E de mais, Faustina, não te lembras de que eu já fui deputada, e passei quasi uma legislatura inteira no Rio de Janeiro?... Ah! meu bello, meu querido Rio de Janeiro! todas vocês me lastimaram quando, ha cinco annos, e aos quinze de idade me viram casada com um velho de cincoenta; em breve, porém, meu marido foi eleito deputado, e tive de acompanhá-lo á côrte: que brilhante destino! Ah! tu não sabes que vida passa uma Augusta e dignissima! basta dizer-te que a mulher do deputado dança a valsa com os collegas do marido, a polka com os senadores, a schottisch com os ministros, e jogos de prendas com os conselheiros de Estado: que vida! que vida passei! mas ah! meu marido que era sempre ministerial, morreu de indigestão no terceiro anno da legislatura, e por consequencia suspenderam-me o subsidio, e fui obrigada a voltar para a provincia... mas... a que veio isto? Ah! sim: para provar a minha experiencia: pois bem: com ella adivinhei que vocês se amavam; que minha tia antes quer o snr. Henrique

para marido do que para sobrinho, e que, portanto, os atrapalha consideravelmente; visto que meu tio é escravo de sua irmã, porque espera ser seu herdeiro, e já está de posse da sua fortuna e do seu testamento.

HENRIQUE.

Sim, adivinhou, sabe tudo; cumpre agora que nos proteja, e que conseguindo desacreditar-me na opinião de sua tia...

FELICIA.

Eu já tenho um meio seguro e infallível para isso.

FAUSTINA.

Qual?

FELICIA, rindo-se.

O snr. Henrique e eu nos fingiremos loucamente apaixonados um pelo outro á vista de minha tia e...

FAUSTINA.

Olhe, prima; qualquer outra lembrança que você tiver, ha de ser por força melhor do que essa.

FELICIA.

Eu logo vi que você não havia de gostar. Inventarei outro meio... confiem em mim: dou-lhes minha palavra que hei de hoje mesmo desenganar minha tia. Oh se hei de! tenho antipathia ás velhas que atrapalham as moças... contem commigo, e...

ANNA, dentro.

Meninas!...

FAUSTINA.

Fuja, snr. Henrique; ahí vem minha tia...

HENRIQUE.

Adeus!... (Partindo.) Oh! que maldita velha!... (Vão-se.)

FELICIA.

Vamos para dentro, enquanto ella não chega. (Vão-se.)

SCENA IV

CRESPIM, só; vestido de grande casaca vermelha, calça grandes botas, etc.

Ai! tenho andado como um cavallo de aluguel : não vou para deante nem que me serrem. (Pausa.) Ora... em consciencia eu sou um grandissimo tolo! Mamede Paiva Rodrigues era por todos conhecido como um algoz dos actores, e apesar disso cahi em engajar-me com elle em uma companhia volante : sou tolo ou não?... Chegámos a uma villa; annuncia-se Ignez de Castro, e eu sujeito-me a fazer o papel de D. Affonso, quando me competia o de D. Pedro : sou tolo ou não?... Chega a noite do espectáculo, e vestem-me, como me acho... como um palhaço de caváhdas, e empurram-me para a scena — havia povo na platéa como formiga! — e apenas abro a bocca, e digo com emphase : « Basta, principe, basta! » rebenta uma pateada composta de assobios, estalos, batatas e o diabo! No meu character de D. Affonso, eu não podia aturar semelhante patifaria : corro para um lado;

e o Mamede com um pontapé alira-me outra vez na scena ; mas escapando pelo outro, deixo Ignez de Castro sem poder morrer por falta de D. Affonso, e corro, ha dois dias, como um preto quilombola ! então... franqueza... sou tolo ou não ?... (Pausa.) Mas é preciso que eu tome um partido... é indispensavel arranjar a vida... (Olhando.) Que monte de casas velhas será este ?... Olhem onde está enforcado o sino da igreja... Oh lá !... um cartaz ! haverá theatro aqui?... (Lê.) Ah ! ah ! ah ! a gente d'esta terra é ainda mais tola do que eu ! Mas oh ! que idéa ! se não ha aqui quem entenda o inglez, porque não me farei eu engenheiro da Grã Bretanha ? Já tenho sido rei, bispo, ministro, lacaio e até urso, porque não serei godemi, quando me acho *in extremis*?... Ora viva ! dê no que der, vou apresentar-me á heroica Junta... Oh ! iesse, mim ficar uma engenheira multe godemi... Eia ! coragem ! saia o que sahir ! (Canta.)

Bravo ! bravo ! finalmente,
 A fortuna me festeja,
 Mim agora star godemi,
 A pobre vida de actor
 Excommungada que seja ;
 Mim agora star godemi,
 Vai faze torre d' igreja,
 E ha de come bifsteque,
 Bebe copa de cerveja.
 Vai faze torre d' igreja,
 E ha de come bifsteque,
 Bebe copa de cerveja.

Toca a procurar a illustrissima Junta... mas estas rou-

pas? Ah sim : serei um lord inglez... lord... lord... ora!
lord Gimbo, porque é exactamente Gimbo o que eu
quero... Vamos... (Vae-sc.)

SCENA V

O SINEIRO apparece, vae dar no sino o signal do meio-dia e
retira-se; JOÃO FERNANDES, apressado; logo depois ANNA.

JOÃO FERNANDES.

O meu estomago já me havia annunciado a hora do-
meio-dia, antes mesmo de soarem estas badaladas conso-
ladoras! Sinh' Anninha! sinh' Anninha! dê-me um caldo
depressa...

ANNA.

Que é lá isso? que gritos são estes?...

JOÃO FERNANDES.

É que eu estalo de fome, se me não dá um caldo de-
pressa : deixei vaga a presidencia da Junta... e... dê-me
um caldo, sinh' Anninha!

ANNA.

Pois você desamparou a presidencia da Junta assim
sem mais nem menos?... Snr. João Fernandes, você é
indigno da irmã que tem, e da honra que lhe fizeram!

JOÃO FERNANDES.

Pois se eu estou estalando de fome, senhora! olhe : já

tenho uma dôr aqui no vazio... dê-me un caldo, sinh' Aninha!

ANNA.

Marche a occupar o seu posto, e não me envergonhe mais! (Vae-se.)

JOÃO FERNANDES.

E esta? sou capaz de abdicar a presidencia! Esta velha pensa que todas as presidencias matam a fome! Ah meus peccados! que eu não tenha remedio, senão aturar esta mulher visto que devo ser seu herdeiro... Oh! que fome! que fome de quinze dias! (Canta.)

Que dôr no vazio!
 Que fome! que fome!
 Já deu meio-dia,
 E a gente não come!
 Eu stou que não posso,
 Que fome! que fome!

(Vae-se.)

SCENA VI

PASCOAL, só; vestido de niziã amarella.

Alferes Guilherme Lamego Furia, por alcunha o fura-tripas! Furia e fura-tripas!... nunca me ha de esquecer este nome. (Pausa.) Está decidido que eu nasci com a sina de cachorro: entrei no mundo pela porta do theatro, sendo pucha-vistas, e um dia que pretendi elevar-me a

comparsa, o publico recebeu-me com tacs applausos de infantaria, que abandonei o theatro... vim dar comigo n'esta provincia, fiz-me capanga de um potentado, e capanga esperava acabar os meus dias; mas se eu já disse que tenho sina de cachorro! Ha tres dias houve uma eleição na freguezia: meu amo estava na opposição, e a cousa ia perder-se, porque em cada porta da igreja havia dois soldados de baioneta calada, já se sabe, para garantir a liberdade do voto, e não queriam deixar entrar um magote de votantes de meu amo: mas eu levo os votantes comigo, chego a uma porta, atiro-me de improviso aos soldados, e tapa em um, pontapé em outro, dou com os votantes dentro; acode, porém, o alferes Furia, por alcunha o fura-tripas, e não se ouve mais que — mata o Pascoal! e foge, Pascoal! — obedeci a este ultimo grito, furti o cavallo de um votaute; mas o sendeiro rebentou no caminho, e fez-me viajar a pé dois dias, e eis-me aqui com uma fome de tiubaleiro e no estado mais poetico do mundo, isto é, sem vintem. Pois se eu tenho sina de cachorro! (Pausa.) Mas eu hei de achar por força quem me dê de comer. (Chamando.) Oh lá! não ha gente n'esta alde... n'esta cidade? Porém, que é isto?... (Lê o edital.) Esta é de tirar o chapéo!... Este povo está pedindo de mãos postas que nianguem com elle, e eu com a fome, que sinto, se soubesse um dedo do inglez... Mas para que, se aqui ninguem o sabe?... Ora, eu vou fazer a torre, está dito: o que só me atrapalha é esta nizia amarella... e que tem a nizia?... Direi que, além de engenheiro, sou tambem philosopho inglez... sou o mister... mister, deve ser um

nome de arripiar os cabellos.. mister... Protocrotrofro-
blington... está direito... vou procurar a tal Junta de to-
los... (Canta.)

Eu sou sublime engenheiro,
Mestre de torres preclaro;
Faço palacios brincando,
E nos theatros sou raro ;
Quando risco um monumento,

Sempre é cousa de espavento.
Pyramides fiz já cincoenta ;
Obeliscos mais de cem ;
Aqueductos duzia e meia,
Arcos muito mais além ;
Que engenheiro ! que talento !
Sou dos genios o portento !

(Vac-sc.)

SCENA VII

ANNA, FAUSTINA e FELICIA.

ANNA.

Meninas, vamos tomar o fresco no jardim : a heroica
Junta parece que vae até a noite : nem ao menos apparece
o snr. Henrique para conversar com a gente : ai ! ai !
quem ama, não tem socego.

FELICIA.

Minha tia, o snr. Henrique esteve aqui ainda ha pouco
conversando com Faustina.

FAUSTINA, a Felícia.

Prima, você quer me deitar a perder?...

ANNA.

Devéras?... então foi só com Faustina que elle conver-
sou?...

FELICIA.

Ah! não : creio que foi comigo tambem.

ANNA.

Seguramente o pobre moço veio vêr se me encontrava :
ai ! ai ! meninas! quem ama, não tem socego : mas sobre
que conversavam vocês?...

FELICIA.

Faustina, em que foi que nos conversámos?... Anda :
responde á nossa tia.

FAUSTINA, à parte a Felícia.

Felicia... pelo amor de Deus !

FELICIA.

Eis outra vez o snr. Henrique... ainda bem : elle dirá
em que conversámos.

SCENA VIII

AS PRECEDENTES e HENRIQUE.

HENRIQUE.

Esta ninguem acredita! (A parte.) Peior! esperava conso-
lar-me encontrando-me com a primavera e venho esbar-

rar-me com o inverno! (As snras.) Boa tarde, minhas snras!

ANNA.

Então que aconteceu, snr. Henrique?... Chegue cá para perto e conte novidades á gente que lhe quer bem. (á parte.) Ai! ai! quem ama, não tem socego: já estou com o coração — taque-taque-tique-tique!!

HENRIQUE.

Que ha de ser?... acaba de apresentar-se á tal heroica Junta um tratante que diz ser engenheiro inglez, e que é tão engenheiro como as minhas botas, e falla o inglez tão bem como o meu cavallo: entretanto, o charlatão foi levado em triumpho a jantar no hotel do Bonifacio; que gente! que loucura!

ANNA.

Snr. Henrique, não fallemos agora em negocios politicos.

FELICIA.

E tanto mais que minha tia quer saber sobre que esteve o snr. conversando com Faustina inda ha pouco.

HENRIQUE, rindo.

Fallavamos dos nossos primeiros annos e nos embebiavamos loucamente nas recordações do passado. Não foi isso?...

ANNA.

Havia de ser: porque é a nossa balda: quando eu e Faustina estamos sós, levamos horas esquecidas a con-

versar sobre os felizes tempos da nossa infancia. Isto faz tantas saudades !

FAUSTINA, a Felicia.

Ora esta ! minha tia nunca conversou comigo em semelhante cousa !

FELICIA, a Faustina.

Cala a bocca, tola !

HENRIQUE.

É muito natural : as snras. deviam ter brincado juntas bastantes vezes em pequeninas...

ANNA.

Ai, snr. Henrique ! não zombe de quem lhe quer bem ! eu confesso que sou dez annos mais velha do que Faustina...

FAUSTINA. querendo fallar.

Dez annos...

FELICIA, a Faustina.

Cala essa bocca, tola !

ANNA.

Não fallemos em edades : eu sinto que a minha mocidade não póde durar muitos annos mais... Sou uma flôr que suspira por ser colhida com medo de murchar no pé... Ai ! ai ! quem ama, não tem socego ! mas, snr. Henrique, eu andava douda por encontrar-o sem testemunhas masculinas para lhe dizer uma cousa que trago ha quinze dias no coração, e ha tres na garganta.

HENRIQUE.

Estou ás suas ordens, minha senhora. (A parte.) Já se viu uma sanguesuga como esta maldita velha!...

ANNA, olhando para uma rosa.

Não posso conter-me... que linda rosa! dizem que a moça que offerece uma rosa, é como se offerecesse o seu coração... Ai! ai! quem ama, não tem socego! (Tira a rosa e offerece-a a Henrique.) Faça de conta que esta rosa sou eu.

FAUSTINA, á parte.

Deus permitta que aquella rosa se transforme em cravo de defunto.

FELICIA, á parte.

Se minha tia não fosse tão velha, eu já devia estar envergonhada do papel que estou aqui representando!

HENRIQUE, recebendo a rosa.

Agradecido! (A parte.) Esta mulher é uma praga! (A Anna.) Mas disse que desejava confiar-me...

FAUSTINA, á parte.

Peior! o snr. Henrique parece que está reccioso de que minha tia se engasgue com o que traz ha tres dias na garganta!

ANNA.

Não sei, como lh'o diga! Ai!... ai!... quem ama, não tem socego! mas ainda bem que os segredos do coração se lêem nos olhos, e o snr. póde, sem que eu falle, adivinhar o meu segredo.

HENRIQUE.

Ah! minha senhora! sou de uma estupidez incrível em
matéria de segredos de coração...

FAUSTINA, á parte.

Anda! bem feito.

ANNA.

Ingrato! escute pois a explicação de meu segredo.
(*Cantam.*)

ANNA.

O segredo que eu tenho no seio
Póde crer que é de muito valor;
Tem um nome que em — *a* — principia,
E acaba em — *o-r* — *or*.

FAUSTINA.

Não perceba o que diz minha tia;
Seja rude esta vez por favor;
Não decifre a charada da velha:
Não me mate, dizendo-lhe — *amor*.

HENRIQUE.

Quando a velha me pede ternuras,
Vejo a moça abrazada em furor;
Quero rir-me da teima da velha,
Mas receio os ciúmes de amor.

FELICIA.

Que terrível mania de velha!
Isto é mais que mania, é furor;
Todo rugas, velhinho, caduco,
Ha de ser engraçado este amor!

ANNA, depois de um grande suspiro,

Ai! ai! quem ama, não tem socego!

SCENA IX

Os PRECEDENTES e GERMANO.

GERMANO.

Henrique! Henrique! estás perdendo o melhor da festa.

HENRIQUE.

Que ha?...

GERMANO.

Um novo concorrente que se apresentou...

HENRIQUE.

Inglez?...

GERMANO.

Creio que tão inglez como o primeiro : apenas foi este para o hotel, chega o segundo, e, o que é melhor, divide-se a Junta em dois partidos : o Manoel Gonçalves com a sua gente sustenta o charlatão de casaca vermelha, e o Atanasio com os inspectores de quarteirão e a sucia concorrente defendem a causa do segundo tratante, que vein vestido de nizia amarella. Vermelho e amarello são os nomes dos dois partidos, que por signal estão a ponto de dilacerar-se!

HENRIQUE.

E os dois charlatães?...

GERMANO.

Ainda não se encontraram : oh ! temos touros de palanque !

HENRIQUE.

Mas como já têm partidos esses homens?... já se póde julgar qual d'elles é o de mais merecimento ?...

GERMANO.

Ora que puerilidade!... quando os partidos não têm idéas, e só se agitam pela ambição e pelos ciumes dos potentados, bastam para suas divisas e bandeiras uma casaca vermelha e uma nizia amarella, e dois charlatães vestindo-as.

HENRIQUE.

Mas isto é uma vergonha para o nosso pobre curato !

GERMANO.

Qual!... deixa-te disso : o nosso pobre curato é, em ponto pequeno, a imagem de uma grande cidade, cujo nome não quero dizer : as casacas vermelhas e nizas amarellas abundam por toda a parte.

ANNA

Eu não entendi uma só palavra do que disse este procurador : ai ! ai ! quem ama, não tem socego !

VOZES, dentro.

Viva ! viva !

GERMANO.

Eil-os ahi ! excellente ! excellente ! ah ! ah ! ah !...

FAUSTINA.

Meus Deus, eu tenho medo de tantos homens juntos!...

ANNA,

Vamos para dentro, meninas : adeus, snr. Henrique...
ai ! ai ! quem ama, não tem socego ! (As snras. entram.)

SCENA X

ANNA, FAUSTINA, FELICIA e SENHORAS ás janellas e portas : HENRIQUE e Germno no meio de scena ; JOÃO FERNADES, que fica ainda no meio ; BONIFACIO, que anda de um para outro lado ; MANOEL GONÇALVES, DINIZ e o seu grupo a um lado com CRESPIM no centro ; ATANASIO, BAPTISTA e o seu grupo do outro lado com PASCOAL no centro. — Entusiasmo geral. Crespim e Pascoal são abraçados e quasi carregados.

DINIZ, na frente dos seus.

Viva o godemi da casaca vermelha !

MANOEL GONÇALVES e os seus.

Viva ! viva !...

BAPTISTA, na frente dos seus.

Viva o godemi da nizia amarella !...

ATANASIO e os seus.

Viva !... viva !... (João Fernandes victoria a todos.)

CRISPIM, á parte.

Não ha nada n'este mundo como a opinião publica!...

PASCOAL, á parte.

Estou sendo pela primeira vez na minha vida objecto do enthusiasmo popular! olhem que ha muito povo tolo!...

JOÃO FERNANDES.

Atenção!... gritem baixo!... (Á parte.) Estou com uma fome!...

PASCOAL, á parte.

O peor é que está ahi outro inglez... estou vendo que isto acaba em viva de páo... pois se eu tenho sina de cahorro!...

JOAO FERNANDES.

Snr. Bonifacio, veja se esta gente me deixa fallar que eu já não posso mais! (Bonifacio trata de aquietar os grupos.)

CRISPIM, á parte.

Dizem que tenho um inglez pela prôa; mas ninguem aqui o entende, e eu vou asseverar que o inglez não é inglez e eu sim.

JOÃO FERNANDES.

Então posso fallar ou não, povo de uma figa?... (Screna o sussurro.) Em nome da heroica Junta eu, capitão João Fernandes, declaro... declaro... (Correndo a Bonifacio.) Snr. escrivão, snr. Bonifacio, que diabo hei de declarar que já me não lembra?...

BONIFACIA, a João Fernandes.

Delare simplesmente que estão ahi dois engenheiros

inglezes, e ponha-se nas encolhas, porque vossa senhoria não vae adiante com o discurso.

JOÃO FERNANDES, a Bonifacio.

Fique sempre aqui ao pé de mim para me acudir, se eu errar. (Ao povo.) Declaro... simplesmente... que estão ahi dois engenheiros inglezes, e ponha-se nas encolhas, porque vossa senhoria...

BONIFACIO, a João Fernandes.

Basta, homem, que é de mais!...

JOÃO FERNANDES.

Eu nunca fui presidente na minha vida... estou muito vexado... muito vexado... e com uma fome!...

DINIZ.

Proponho que os dois inglezes conversem um com o outro!

VOZES.

Apoiado! apoiado! (Afastam-se os grupos deixando os dois em frente.)

CRISPIM, à parte.

Agora aqui é que vae a gata aos filhozes!...

PASCOAL, á parte.

Aperta-te, Pascoal! pois se eu tenho sina de cachorro!...

CRISPIM, á parte.

Aquelle que está alli feito godemi é o Pascoal puxa-vistas!!!

PASCOAL, à parte.

Aquelle inglez é o Crespim !!!

JOÃO FERNANDES.

Andem, obedeçam ao povo !

CRISPIM, à parte.

Agora sou eu gente, (A Pascoal.) Ui god bai come esse?...

PASCOAL, à parte.

Bravo! estou salvo. (A Crespim.) Estring uors ui grande bai !

HENRIQUE, rindo muito.

Snrs., estes homens não são inglezes : são dois trantantes : eu fallo o inglez e juro que elles o entendem tanto como o snr. capitão João Fernandes !

MANOEL GONÇALVES.

O snr. é um homem suspeito, e está furioso de inveja : estes dois sabios engenheiros fallam tão perfeitamente o inglez, que nós ainda não lhe entendemos palavra !

VOZES.

Apoiado ! apoiado !

CRISPIM.

Oh! iess ; mim star inglis !

ATANASIO.

Fóra o invejoso !...

VOZES.

Fóra ! fóra ! (Germano toma o braço do Henrique, e ambos se afastam rindo.)

CRESPIM, a Pascoal.

Fates misburi iesse, etc. (Falla imitando o ing

VOZES.

Bravo !... bravo !...

PASCOAL, a Crespim.

Oh ! fiu plise, etc. (Falla imitando inglez.)

VOZES.

Bravissimo !... viva !...

(Crespim e Pascoal exaltam-se fallando a fingir-se inglezes, e acabam gritando e fallam ao mesmo tempo até suffocar-se e no meio das acclamações do povo.)

VOZES.

Viva ! viva ! (Uns abraçam Crespim. outros a Pascoal.)

JOÃO FERNANDES.

Oh ! que torre ! que torre, minha gente ! estou quasi doudo de alegria ! até já me passou a fome. (A Crespim.) Como é a graça de V. Ex. ?...

CRESPIM.

Lord Gimbo : mim star fidalga n'Inglaterra.

JOÃO FERNANDES.

Fidalgo !... logo se conhece pela cara... tem mesmo cara de fidalgo ! (A Pascoal.) E V. Ex., como se acha ?...

PASCOAL, á parte.

Diabo ! engoli o nome que tinha inventado ! mas lá vai outro. (A João Fernandes.) Matracoat : mim star philosopha e engenheira extraordinaria...

JOÃO FERNANDES.

Snr. lord Gimbo, o snr. tambem é capaz de concertar um alambique de engenhoca?...

CRESPIM.

Oh! iesse, mim saber faz lambique de engenhoque verruel.

JOÃO FERNANDES.

Um alambique verruel!... ha de ser invenção nova.

DINIZ, e os seus.

Viva o godemi da casaca vermelha! viva!...

MANOEL GONÇALVES.

Oh! triumpho por fim d'aquelle indigno Atanasio!

ATANASIO, a Pascoal.

Snr. Ma... Matro... Macota...

PASCOAL.

Oh! mim non star Macota, star de nome mister Matracoat...

ATANASIO.

Pois bem, snr. mestre Macatrapoá, diga-nos as suas habilidades, não se deixe ficar por baixo...

CRESPIM.

Oh! mister Matracoat sêr uma grande estúpida!

PASCOAL.

Mim sêr engenheira Je torre Grande, e philosopha superior : mim falle todes linguos, e sabe todes coses

d'este munde ; mim saber tude... tude... mim conheça quem não tenha juiza... e saber onde estar juiza de cada uma...

JOÃO FERNANDES.

Que poço de sciencia ! pois o juizo não está sempre na cabeça, monsiú?...

PASCOAL.

Nou ! este sêr uma idéé estúpida.

CRESPIM.

Oh ! mister Matracoat estar muito cavallo !

ATANASIO.

Que sabedoria ! snr. Catapoá, diga, onde está o juizo do snr. capitão João Fernandes?...

JOÃO FERNANDES, sorvendo uma pitada.

É verdade... diga... diga...

PASCOAL.

Capitam tem sua juiza no nariz. (Risadas.)

JOÃO FERNANDES.

E tem razão ! eu sempre digo a sinh' Anninha que o meu nariz é uma cousa muito preciosa.

BAPTISTA.

E eu ? e eu ?... qucro saber, onde está o meu juizo ; faça favor!..

PASCOAL.

Tu, homem?...

BAPTISTA.

Tu?... veja, como falla ! saiba que eu sou eleitor e tenente da guarda nacional, e portanto tenho senhoria.

PASCOAL.

Oh! tu não tem juiza em parte nenhuma, homem !

BAPTISTA.

Insolente ! não respeita um dos chefes do seu partido ! pois, passo-me para o partido vermelho ! (Vae para o outro grupo.)

ATANASIO.

Compadre ! olhe que isso é não ter principios politicos !...

BAPTISTA.

Faça o que muitos têm feito, e é assim que se arranja a vida : estou passado ! (Manoel Gonçalves e os seus abraçam-no.)

DINIZ.

Sim?... pois eu não fico em um partido que abre os braços a semelhante malvado ! (Passa para o outro grupo.) Declaro que mudei de côr, estou amarello !... (Atanasio os seus abraçam-no.)

BAPTISTA.

Viva o godemi da casaca vermelha !... (Applausos dos seus.)

DINIZ.

Viva o godemi da nizia amarella !... (Applausos dos seus.)

MANOEL GONÇALVES.

Ninguém aqui pôde ficar neutro... snr. capitão João Fernandes...

JOÃO FERNANDES.

Eu sou do partido que ficar de cima, que assim é que faz muita gente do meu conhecimento...

MANOEL GONÇALVES.

Nada... ou um ou outro... vamos... quem viva?...

JOÃO FERNANDES.

Viva a casaca vermelha!... (Applausos de uns.)

ATANASIO.

Snr. capitão! olhe que eu sou o subdelegado!... sustente a nizia amarella...

JOÃO FERNANDES, á parede.

Estes malvados hoje me affogam! (A Pascoal.) O snr. tambem sabe concertar um alambique de engenhoca?...

PASCOAL.

Oh! iesse! mim concerta lambique...

JOÃO FERNANDES.

Viva a nizia amarella!... (Applausos dos outros.)

BAPTISTA.

O snr. não sabe o que diz?... (Puxando-o.)

JOÃO FERNANDES.

Viva o godemi da casaca vermelha!...

DINIZ, puxando-o

Snr. capitão, tenha palavra !...

JOÃO FERNANDES.

Viva o godemi da nizia amarella !... (Baptista puxa-o.) Co-
saca vermelha !... (Diniz puxa-o.) Nizia amarella !... (Baptista
puxa-o.) Casaca !... (Diniz puxa-o.) Nizia !...

ANNA, da janella.

Não rasguem a casaca do mano Joãozinho.

JOÃO FERNANDES.

Acuda-me, sinh'Aminha, senão estes homens me
matam !

CANTO GERAL

ATANASIO e os seus.

Viva e reviva o godemi
Que traz a nizia amarella !

PASCOAL

Oh ! iesse ! mim quer viva,
P'ra faz torre muito bella.

MANOEL GONÇALVES e os seus.

Viva e reviva o godemi,
Que traz casaca vermelha !...

CRESPIM.

Oh ! iesse ! mim quer viva,
P'ra faz torre sem parelha.

BAPTISTA, puxando João Fernandes.

Quem viva ?...

A TORRE EM CONCURSO

JOÃO FERNANDES.

Vermelho ?

(Diniz puxa-o.)

DINIZ.

Quem viva ?

JOÃO FERNANDES.

Amarello !

(Baptista puxa-o.)

Me deixem !...

(Baptista puxa-o.)

DINIZ e os seus.

Que gostos !...

(Diniz puxa-o.)

JOÃO FERNANDES.

Me larguem !...

(Baptista puxa-o.)

BAPTISTA.

Que bello !...

TODOS

Bravo ! bravo ! nós teremos

Uma torre de Babel !

CRISPIM e PASCOAL.

Oh ! iesse ! iesse ! iesse !

Oh ! iesse ! verruel !...

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A mesma decoração do acto primeiro.

SCENA PRIMEIRA

FELICIA, só.

Estou a braços com a mais difficil empreza : vou entrar em lucta com minha tia para fazer triumphar os direitos que tem a prima Faustina sobre o coração do snr. Henrique. Arrancar um noivo a uma velha é mil vezes mais difficultoso do que separar um naufrago da ultima taboa do navio despedaçado, a que se agarrou com esperança de salvamento ; mas eu hei de mostrar que já fui parlamentar, e creio que o verdadeiro é cortar logo a discussão, decidindo de uma vez o negocio. Por mais que eu affirme e jure, minha tia não admittirá nunca que o snr. Henrique possa deixar de morrer de amores por ella :

pois, então ponha-se a questão tão ás claras, que a evidencia penetre no espirito da velha, como um raio do sol no ninho de uma coruja. A tempestade é certa, mas tambem o golpe é decisivo. Vamos a isto e já. (Indo á porta, Minha tia! oh! minha tia!

SCENA II

FELICIA e ANNA.

FELICIA, á parte.

Realmente minha tia tem uma cara mais propria para desmamar creanças, do que para arranjar marido.

ANNA.

Que queres, menina?... ai! ai! quem ama, não tem socego : pensei que era o snr. Henrique que estava procurando por mim.

FELICIA, á parte.

É teimosa como um velho gallo da India ; mas eu vou dar-lhe um desengano certo.

ANNA.

Chamaste-me com um ar de mysterio, que me pareceu que se tratava de algum segredo de amor : que temos?...

FELICIA.

Ai! ai! minha tia, quem ama, não tem socego!

ANNA.

Oh! será possível que estejas como eu atacada do mal das ternuras?... Olha, menina; toma cuidado: a paixão, quando se desenvolve cá pelo interior da gente, é como uma febre sem remissão: digo-t'o eu, que estou apaixonada até á ponta dos cabellos.

FELICIA.

Ah! não, minha tia, não é por mim que me sinto afflicta... A quem eu lastimo... é... olhe, não é a mim... tambem não lhe direi a quem seja... mas é a uma de nós duas...

ANNA.

Então sou eu, tola! Ai! ai! quem ama, não tem socego! dize depressa, que estou com o coração quasi sác não sác pela garganta fóra; porque me lastimas tu?

FELICIA.

Pois bem... eu fallo... sinto bastante dar-lhe um desgosto; mas não consentirei que minha tia, sendo uma sra. cheia de eneautos e graças, esteja empregando tão mal o seu amor. O sr. Henrique é um perfido... um monstro...

ANNA.

Que é lá isso?... veja como falla, ouviu! a senhora minha sobrinha trouxe da côrte uma ponta de lingua, que faça-me favor!...

FELICIA.

Ainda em cima vossa mercê toma a defeza d'aquelle ingrato... fementido... traidor...

ANNA.

Oh! snra.! quer ouvir uma cousa?... Tenha mais respeito ao seu futuro tio: lembre-se de que é um homem, quem ha de tomar a benção!

FELICIA.

Meu futuro tio! coitada da titia! um homem que zomba de vossa mercê, que a illude, e que na sua ausencia se diverte ridiculisando o seu amor!...

ANNA.

Já se viu que lingua de serpente enfezada! entendo... entendo, minha snra.; fez suas fosquinhas ao meu Henrique, e como levou de taboa, vem agora fazer intrigas; não pega a labia! Ninguém é capaz de tirar-me da cabeça a certeza de que sou amada. (A parte abanando-se com desespero.) Que mulhersinha do diabo!...

FELICIA.

Minha tia, eu posso dar-lhe provas do que digo, provas evidentes... irrecusaveis...

ANNA. batendo com o pé.

Não quero saber de provas! Sou amada e muito amada. E que taes?... querem roubar-me o meu Henriquesinho; pois não has de ser tu quem tal consiga; porque apesar de teres vindo da côrte como uma macaquinha enfeitada, és uma feiarrona de fazer arripiar os cabellos!...

FELICIA. a parte.

Feia! espera, velha teimosa, que tu me pagas. (A Anna.

Minha tia póde dizer o que quizer ; mas a verdade é que o snr. Henrique bebe os ares pela prima Faustina, e até lhe prometeu casamento : por signal que ambos me pediram para proteger os seus amores.

ANNA.

É falso, bocca venenosa ! vocês todas estão rebentando de inveja ; porque o meu Henrique não ama senão a mim...

FELICIA.

Pois experimente, minha tia.

ANNA.

Experimentar o que, tentação do demonio?...

FELICIA.

Esconda-se aqui perto : eu chamo Faustina, o snr. Henrique apparecerá bem depressa e eu lhe asseguro que ha de ouvir bocadinhos de ouro.

ANNA.

Já disse que não quero saber de provas nem de experiencias ! sou amada, e está dito. Ai ! ai ! quem ama, não tem socego.

FELICIA.

Ah ! isso então é outro caso... minha tia tem medo de ouvir com os seus ouvidos, e de vêr com os seus olhos...

ANNA.

Medo!... pois se en tenho a certeza da minha felicidade !

FELICIA.

Se minha tia é capaz, experimente : em dez minutos ficará terrivelmente desenganada.

ANNA.

Sim?... pois estou prompta ; mas ha de ser com a condição de eu te puxar as orelhas, se me não convenceres do que dizes.

FELICIA.

Concordo : esconda-se atraz d'estes arbustos e verá,
(Á parte.) Até que emfim ! custou, mas sempre cahiu. (Cantam.)

FELICIA.

A titia anda enganada ; — coitada !
Da traição não teme o damno ; — engano !
Ja não ha homem constante ; — amante !
Quem diz homem, diz tyranno — insano.

ANNA.

Este amor em vão trabalhes, — e malhes !
Do meu peito não se esvae ; — não sae !
Já... depressa, má sobrinha, — damminha
Para a côrte volta, vae. — ah ! ai !

FELICIA.

Amor é teimoso, — manhoso
Na lueta se atira, — conspira ;
E por fim ovante — tratante
Delicias inspira — é mentira.

ANNA.

Amor é teimoso, — formoso
Na lucta se atira, — delira,
E por fim ovante — brillante
Delicias inspira — e respira.

ANNA, escondendo-se atraz dos arbustos.

Ai ! ai ! menina ; quem ama, não tem socego.

FELICIA, vendo Anna escondida.

Bem : o essencial está feito ; agora o que resta é facil,
e correrá naturalmente como a agua do rio. (Vae á porta.)
Não se perea tempo : oh prima Faustina ! prima !

SCENA III

FELICIA, ANNA escondida, FAUSTINA.

FAUSTINA.

Onde está nossa tia ?...

FELICIA.

Foi visitar a vizinha ; e tu em vez de aproveitares o tempo
para conversar com o snr. Henrique, te deixas ficar met-
tida lá dentro, como uma freira ! Está-se vendo que ainda
não sabes o que é amor.

FAUSTINA.

Oh se sei ! o amor não se aprende, ou é sómente a na-

tureza que o ensina, e por isso aqui na roça sente-se mais profundo e realmente o amor do que lá pela sua côrte. Mas eu pensava que ainda estavas com a nossa tia. Em que te fallou ella?...

FELICIA.

Ora... em que havia de ser? Fallou-me no seu Henrique.

FAUSTINA.

No seu Henrique! no seu!... Ah! que se ella não fosse minha tia, eu havia de lhe dizer que não se adeantasse tanto.

ANNA, á parte.

Olhem o que ella está dizendo!...

FELICIA.

Entretanto, Faustina, pelo que lhe ouvi dizer, o sr. Henrique a ama apaixonadamente e receio ..

FAUSTINA.

E eu não receio nada : olha ; é a uniea mulher que não me eausa eiumes : quem é que teria um gosto bastante estragado para se apaixonar por minha tia?...

FELICIA, á parte.

Excellent! exeellente!...

ANNA, á parte.

Oh! que atrevida!... e quem falla?... uma mulher que tem uma carinha de dôr de barriga!... deixem estar que eu a ensinarei.

FELICIA.

Faustina, é preciso aproveitar a occasião : não tens algum signal para chamar o snr. Henrique.

FAUSTINA.

A unica cousa que posso fazer, é cantar para vêr se elle me ouve.

FELICIA.

Pois anda, canta.

ANNA, á parte.

Não tem vergonha de cantar com aquella voz de taboca rachada.

FAUSTINA.

Olha, Felicia ; eu sinto grande vexame de fazer estas cousas ; mas tu tens uns modos que obrigam a gente...

FELICIA.

Sim... já sei... porém, canta... anda. (Faustina canta.)

FAUSTINA.

Favonio da minha rosa,
Da minha rosa mais bella,
Se és fiel no teu amor,
Vence da sorte o rigor,
Que assim longe te detem,
De saudade murcha a rosa,
Ah favonio, corre, vem !
O favonio é puro amor ;
Mas ai que murcha de dôr
Pelas saudades que tem.

Favonio, se amas a rosa,
Ah ! depressa, corre ! vem !

SCENA IV

AS PRECEDENTES e HENRIQUE.

FELICIA.

Lá vem o favonio ; oh ! que magia tem o perfume d'esta
rosa !

ANNA. á parte.

Já me doem as cadeiras de estar tanto tempo curvada.
Ai ! ai ! quem ama, não tem socego !...

HENRIQUE.

Faustina ! minha bella Faustina ! eis-me aqui a teus
pés !

ANNA. á parte.

Ai zelos !... estou com uma fogueira no coração !...

FELICIA.

Conversem, conversem, enquanto não chega minha
tia. (A Anna.) Então, minha tia, está ouviudo ?...

ANNA, á parte.

Já escapei de desmaiar de raiva sete vezes.

FAUSTINA.

Snr. Henrique, confesso que estava agora anciosa por

vê-lo apparecer para acabar de todo com as minhas duvidas...

HENRIQUE.

De que duvidas quer fallar?... que ha?... (A parte.) Querem vêr que temos novo accesso de ciumes!... Estou-me convencendo de que o ciume é molestia chronica na minha noiva.

FAUSTINA.

A prima Felicia esteve ainda ha pouco conversando com minha tia e ouviu-lhe cousas taes a seu respeito, que foi obrigada a reconhecer que o snr. anda zombando de mim, e que me sacrifica a...

HENRIQUE.

Faça ponto ahi, D. Faustina; você cada vez se mostra mais injusta comigo: você... eu não sei... isto quasi que faz rir!... Pois devêras chegou um instante só a admittir a possibilidade de que eu amasse sua tia?... Ora esta!...

FAUSTINA.

Sim senhor... sim senhor... um homem é capaz de tudo; é capaz até de apaixonar-se por uma estaca enfeitada com um vestido e uma touca.

ANNA, á parte.

Então!... estou já como uma cobra! Eu caio em cima d'aquella maitaca, e pelo menos arranco-lhe o nariz.

HENRIQUE.

Ao pé de ti, minha bella Faustina, poderia eu ter olhos para vêr uma mulher... velha...

ANNA, á parte.

Ah ! malvado !

HENRIQUE.

Desageitada...

ANNA, á parte.

Oh perverso !...

HENRIQUE.

Feia...

ANNA, á parte.

Ladrão e assassino !

HENRIQUE.

Uma mulher a quem eu respeito sómente por ser sua tia!...

FELICIA, .. Anna.

Então, minha tia, que diz a isto?...

ANNA, a Felicia.

Estou como uma bomba : espera, que estouro já.

FELICIA, recuando.

E eu de longe.

FAUSTINA.

Pois bem ; estou decidida : não posso mais viver assim no meio d'estas duvidas que me desesperam : exijo absolutamente que o senhor desengane a minha tia, e que lhe diga em face que não a ama, que a despreza, que...

HENRIQUE.

Prometto, juro que lh' o direi hoje mesmo.

ANNA, apparecendo.

Pois diga já... diga... miseravel, homem indigno!...

FAUSTINA, recuando aterrada.

Oh!... meu Deus!...

FELICIA, correndo a ella.

Sio! sio! nada de desmaios por ora : ainda não é occasião.

FAUSTINA, a Felicia.

Deixa-me ; tu me atraçoaste.

ANNA, em furor.

Falle, diga, meu snr. ! faça a vontade, obedeça ás ordens da sua Dulcinea del Toboso : ande; insulte-me! diga que me aborrece, que me atraçoia por causa d'este milagre-sinho de cêra... d'esta hypocrita... sonsa dos sete tor-nozelos...

HENRIQUE.

Minha senhora, pois que tudo ouviu, poupou-me ao menos o desgosto de lhe dizer uma verdade que a contraria. Nunca dei á senhora o menor signal de amor, e nem poderia dal-o, porque amo ardentemente sua sobrinha, aspiro á gloria de chamal-a minha esposa, e por isso mesmo revolta-me vêr a injustiça com que ella, a mais formosa das creaturas, acaba de ser tratada.

ANNA, com violencia crescente.

E ainda em cima quer tomar-me contas?... Quem é o

snr. na ordem das cousas senão uma cousa nenhuma?... Culpa tive eu de esquecer-me da minha nobre prosapia e de abaixar os olhos sobre um triste bichinho da terra! bichinho?... um bichão venenoso! uma serpente...um scelerato que destruiu a paz da minha vida (enternecendo-se), e que me abandona agora sem piedade, deixando-me transformados o coração em fornalha de fogo, a alma em fonte de suspiros, e os olhos em dois rios de lagrimas... (Pausa, e depois avança, e brada.) Mas pelo menos não serei a unica desgraçada (A Faustina.) Oh! sim! eu te mostrarei, namoradeira de uma figa! eu me vingarei do traidor, fazendo a tua infelicidade, sim!... e que seja immediatamente... (Gritando.) Mano Joãosinho!..... mano Joãosinho!..... mano Joãosinho!...

FELICIA.

Minha tia, socegue; não se lembra de que o tio está presidindo á Junta e occupado com o concurso da torre?...

ANNA.

Ah! é verdade; mas eu me vingarei : juro, rejuro e torno a jurar. (Canta.)

ANNA.

O ciume que abrasa meu peito
Prorompendo feroz se verá ;
Foi a injuria terrivel, tremenda,
A vingança tremenda será !

FAUSTINA e HENRIQUE

Contra nós vingativo o ciume
Vae lançar-se com raiva e furor;

Mas o santo poder da virtude
Nos garante a victoria de amor.

FELICIA.

Uma velha em furor abrasada
É capaz de um guerreiro aterrar,
Minha tia enfezada, raivosa,
É peor do que um urso a bramar.

FAUSTINA e HENRIQUE.

Contra nós vingativo o ciume
Vae lançar-se com raiva e furor.

ANNA e FELICIA.

Contra vós vingativo o ciume.
Vae lançar-se com raiva e furor.

FAUSTINA, HENRIQUE e FELICIA.

Mas o santo poder da virtude...

ANNA.

A paixão que m' inflamma terrivel

FAUSTINA e HENRIQUE.

Nos garante a victoria de amor

FELICIA.

Vos garante a victoria de amor.

ANNA.

Me garante a vingança de amor.

FELICIA e ANNA.

Às suas ordens, meu snr. ! para dentro, minhas senhoras! (Seguindo-as) Ai! ai! quem ama, não tem socego.

HENRIQUE.

Ora pois! vae o meu amor de mal a peor!... (Vão-se.)

SCENA V

JOÃO FERNANDES, só.

Se eu pudesse arranjar uma chicarasinha de café para me confortar o estomago ! estou com medo de que sinh' Anninha me leve tambem isto a mal : é uma senhora que me traz por teias de aranha ! Mas enfim, vale a pena soffrer estes incommodos da barriga, quando se está em vespervas de possuir uma torre como não ha duas no mundo : ah ! tomára eu cá a alleluia do anno que vem ! que gôsto não será no momento em que repicarem os sinos rompendo a alleluia ! (Canta.)

Oh que gôstos rompendo a alleluia,
O foguete estoirando no ar,
Os moleques no Judas batendo,
E o sineiro na torre a tocar :
Din golin, din golin, din golin din !
Oh que gôstos ! que gôstos p'ra mim !

Aqui bombas, fazendo bum ! hum !
Lá pombinhos voando no ar !

Os meninos atraz dos foguetes,
E o sineiro na torre a tocar ;
Din golin, din golin, din golin din !
Oh que góstos ! que góstos p'ra mim !

SCENA VI

JOÃO FERNANDES, ANNA e logo FELICIA.

ANNA.

Este homem ha de ser toda a vida a minha vergonha !...

JOAO FERNANDES, á parte.

Foi-se a minha chicara de café ! (A Anna.) Sinh'Aminha, não diga isso a um homem que é presidente da heroica Junta !

ANNA.

O que digo, sr. capitão, é que venho fazer-lhe as minhas despedidas.

JOÃO FERNANDES.

Despedidas ! que quer dizer com isso ?... (Á parte.) Eis a maldita velha com as ameaças do costume !

FELICIA, apparecendo á janella.

Eu hei de por força ouvir a conversa de meus tios : desço n'um pulo : alli anda negocio da prima. (Desce, e vem deitar de vez em quando a cabeça fóra da porta, como observando.)

ANNA.

Está decidido : não posso viver mais na sua casa : ponha-me para aqui o que é meu ; entregue-me o meu testamento, e seja feliz, e divirta-se...

JOÃO FERNANDES.

Irmãzinha do coração!... você quer atirar-me n'um precipício!... olhe que eu sou capaz de degollar-me!

ANNA.

Nada : não posso soffrer por mais tempo a joia de sua filha : cada vez põe as manguinhas mais de fóra, e amanhã póde-lhe vir á cabeça dar-me com um páo de vassoura. Quero o meu dinheiro e o meu testamento.

JOÃO FERNANDES.

Sinh'Anninha, diga-me em que foi que lhe faltou ao respeito devido aquella doudinha, e verá como a-hei de fazer chegar á razão...

ANNA.

Fico-lhe muito agradecida : páo que nasce torto, tarde ou nunca se endireita : o snr. deitou a perder sua filha, passando-lhe a mão pela cabeça : agora não tem mais emenda : é uma enfezadinha, que ainda está cheirando aos cueiros, e já anda ás voltas com namoricos!

JOÃO FERNANDES.

Namoricos ! está o nome de João Fernandes pela rua da amargura! Sinh'Anninha, não me desampare na desgraça : conte-me o que fez o diabo da rapariga.

ANNA.

Apanhei-a toda derretida em conversa ferrada com o maganão do snr. Henrique; e onde?... onde?...

JOÃO FERNANDES.

Rebento de vergonha! foi no portão do quintal!

ANNA.

Pior do que isso, foi na porta da rua, e á vista de todos os que passavam! Oh! estou fóra de mim! não fico n'esta casa nem mais um dia: venha o meu dinheiro, e o meu testamento!

JOÃO FERNANDES.

Sinh'Anninha, não me abandone, por quem é, n'um caso d'estes; veja antes o que devemos fazer: decida, castigue, ponha de baixo de chave, corte os cabellos d'aquella rapariga desmiolada; mas não me deixe, snra.! não me deite a perder!... (Á parte.) Se a bruxa me arranca o dinheiro e o testamento! eu estouro.

ANNA.

Já estou cansada de me sacrificar pelos outros; lembrame, porém, a nossa nobre prosapia, e tratarei de vêr se posso ficar; mas ha de ser com a condição de obrigar sua boa filha a casar-se quanto antes.

JOÃO FERNANDES.

Com o tal tratante do Henrique, não é?... pois sim: vá feito.

ANNA.

Oh! velho maluco e desastrado! pois tem animo de se lembrar de semelhante immoralidade?...

JOÃO FERNANDES.

E esta! eu pensci que era do tal sujeito que fallava; mas se não é elle, e não podemos ser nem você nem eu, diga lá, quem ha de ser o noivo, escolha... ainda que seja um idiota, acceito, se dispensar o dote.

ANNA.

Quero que Faustina case com um dos dois engenheiros inglezes que ahi estão.

JOÃO FERNANDES.

Com o engenheiro que fizer a torre?... bravo! a duvida está em que elle acceite a noiva; porque um é lord inglez, e o outro philosopho; mas veremos... veremos... Oh! se eu fico com uma filha godemi, e com um genro que saiba concertar alambiques de engenhoca, dou pulos de contente! Sinh'Anniulha, você tem dez vezes mais juizo do que eu.

ANNA.

Ora que novidade! pois se você sempre foi um dois de páos!

JOÃO FERNANDES.

Então estamos decididos: a asneira de se ir embora passou.

ANNA.

Comtanto que se arranje quanto antes o casamento.

JOÃO FERNANDES.

Issa fica por minha conta. Ah! respiro! agora, sinh'-

Anninha, veja se me arranja depressa uma chicarasinha de café.

ANNA.

Qual café nem meio café ! pense em que o estão esperando na Junta. Ande, mano Joãozinho, vá cumprir o seu dever.

JOÃO FERNANDES.

E vou-me sem o café ! (Á parte.) Tenho uma irmã que se declarou inimiga da minha barriga ! é uma mulhersinha de taquari e faca de ponta : eu protesto que nunca mais serei presidente na minha vida. (Vae-se.)

SCENA VII

ANNA, só.

Não me chamem sinh'Anninha, se eu deixar no meio a minha viangança : aposto, afianço e protesto que a derretida de minha sobrinha ha de casar com um dos dois inglezes... e depois... depois que remedio terci, senão perdoar ao ingrato?... ai ! ai ! quem ama, não tem socego ! *Canta.*

Quem ama, não tem socego,
Anda sempre a suspirar,
Ai ! ai !
Quem me dera que me ouvisse,
Quem me póde consolar ;
Ai ! ai !

Em vão procura minh'alma
 Seu tormento disfarçar ;
 Ai ! ai !
 Quem ama, não tem socego,
 Anda sempre a suspirar ;
 Ai ! ai !

(Vac-se.)

SCENA VIII

FELICIA, só.

Escondi-me atrás da porta, e minha tia passou rente comigo, mas sem me vêr. Tenho um talento particular para enganar os velhos, e lembra-me que o defunto meu marido, quando se casou comigo, já tinha cincocenta annos. (Pausa.) Ora pois : desenganei a velha o melhor que era possível ; mas agora Faustina, que me suppõe traidora, está mal comigo, e o sr. Henrique desesperado contra mim : minha tia quer casar minha prima com um inglez... que farei?... eu que embrulhei o negocio, devo desembrulhal-o : se eu fosse Faustina, deixava-me furtar de casa para casar-me... mas minha prima é uma tola, e o sr. Henrique um namorado legal, que não dá um passo sem consultar a constituição e as leis do imperio, e não suspira nem pisca um olho senão conforme as disposições do código : com elles não se póde contar. Ah ! Felicia ! Felicia ! mostra que és viuva ; prova a tua experiencia... (Pensando.) Qual ! não me lembra um unico recurso... o melhor é esperar tudo do acaso.

SCENA IX

FELICIA e GERMANO.

GERMANO.

Onde estará Henrique?... maldito seja o namoro que tira o juízo á gente!

FELICIA, á parte.

Bem disse eu que devia esperar tudo do acaso : eis ahi um mocetão que de subito me apparece trazendo cara de acaso. (A Germano.) O snr. Germano póde dar-me uma palavra ?...

GERMANO.

Pois não, minha snra. ! (Á parte.) Esta viuvinha está fresea como um sorvete, e é tentadora como um verdadeiro demoninho vestido de saia.

FELICIA.

Primeiro que tudo, faça pouca bulha...

GERMANO.

Para lhe obedecer transformo-me todo inteiro em pés de lâ.

FELICIA.

O snr. não é amigo do snr. Henrique?...

GERMANO.

Oh! muito! muito! mas sou capaz de amar mil vezes mais a snra.

FELICIA.

Fico-lhe agradecida; mas não é preciso ter incommodo. Vamos ao caso, e depressa. Sabe que o seu amigo ama com a maior ternura a minha prima Faustina?...

GERMANO.

Sei; mas eu creio que estou começando a amar ainda mais extremosamente a snra.

FELICIA, á parte.

E elle a dar-lhe! (A Germano.) Pois bem : saiba que meus tios pretendem obrigar minha prima a casar com um dos dois engenheiros inglezes...

GERMANO.

Que loucura! não caia, porém, a snra. em casar com o outro charlatão...

FELICIA.

Não tenha medo; socegue; mas veja que se o tal projecto se realisa, o snr. Henrique perderia a cabeça; e se o snr. quizesse prestar um serviço ao seu amigo...

GERMANO.

Que pôsso eu fazer?... decrete, mande, como uina soberana que dá ordens a um escravo...

FELICIA.

Os dois charlatães são tão inglezes como nós, e se aqui houvesse verdadeira policia, com facilidade nos veriamos livres d'elles : não haverá perto algum destacamento?... não se poderia dar alguma providencia?...

GERMANO.

Na villa á que pertence este curato e que dista d'aqui umas dez leguas, ha um destacamento, e por signal eu sou amigo do commandante, que se chama Furia.

FELICIA.

Exactamente é de um Furia que temos necessidade.

GERMANO.

A snra?... mas porque antes não tem necessidade de um Amor?... Se quizer, eu vou chrismar-me com esse nome.

FELICIA.

O snr. tem um cavallo prompto ?...

GERMANO.

Na mangedoura.

FELICIA.

Corre bem ?...

GERMANO.

Mais veloz do que elle só a fama da sua belleza, minha snra.

FELICIA.

Não cansará ?...

GERMANO.

Como ?... mais ardente do que elle só o fogo do amor que me devora !

FELICIA.

Pois então a cavallo ! a cavallo, meu snr. ! e dentro de

vinte horas quero aqui o Furia á frente de algumas furias.

GERMANO.

E o meu premio?...

FELICIA, rindo.

A satisfação do seu amigo.

GERMANO, rindo.

Em consciencia... não acha que é pouco ?...

FELICIA.

Um agradecimento pela minha bocca.

GERMANO.

Veja se me promete um bocadinho mais, minha snra. !

FELICIA.

Um sorriso dos meus labios...

GERMANO.

E... e... e...

FELICIA.

Emfim... e um suspiro do meu coração.

GERMANO.

Parto como um raio. (Vae se correndo.)

SCENA X

FELICIA, só.

E eu fico como um gelo. O moço é de bom gôsto ; mas chega tarde, porque eu já dei a minha palavra a dois na còrte, e a um na capital da provincia. São tres primeiros amores, não contando com o do meu defunto marido. Agora a difficuldade está só na escolha : é verdade que quem tem tres primeiros amores, pôde ter ainda um quarto... e seria engraçado se o que chegasse por ultimo vencesse os que tivessem chegado antes : qual engraçado ! até era muito natural, porque em materia de primeiros amores, no coração das moças, o primeiro amore sempre o ultimo. Ora... só pela esquisitece... estava quasi... quasi... veremos : ninguem se deve precipitar em negocios serios. *(Vae-se.)*

SCENA XI

ATANASIO, MANOEL GONÇALVES e BONIFACIO.

BONIFACIO,

Ora, meus snrs., por quem são, moderem-se !...

ATANASIO.

Eu não cedo nem um palmo...

MANOEL GONÇALVES.

Eu não cedo nem uma pollegada... tenho por mim a maioria do povo do curato !

ATANASIO.

E que me importa a mim o povo, se eu sou aqui o subdelegado e capitão da companhia avulsa da guarda nacional, e tenho por mim os inspectores de quartelrão ?... snr. Manoel Gonçalves, reconheça : a opinião publica é a policia, só a policia, e sempre a policia.

BONIFACIO.

Não se esquentem, snrs. : ouçam-me primeiro : ambos os snrs. marcham para o mesmo fim e querem a mesma cousa, isto é, querem a torre...

ATANASIO.

Tal e qual...

MANOEL GONÇALVES.

Exactamente...

BONIFACIO.

Então porque luctam, e porque arrastam o povo para um combate ?... comprehendo que se separassem em partidos, se um quizesse a torre de fórma triangular, e o outro redonda ; se um quizesse a torre de pedra ordinaria, e o outro a preferisse de marmore ; mas os snrs, se separam sómente porque um quer a torre de lord Gimbo, o outro a de mister Matracoat, e no emtanto nem ao menos ainda viram o desenho de nenhum dos dois engenheiros.

ATANASIO.

Mas não é preciso vêr : a torre de mister Matracoat é por força melhor.

MANOEL GONÇALVES.

Nego : a de lord Gimbo é incontestavelmente superior.

BONIFACIO.

Já viram os planos?...

ATANASIO.

Não é preciso vêr.

MANOEL GONÇALVES.

Adivinha-se.

BONIFACIO.

Pois eu já vi os desenhos de ambos : são duas torres muito ordinarias, muito mal pintadas, muito semelhantes uma com a outra, e tendo apenas a unica differença de ser a torre de lord Gimbo pintada de vermelho, e a de mister Matracoat de amarello.

MANOEL GONÇALVES.

Pois basta isso : no vermelho é que está a cousa.

ATANASIO.

Não preciso mais : no amarello é que se acha o segredo.

BONIFACIO.

Pois nem assim se moderam ?

ATANASIO.

A guerra está declarada : recuar agora seria uma vergonha.

MANOEL GONÇALVES.

Eu hei de queimar o ultimo cartucho !

BONIFACIO.

Deixem-se disso, meus snrs. : em nome de nosso curato eu lhes proponho uma conciliação : visto que a unica differença dos dois desenhos está nas côres, assentemos em que a torre seja pintada de uma côr da base até o meio, e da outra côr do meio para cima. D'este modo tudo se fará a contento geral.

MANOEL GONÇALVES.

Mas se eu quero mostrar que o snr. não tem influencia legitima no curato !

ATANASIO.

Ora deixe-se de asneiras : não ha subdelegado sem influencia.

MANOEL GONÇALVES.

Um subdelegado faz-se e desfaz-se com uma folha de papel.

ATANASIO.

Mas, emquanto não se desfaz, póde bem embrulhar todas as influencias legitimas em outra folha de papel !

MANOEL GONÇALVES.

Pois embrulhe-me, se é capaz !...

BONIFACIO.

Snrs., com as embrulhadas é que se está estragando

tudo. Cheguem-se á razão : não deve haver lucta, onde não ha discordancia de opiniões : partidos só os que luetam por idéas : ponham de parte os caprichos... cedam... sejamos todos amigos...

ATANASIO.

Isso da minha parte seria uma fraqueza... Nada ! nada !

MANOEL GONÇALVES.

O snr. Bonifacio quer lançar-me agua fria na fervura ?...

BONIFACIO.

Quero a paz, a concordia, e uma torre bem bonita : hein ?... o povo ha de abençoal-os... faço idéa das acclamações que vão reeber... Vamos... quero ser o primeiro a abraçal-os... (Abraça-os.)

ATANASIO.

Pois bem... cedo, mas ha de ser com uma condição...

BONIFACIO, à parte.

Lá vem asneira certamente. (A Atanasio.) E qual é ?...

ATANASIO.

É que do meio para cima a torre ha de ser pintada de amarello...

MANOEL GONÇALVES.

Não, e mil vezes não ! do meio para cima ha de ser de vermelho !

BONIFACIO.

Sñrs...

II.

5

ATANASIO.

A primazia pertencerá sempre ao partido amarelo. Do meio para cima ? essa é boa !...

MANOEL GONÇALVES.

E pensava que eu havia de consentir em deixar-me por baixo !... declaro que estão rotas as negociações...

BONIFACIO.

Expliquem-se, por quem são ! não se póde brigar por uma simples futilidade... Qual é o verdadeiro motivo da desintelligencia que os separa ?..

ATANASIO.

Pois não está claro ?... é saber quem vae para cima !

MANOEL GONÇALVES.

Sim... é porque nenhum de nós dois quer ficar de baixo !...

BONIFACIO.

Em resultado, a questão essencial é saber quem ha de puxar pelo badalo do síno !

ATANASIO.

Seja o que quizer.... mas havemos de lutar ! eu conto com os meus inspectores de quarteirão na heroica Junta !...

MANOEL GONÇALVES.

E eu tenho a maioria por mim !... luctemos !...

VOZES, dentro.

Viva !... viva !... fóra !... fóra !...

SCENA XII

Os PRECEDENTES e JOÃO FERNANDES apressado.

JOÃO FERNANDES.

Snrs... temol-a travada! os dois engenheiros estão furiosos um contra o outro... os partidos acham-se desesperados, e eu já estou eom medo que a eousa aeabe hoje com algum godemicidio...

VOZES, dentro.

Viva! viva!... fóra!... fóra!...

JOÃO FERNANDES.

Eil-os ahi!...

SCENA XIII

Os PRECEDENTES, BAPTISTA e DINIZ capitaneando os seus grupos, CRESPIM e PASCOAL trazidos em triumpho e cada um d'elles com o seu desenho de torre hasteado como bandeira; povo na praça; ANNA, FAUSTINA, FELICIA e SENHORAS ás portas e janellas.

BAPTISTA.

Viva o partido vermelho!...

VOZES.

Viva!... viva!... fóra!... fóra!...

DINIZ.

Viva o partido amarello !...

VOZES.

Viva !... viva !... fóra !... fóra !...

CRESPIM.

Oh ! iesse ! tanquiu sai, vermelhas, tanquiu sai !

PASCOAL.

Oh mim star contente, mim star muito satisfatoria !

BAPTISTA.

É intoleravel ! a torre de mister Matraca é um insulto feito ao povo do curato : é um desenho infame ! o nosso Manoel Pedreiro faria cousa muito melhor ! (Applausos e vaías)

CRESPIM.

Estar direita ! estar spich inglis muito superfine ! Baptista ser muito boa deputada !

ATANASIO, a Pascoal.

Snr. engenheiro philosopho inglez, confunda aquelle malvado !...

PASCOAL.

Mim non ter que dá satisfação a gente vermelho... mim já diz tudo que deve os amarellas, e grita uma dia inteira que lord Gimbo pinta no sua panno uma grande poque vergonhe que chame torre !

CRESPIM.

Oh ! mim éstar furiosa e ter na cabeça dez mil diables

contre torre de mister **Matracoat** ! mister **Matracoat** nó sêr engenheira ! estar **burre**, **muite burre verruel** !...

JOÃO FERNANDES.

Burro verruel !... que insulto !...

PASCOAL.

Lord Gimbo estar mais estúpida que negro nova meia cara : torre de **lord Gimbo** ser ladroeira insuportable ! **lord Gimbo** estar brute god bai !

JOÃO FERNANDES.

Chi !... **bruto god bai** !... que ataque !... elles vão logo as do cabo !

CRESPIM, agarrando no desenho de Pascoal e gritando..

Stric for naive, etc., etc. (Falla imitando o inglez.)

PASCOAL, agarrando no desenho do Crespim e gritando.

Ai blise forming, etc., etc. (O mesmo.)

JOÃO FERNANDES.

Eil-os ferçados !...

CRESPIM, mostrando furioso o desenho.

Godemi ! wait banc travers, etc., etc. (O mesmo.)

MANOEL GONÇALVES.

Apoiado ! apoiado ! isso é que é verdade. (Applausos e vaias.)

PASCOAL, mostrando furioso o desenho.

Wors babington, etc., etc. (O mesmo.)

ATANASIO.

Bravo ! isto é que é dizer as cousas como ellas são. (Applausos, etc.)

CRESPIM, chegando-se a Pascoal.

Souvering de torre alames furter ! (O mesmo, baixo.) Pascoal, eu creio que não ha remedio, senão jogarmos um pouco de sôco inglez...

PASCOAL, gritando.

Wars abrod, etc., etc. (O mesmo, baixo.) Vá feito ! salve-se a verosemelhança...

BAPTISTA.

Vivam os vermelhos !... (Applausos e vaias.)

DINIZ.

Vivam os amarellos !... (Applausos e vaias.)

CRESPIM, despindo a casaca e arregaçando as mangas.

Godemi !...

PASCOAL, despindo a nizia e arregaçando as mangas.

Godemi !...

JOÃO FERNANDES.

D'esta vez vem o mundo abaixo !

MANOEL GONÇALVES, levantando a casaca.

Levante-se a divisa do partido !

ATANASIO, levantando a nizia.

Não role pelo chão a nossa bandeira !

CRESPIM, atirando se-sobro Pascoal.

Minhas vermelhas, faz largo !

PASCOAL, atirando se-sobro Crespim.

Afasta, minhas amarellas !

CRESPIM, dando sôco.

Godemi !...

PASCOAL, á parte.

Uh ! arrumou-me no nariz devéras ! espera, diabo
(Dando sôco.) Godemi !

PASCOAL.

Rebentou-me o ultimo dente do sizo ! o patife é mestre
do sôco inglez.

PASCOAL.

Godemi !... (Dá-lhe sôco.)

CRESPIM, á parte.

Outro ainda maior ! nada... eu appello para o jogo dos
capoeiras ; e arrumo-lhe uma cabeçada... (Dá-lhe cabeçada.)
Godemi !...

MANOEL GONÇALVES.

Brava cabeçada !... fogo n'elle !... (Applausos dos seus.)

ATANASIO.

Arrume-lhe, snr. Macota ! bravo ! assim ! (Applausos dos
seus.)

CRESPIM, dando.

Godemi !

PASCOAL, dando.

Godemi !

MANOEL GONÇALVES.

Não podemos ficar impassiveis... Avança, verme-
lhos !... (Avançando com os seus.) Viva o partido vermelho !...

ATANASIO.

Avança, amarellós !... (Avançando com os seus.) Viva o partido amarelló !...

JOÃO FERNANDES.

Ah quem d'el-rei !... ah quem d'el-rei !...

AS SENHORAS

Misericórdia !... (Canto geral.)

CRISPIM e PASCOAL.

Godemi !
Godemi !
Godsmi !
Godemi !

JOÃO FERNANDES e SENHORAS.

Soccorro !
Soccorro !
Soccorro !
Soccorro !

GONÇALVES e OS SEUS.

Vermelho !
Carrega !..
Derriba !..
Esfrega !

ATANASIO e OS SEUS.

Amarelló !...
Arremette !...
Desança !...
Accomette !

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

O theatro representa a mesma decoraçào dos actos anteriores.

SCENA PRIMEIRA

ANNA, FELICIA e logo JOÃO FERNANDES.

FELICIA.

Minha tia, por quem é, mostre-me a cartinha de Faus-
tina; deixe-me apreciar os circumloquios da prima.

ANNA.

Não me exasperes tu tambem... tu és tão boa como
ella!

JOÃO FERNANDES. com mão humor e irritado.

Empatado! sahiu tudo empatado! isto é um desafôro!...

FELICIA.

Que é isso, meu tio?...

JOÃO FERNANDES.

Que ha de ser?... Foi a heroica Junta votar por escrutinio secreto sobre a escolha de um dos dois engenheiros para fazer a torre, e por fim de contas tantos votos obteve o vermelho como o amarello! Empatado! sahiu tudo empatado! isto é um desafôro!

FELICIA.

E portanto, nada ha feito?...

JOAO FERNANDES.

Nada; mas appellaram para o suffragio universal que é uma cousa que eu não entendo; mas o certo é que o povo do curato que está todo reunido, vae proceder immediatamente á eleição do engenheiro para a torre, e por minha desgraça sou eu o presidente da mesa eleitoral.

ANNA.

Pois, snr. Joãozinho, continue a abandonar a sua casa para occupar-se com essas barafundas politicas que ha de ganhar muito com isso : dentro em pouco a deshonra e a vergonha hão de lhe subir pelas portas e janellas ácima, como a herva de passarinho pelos galhos de uma laranjeira velha.

JOÃO FERNANDES.

Que é que está dizendo, sinh' Anninha?...

ANNA.

Digo-lhe que sua boa filha já garatuja cartinhas de amor... Veja lá esta eloquencia... (Dá-lhe a carta.)

JOÃO FERNANDES.

Morro de peste !...

FELICIA.

Qual, meu tio! isto é peste que não mata pessoa alguma.
Se matasse, estava o mundo despovoado.

ANNA.

Leia, ande : leia você mesmo para vêr se toma juizo.

JOÃO FERNANDES, pondo os oculos.

Isto ha de ser mais feio do que um rol de roupa suja!
(Londo mal.) « Que... ri... do amor! » vae-me faltando a voz :
« mi...nha tia me es...tá levan... ao de...ses...pero. » O
diabinho da rapariga escreve ainda peor do que o meu
escrivão : « estou vi...ven...do no in...xi...xi...xi... »
(A Felicia.) Que diabo de aranha é esta?...

FELICIA.

É um *f*, meu tio.

JOAO FERNANDES.

F é o teu nariz : isto é um *x*.

FELICIA, tomando a carta.

Dê-me a carta, que eu acabo de lêr. (Lê.) « Estou vivendo
no inferno : não posso mais soffrer minha tia : se você
deveras me estima, peça-me em casamento hoje mesmo
a papae, e se elle lhe negar a minha mão, tire-me por jus-
tiça ; porque eu quero me casar com você, e a vontade da
cidadoa é livre. Sua amante do coração : a mesma. » Mi-

nha prima está muito atrasada em cartas de amor... coitadinha... nunca andou em collegio...

ANNA.

Então, que me diz a cidadoa parlamentar que já não póde soffrer sua tia?...

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha, vamos lá dentro, e procure-me a palmatoria.

FELICIA.

Que quer fazer, meu tio ?

JOÃO FERNANDES.

Quero ir ás unhas da cidadoa.

ANNA.

Qual palmatoria nem meia palmatoria ! este crime deve ter um castigo prompto e exemplar : mano Joãozinho, lembre-se do que me prometteu hontem á tarde : eu quero que você declare e publique a todos que dará sua filha em casamento com trinta mil cruzados de dote ao engenheiro que fôr escolhido para fazer a torre.

FELICIA, á parte.

É vingança de mulher e de mulher velha : minha tia tem cabellino na barba.

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha, o casamento faz-me conta, principalmente se o inglez souber concertar alambique de engenhucoç ; mas os trinta mil cruzados de dote ! Misericordia!..

ANNA, batando com o pé.

O que disse, ha de fazer; está decidido!

JOÃO FERNANDES.

Sura... não me condemne a andar pedindo esmolas!
eu estou com as finanças completamente desafinadas.

ANNA, ameaçando.

Ai! ai! ai!

JOÃO FERNANDES.

Isto é pôr-me uma faca aos peitos!

ANNA.

Pois então fique-se com sua filha, e dê-me para cá o
meu testamento e o que me pertence : e já e já!... vamos!

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha, socegue...

ANNA.

Uma de duas : ou vou-me embora, ou é fazer o que digo.

JOÃO FERNANDES, à parte.

E devéras a velha é capaz de fazer peor do que diz!
(A Anna.) Sinh' Anninha, você é os meus peccados... Eu
cedo... venha cá... darei vinte mil cruzados de dote... é
mais do que se desse o coração...

ANNA, depois de reflectir.

Concordo : eu sou condescendente; mas você ha de
fazer agora mesmo a declaração publica do casamento

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha... eu não sei fallar em publico... sou muito vexado...

ANNA.

Pois publique por edital : você não é juiz de paz?...

FELICIA, á parte.

Lá vae minha prima ser posta em edital!...

SCENA II

Os PRECEDENTES e BONIFACIO.

BONIFACIO.

Snr. juiz de paz, assigne depressa esta portaria, convocando o povo para proceder á eleição do engenheiro.
(Apresenta-lhe um papel, tinteiro e penna.)

JOAO FERNANDES.

Aponte-me sempre com o dedo, onde deo escrever o meu nome...

BONIFACIO, apontando.

Aqui. (João Fernandes recebe o papel e ac assignando.)

ANNA.

Snr. escrivão, uma palavrinha...

BONIFACIO.

Prompto e ás ordens, minha snra. (Conversam á parte.)

FELICIA, á parto.

Está o juiz de paz assignando, e a juiza da guerra conspirando.

JOÃO FERNANDES.

Este nome Fernandes é bem atrapalhado para se escrever!

BONIFACIO, a Anna.

Que diz, minha snra. ?... um edital !...

JOÃO FERNANDES, á parto.

Ai meus vinte mil cruzados!... (Entregue o papel.)

ANNA.

Mano Joãozinho, já expliquei tudo ao snr. Bonifacio, e elle vae escrever o edital, e publical-o.

BONIFACIO.

O snr. juiz de paz ordena ?... o caso me parece extravagante...

ANNA.

Falle, mano Joãozinho !

JOÃO FERNANDES, com força.

Ordeno! (A parto.) Ai meus vinte mil cruzados!

FELICIA, a Bonifacio.

Não escreva, snr. Bonifacio; olhe que é erro de officio.

BONIFACIO.

A cousa é estapafurdia, mas tem seu lugar : o edital

vae inflammam ainda mais os taes partidos ; porém... aqui não ha mesa para se escrever... só se entrassemos em casa...

ANNA.

Não é preciso : escreva sobre as costas do mano João-sinho.

JOÃO FERNANDES.

Sobre as minhas costas, sinh' Anninha ?...

BONIFACIO.

Eu não me atrevo... sobre as costas de Sua senhoria..

ANNA.

Não quer dizer nada : curve-se, mano Joãozinho : olhe, que boa mesa! (João Fernandes curva-se : Anna põe-lhe nas costas o tinteiro e estende o papel.) Escreva, snr. Bonifacio !

JOÃO FERNANDES, seguro por Anna.

Escreva... ande depressa, olhe, que se houver demora, a sinh' Anninha derrea-me.

BONIFACIO.

Lá vae por ordem de Sua senhoria. (Escreve.)

FELICIA, á parte.

Que miseria ! estou com vergonha de meu tio!

JOÃO FERNANDES.

Snr. Bonifacio, não carregue muito com a mão, que me dóe a espinha. (Á parte.) Ai meus vinte mil cruzados!... (Canta.)

Pelo dinheiro um homem de juizo
Soffre o diao sem sentir abalo ;
Vende affeições, aluga a consciencia,
E até as vezes serve de cavallo.

Casa com a velha mais pateta a feia,
Se um rico dote a bruxa lhe offerecer,
E até se curva, põe-se de gatinhas,
E faz das costas mesa de escrever.

BONIFACIO.

Prompto : veja a snra. se está a seu gôsto. (Anna lê.)
Espere... (A João Fernandes, que se move.) Não se mova... que
desgraça! (Entorna-se a tinta.)

FELICIA.

Ah! ah! ah! ah!

JOÃO FERNANDES, limpando-se.

Ora está! fiquei todo borrado!...

ANNA.

Não faz mal : assigne já o edital. (João Fernandes assigna.)
Agora toca a lê-lo ao povo.- (A Bonifacio.) Mas diga-me pri-
meiro : como vae a eleição?...

BONIFACIO.

Furiosa e indecisa : o dinheiro, a fraude, a violencia,
e o diabo estão fazendo brilhaturas.

ANNA.

E qual é o mais feio e antipathico dos dois ingle-
zes?...

BONIFACIO.

O da casaca vermelha, que tem cara de gato do mato.

ANNA.

Pois é esse que ha de vencer para casar com Faustina,
Eu já volto. (Entra.)

SCENA III

FELICIA, JOÃO FERNANDES e BONIFACIO.

JOÃO FERNANDES.

Ora isto ! fiquei todo sujo !

BONIFACIO.

Snr. juiz, sabe o que faz com este edital?...

JOÃO FERNANDES.

Snr. Bonifacio, aqui para nós, eu estou coacto.

BONIFACIO.

E quer que o publique?...

FELICIA.

Elle já delarou que está coacto : não publique... é
contra a lei...

JOÃO FERNANDES.

Publique, e leve tudo o diabo, comtanto que me fique
o testamento e a fortuna da tartaruga de minha irmã.

SCENA IV

OS PRECEDENTES e ANNA de chale e chapéo.

ANNA.

Mano Joãozinho, dê-me a sua carteira... ande... vamos...

JOÃO FERNANDES.

Eil-a ahi, snra. ; mas veja que tem dentro seiscentos e trinta e dois mil réis... (Á parte.) Ai! ai! (Dá a carteira.)

ANNA.

Snr. Bonifacio, pregue já o edital, e até logo. Indo-se.

JOÃO FERNANDES.

Onde vae, sinh'Anninha da minh'alma?...

ANNA.

Vou cabalar. (Vae-se.)

FELICIA.

Ah! ah! ah!... (Bonifacio prega a portaria e depois toca o sino.)
Snr. Bonifacio, olhe que está tocando a fogo!...

BONIFACIO.

E é mesmo questão de fogo, porque se trata de uma moça que quer casar. Chamo o povo para ouvir lér o edital.

JOAO FERNANDES.

E eu vou esconder minha vergonha no fundo do quintal. (Entra com Felicia.)

SCENA V

BONIFACIO, Povo e logo JOÃO FERNANDES.

BONIFACIO.

Convoquei a toque de sino o povo do curato, para mostrar-lhe um edital que acabo de afixar (mostra-o), e no qual o nosso juiz de paz se obriga a dar sua filha em casamento com vinte mil cruzados de dote ao engenheiro que fizer a nossa torre : eil-o! leiam todos! (O povo examina o edital.) É um grande acto de heroicidade!... (À parte.) É uma grande prova de falta de juizo.

VOZES.

Viva o nosso juiz de paz!... viva!...

JOÃO FERNANDES, apparecendo á porta.

Ai meus vinte mil cruzados!...

BONIFACIO.

Agora vamos tratar da eleição : venha, snr. juiz de paz, venha, que a cabala ferve.

VOZES

Viva o nosso juiz de paz! viva!... (Cercam-no e o applaudem)

JOÃO FERNANDES.

Obrigado... obrigado, meu povo!... (Á parte.) Eu cá sei o que me dóe!...

CORO GERAL.

Avante! avante!... avante!...
 Não ha que descansar!...
 É dia de batalha,
 Avante a cabalar!

(Vão-se todos.)

SCENA VI

HENRIQUE e logo FAUSTINA.

HENRIQUE.

Isto é incrível! não... (Vê o edital; arranca-o e guarda-o.) Mas é verdade! eil-a ahí! pobre Faustina! é uma victima. é...

FAUSTINA.

Henrique... oh! tem compaixão de mim! condemnam-me á humiliação e á vergonha... sou objecto da zombaria de todos... oh! salva-me... é por ti que eu soffro... salva-me... appella para a justiça dos homens...

HENRIQUE.

A justiça no interior das provincias é a vontade absoluta dos potentados : ririam de ti e de mim se eu apellasse para ella ; consola-te, porém, e anima-te : acabo de

receber uma carta da capital que me encheu de prazer ; oh! minha amada, minha bella noiva ; nós vamos ser felizes!

FAUSTINA.

Porém, quando ? eu já não posso esperar... minha vida é um tormento incessante...

HENRIQUE.

Talvez hoje mesmo brilhe a nossa ventura, e este indigno edital será ainda para nós uma garantia de felicidade. Seremos um do outro á face de Deus e dos homens.

FAUSTINA, alegre.

Será possível?... não me enganas ?...

HENRIQUE.

Juro-te pelo nosso amor.

FAUSTINA.

Então dou tudo por bem soffrido ! (Henrique observa se vem gente : Faustina falla á porta.) Vou deixar a vida de solteira! vou casar-me! ah! tambem eu não podia mais... é uma massada insuportavel! (A Henrique.) Mas, dize, que noticia recebeste ?...

HENRIQUE.

Não : quero guardar segredo para dar-te o prazer da surpresa...

FAUSTINA.

Pois sim... mas o essencial é que nos casemos em breve...

HENRIQUE.

Que duvida !... só se você disser que não quer, Faustina...

FAUSTINA.

Quero ! quero ! desde pequenina que o desejo !...

HENRIQUE.

Sinto rumor de gente que se aproxima.

FAUSTINA.

Adeus ! não quero que nos encontrem conversando.
(À parte.) Ah ! tomará ver-me casada para conservar á minha vontade com meu marido ! (Voltando-se : a Henrique.) Lembra-te do que me juraste... do essencial, Henrique ! (Vae-se.)

HENRIQUE.

Lembra-me muito... muito... adeus !... (Vae-se.)

SCENA VII

CRESPIM e PASCOAL, cada um de seu lado.

CRESPIM, olhando desconfiado.

Adeduce verruel !

PASCOAL, o mesmo.

lesse tanquiu sai.

CRESPIM.

Eu creio, Pascoal, que estamos sós e podemos virar a lingua.

PASCOAL.

Eu ando desesperado por achar com quem falle portuguez.

CRISPIM.

Pois então põe um olho na direita, que eu ponho outro na esquerda para que não nos apanhem desprevenidos ; porque é preciso não esquecer que somos inimigos.

PASCOAL.

Sim ; tu pões um olho na esquerda e eu outro na direita ; mas se nos vierem pela retaguarda?...

CRISPIM.

É bem lembrado ; mas não se deve esperar pelo fundo, a uma gente que não tem fundo.

PASCOAL.

Pois muito bem : olho vivo e vamos ao que importa. Meu Crespim, estou vendo esta patifaria de engenheiros muito mal parada. Tu não descobres no horizonte do dia de amanhã uma cousa que se parece assim com uma sova de páo?...

CRISPIM.

Oh! capanga muito ordinario! tens animo de lembrar-te de sova de páo, quando te offerecem a gloria de ser engenheiro da torre, e te pedem por favor que te cases com uma moça que tem vinte mil cruzados de dote?...

PASCOAL.

É verdade... sim ; mas se eu tenho sina de cachorro!

Escuta, Crespim : se o teu partido vencer, de que modo te has de arranjar, se tu nunca soubeste como se arma um mundéu, quanto mais como se levanta uma torre?... como te improvisarás engenheiro na pratica, meu Crespim ?...

CRESPIM.

És o typo da estupidez, Pascoal ; vives na cidade, e não enxergas as casas ! attende, miseravel : não ha professores de collegios que ensinam o que nunca souberam ?... não se transforma em diplomata um boneco que sabe sómente namorar e fazer cortezias ?... não se improvisam estadistas da noite para o dia ?... não se faz de um homem de juizo torto um juiz de dircito ?... o patronato não é um santo milagroso que torna um jacaré em Adonis, um tratante em benemerito da patria, e um taboa rasa em sabio da Grecia ?... pois então porque tambem não poderei ser um engenheiro de torres, e, ainda melhor, casar com a filha do capitão João Fernandes ?...

PASCOAL.

Mas, por fim de contas, como has de construir a torre ?...

CRESPIM.

Nada mais siimples : chamo um mestre pedreiro e um mestre carpinteiro e mando-os arranjar a obra como puderem. Olha, Pascoal ; faz-se muito disso ahi por esse mundo do Brasil : tanto o povo como o governo já estão habituados a comer gato por lebre, e até parece que gostam do guisado.

PASCOAL.

Mas, Crespim, nós estamos illudindo indignamente este pobre povo !

CRESPIM.

Ora que novidade ! o pobre povo anda quasi sempre illudido por aquelles por quem mais trabalha e se sacrifica. É um tolo que não se corrige : quanto mais o enganam, menos elle se desengana. Zombemos pois do povo, na certeza de que não somos os primeiros que o fazemos. Entretanto, como sou teu amigo, e vejo que realmente ha perigo n'esta embrulhada, aconselho-te, Pascoal, que te ponhas ao fresco o mais depressa que te fôr possivel.

PASCOAL.

Sim, grandississimo velhaco, para te achares só em campo, e comeres o dinheiro da torre e o dote da pequena : pois não será assim ! tu és tão bom engenheiro como eu, e aconteça o que acontecer (com fogo,) não commetterei a infamia de abandonar o glorioso partido amarello !

CRESPIM.

Mas, olha, que tu tens sina de cachorro !

PASCOAL.

Embora ! hei de sacrificar-me pelas idéas sãs e patrioticas do partido amarello ! prefiro ser feito em postas a ceder-te a gloria de...

CRESPIM.

De comer o dinheiro do povo e de devorar o dote da

filha do velho : conheço muito patriotismo d'essa qualidade.

PASCOAL.

Tu és um cynico : os homens de gravata lavada, como eu, sabem esconder as idéas mais ignobeis em bonitas palavras : no nosso caso a obra da torre deve chamar-se um serviço relevante prestado á patria, e o casamento com os vinte mil cruzados da pequena um enorme sacrificio consummado em signal de gratidão ao amor do povo.

CRESPIM.

Excellent! agora o que cumpre decidir é qual de nós dois deve empolgar o bolo.

PASCOAL.

Eu, que sou o chefe do partido amarello!

CRESPIM.

E então onde fico eu com o meu partido vermelho?...

PASCOAL.

Oh! o bolo!... o bolo!... malvado! queres, portanto, oppôr-te á minha fortuna?... ah! não poder eu dizer a toda esta gente que tu és um valdevinos, e que nunca foste engenheiro!

CRESPIM.

Tem paciencia : nós somos d'aquella especie de chefes de partidos que conhecendo-se bem, sabem que têm uns e outros uns rabos de legua, e meia : em tal caso é de regra

que tu respeites a minha cauda para que eu não pise na tua. Pascoal, nós somos dois ingleses, tão ingleses como a propria lama de Londres.

PASCOAL.

Mas o bolo !... o bolo !... o bolo !...

CRESPIM.

O bolo ! o bolo é a causa principal de muita maxini-fada que se faz ahi por esse mundo.

PASCOAL.

Eu quero fazer a torre e casar com os vinte mil cruzados da filha do velho !

CRESPIM.

Pois veremos quem vence, vermelho ou amarello !

PASCOAL.

Portanto, guerra ! e comecemos immediatamente :
(Querendo brigar.) Em guarda !

CRESPIM.

Olhem que bobo !... pateta das luminarias, nós somos os dois zangões dos nossos partidos, e os zangões dos partidos não costumam bater-se : os pequenos sacrificam-se por elles ; o povo joga o sôco, suja-se de lama, e algumas vezes de sangue, e os vivatões no quartel da saúde esperam que a contenda se decida, e comem o prato que outros para elles preparam : eu hei de seguir tão proveitoso exemplo : sou um chefe e zangão do partido vermelho e portanto, não me exponho nem me bato. Não preciso de

provar que tenho mãos e braços : o essencial está aqui :
(Batendo na barriga.) **Tenho barriga !**

PASCOAL.

Dêste-me um quináo de mestre : tu nasceste para ministro de Estado. (Cantam.)

CRISPIM e PASCOAL.

Alegres vivamos, comendo e bebendo
Á cnsta dos tolos que brigam por nós ;
Deixal-os que luctem, que bulhem, que morram,
Que mordam-se todos com raiva feroz.

Deixemos que os tolos por nosso interesse
Os ossos rebentem a sóco e a páo :
Comamos o bolo, e por fim de contas,
Aos que se queixarem, diremos-babáuí

CRISPIM.

Sinto grande rumor ; mas ninguem ehga pela direita.

PASCOAL.

Nem pela esquerda, juro-te eu.

CRISPIM.

Então é tempestade que vem pela retaguarda. Cuidado ! Inglezes como d'antes.

SCENA VIII

CRESPIM e PASCOAL passeando em sentido diverso e cantarolando o *God save*; BAPTISTA, DINIZ e alguns dos seus trazendo duas mesas grandes e duas pequenas, que cobrem de garrafas, assados, pão, etc.; as mesas pequenas reservadas para CRESPIM e PASCOAL ficam na frente.

BAPTISTA.

Snr. lord Gimbo, eis aqui uma mesa especial para V. Exa. se refrescar, e animar o povo com a sua presença. (Ao povo.) Quem votar com o nobre partido vermelho, tem aquella mesa para comer e beber. Cheguem! nada de cerimoniaes!

CRESPIM, comendo e bebendo.

Verruel! bat mai sok! (Passea depois.)

DINIZ.

Snr. mister Maracataprá, a sua mesa de honra é esta, e a do glorioso partido amarello aquella. (Ao povo.) Quem votar comnosco, beba e coma quanto puder!

PASCOAL, comendo e bebendo.

Mim vai fique trinque de rame: ai god plink pude-lim! (Passea depois.)

CRESPIM, á parto e comendo.

Aquillo é ingiez de preto minas.

BAPTISTA.

Amigos, não ha tempo a perder; a cabala ferve! (Vae-se.)

DINIZ.

O partido amarello reclama a minha presença fóra d'aqui... toca a trabalhar! (Vae-se.)

SCENA IX

CRESPIM e PASCOAL comendo e passeando; começa a cabala; os cabalistas agitam-se fundo; ANNA entre e sae apressada, comprando votos, levando votantes, etc. — D'aqui até o fim, viveza e variedade nas scenas.

CRESPIM.

Eu vi um que trazia o nariz esborrachado : creio que já houve pancadaria lá por fóra.

PASCOAL.

Não faz mal : é por nossa gloria : o povo tem juizo como terra.

CRESPIM.

Falla baixo, ou falla inglez, diabo !

SCENA X

CRESPIM, PASCOAL, BONIFACIO e JOÃO FERNANDES
que o segue.

BONIFACIO.

Estou muito occupado, snr. juiz de paz...

JOÃO FERNANDES.

Um momento só, snr. Bonifacio : valha-me nos apuros em que me vejo : escute aqui em segredo. Eu estou entre a cruz e a caldeirinha : não sei como hei de votar n'esta maldita eleição : não quero ficar mal com pessoa alguma, e já recebi cinco chapas de cada partido. Estou com os bolsos cheios.

BONIFACIO.

Em quem deseja V. S. votar ?...

JOÃO FERNANDES.

Homem, eu prefereria votar n'aquelle que concertasse o alambique da minha engenhoça.

BONIFACIO.

Qualquer dos dois engenheiros jura que é capaz de fazel-o.

JOÃO FERNANDES.

Então veja se me arranja um meio de eu votar em ambos.

BONIFACIO.

É impossivel.

JOÃO FERNANDES.

Mas se eu não quero ficar mal com pessoa alguma! isto é uma patifaria ! tomára que me riscassem da lista dos votantes por falta de senso commum.

BONIFACIO.

Dê-me cá as chapas. (Recebo-as e dá-as arranjadas.) Ponha

todas as amarellas no bolso esquerdo ; agora todas as vermelhas no direito : quando algum dos cabalistas quizer vêr a sua lista, lembre-se do bolso direito e esquerdo, e mostre a chapa do sujeito : no acto da entrega, aperte bem o papel na mão, e introduza na urna sem ninguem vêr-lhe a côr. Até logo. (Vae-se.)

JOÃO FERNANDES.

Esta só lembra ao diabo ! quem quizer falcatruas, procure um escrivão.

CRESPIM.

Quanta pouca vergonha vae já por alli !

PASCOAL.

Estou com vontade de me atirar na eleição : é uma patuseada incomparavel !

JOÃO FERNANDES, estudando.

Esquerdo... amarella : direito... vermelha : vermelha... direito : amarella... esquerdo : tomára apanhar um cabalista para pregar-lhe o mono.

SCENA XI

CRESPIM, PASCOAL, JOÃO FERNANDES, ATANASIO e MANOEL
GONÇALVES cercando João Fernandes.

JOÃO FERNANDES, á parte.

Estou entre Pilatos e Caiphaz !...

ATANASIO, puxando João Fernandes.

Póde ter a bondade de mostrar-me a sua lista ?...

MANOEL GONÇALVES, o mesmo.

Snr. capitão, quero vêr a sua chapinha.

JOÃO FERNANDES.

Os snrs. estão me pondo n'um torniquete !

ATANASIO.

Snr. Manoel Gonçalves, arrede-se, este homem sempre votou comigo !

MANOEL GONÇALVES.

É falso ! elle sempre entrega a minha lista !

JOÃO FERNANDES. á parte.

Os dois diabos sabem mais do que, eu, que ignoro completamente com quem tenho votado até hoje ! (Aos dois.) Snrs., não briguem ; eu vou mostrar-lhes a minha lista. (Leva Atanasio para um lado e dá-lhe do bolso direito.) É esta... veja. (Leva para o outro lado Manoel Gonçalves e dá-lhe do bolso esquerdo.) É esta ; mas segredo ! (Olhando-os.) Misericordia !... troquei as bolas !...

ATANASIO.

É um homem sem fé e sem palavra !...

MANOEL GONÇALVES.

O snr. é um... um... troca-tintas !...

JOÃO FERNANDES.

Os snrs. me insultam !... troca-tintas !...

SCENA XII

OS PRECEDENTES e ANNA.

ANNA

Afastem-se ! o mano Joãosinho vota comigo ; snr. Manoel Gonçalves, eu respondo por elle. (Atanasio retira-se contrariado.)

JOÃO FERNANDES, á parte.

Ora está ! vou fiar votante seguro sem querer !

CRESPIM, á parte.

Temos uma saia envolvida na eleição : vae entrar o diabo na urna.

ANNA.

Snr. Manoel Gonçalves, já puz miolo vermelho em vinte chapas amarellas ; mas de cada vez que fiz uma dessas proezas, sahi tambem miolo da carteira do mano Joãosinho.

MANOEL GONÇALVES.

A snra. é a cunieira do partido vermelho.

CRESPIM, á parte.

Ai que a velha é do meu partido ! Tenho uma tartaruga nas minhas columnas.

JOÃO FERNANDES, á parte.

Eu tinha na carteira seiscentos e trinta e dois mil réis !...

SCENA XIII

OS PRECEDENTES e BAPTISTA apressado.

MANOEL GONÇALVES

Que novidades ha ?...

BAPTISTA.

Um contratempo : Ambrosio Cebola nosso votante firme cahiu do cavallo no caminho com um ataque de mal de gotta.

MANOEL GONÇALVES.

Tratante! porque não havia de ter o ataque de mal de gotta depois da eleição ?... mas emfim o Braz Pereira que não está qualificado, póde entregar uma chapinha por elle.

BAPTISTA.

É impossivel : o Braz Pereira já está fallado para votar por um morto e por dois invisiveis.

ANNA.

Então eu visto-me de homem, e vou votar com o nome de Cebola.

JOÃO FERNANDES.

Sinh'Anninha ! por quem é, não faça isso !

CRESPIM, á parte.

Cebola parece-me com effeito o diabo da velha.

BAPTISTA.

Tenho outra idéa : está lá em casa um caixeiro de um negociante da capital que veio proceder a algumas cobranças, e se elle quizesse...

MANOEL GONÇALVES.

Ha de querer por força., vá busca-o... corra... võe!...
(Vae-se Baptista.) Viva o partido vermelho!... (Vae cabalar; o mesmo Anna.)

ATANASIO, abraçado com um votante.

Meu amigo... chegue-se á razão.... o sur. não pôde negar este favor ao seu subdelegado!

VOTANTE.

Mas eu móro nas terras do sur. Baptista, e se não votar com elle, sou posto fóra do sitio... é impossivel..

ATANASIO.

Então o sur. continúa a resistir aos meus pedidos?...

VOTANTE.

Não posso servir-o... eu tinha vontade ; mas não posso...

ATANASIO.

Está no seu direito : eu respeito muito a liberdade do voto ; mas fique certo de que dentro de tres dias seu sobrinho Porfirio será recrutado : ha de ser um excellente soldado !

VOTANTE.

Por quem é, sur. subdelegado !

ATANASIO.

Eu não sirvo a quem não me serve : o snr. atreve-se a resistir á policia ! é um inimigo do governo ! é um revolucionario !

VOTANTE.

Mas o meu sitio... snr... o meu sitio !...

ATANASIO.

Pois bem, escute : dê-me a sua lista ; aqui tem esta que é da mesma côr vermelha, mas que leva miôlo amarello : o Baptista pensará que o snr. vota com elle e ficamos arranjados... (Troca as listas.)

VOTANTE.

Assim vá feito... pôde contar comigo...

ATANASIO.

Veja o que diz ! ... lembre-se de seu sobrinho e do recrutamento ! (Vae para o fundo.)

VOTANTE.

Não tenha duvida... (Á parte.) Ora veja ! como se a gente pobre fosse escrava da policia... eu não voto com a policia nem pelo diabo !...

SCENA XIV

CRESPIM, PASCOAL. ATANASIO, DINIZ, MANOEL GONÇALVES
e ANNA a seu tempo.

DINIZ, a correr.

Snr. Atanasio ! snr. Atanasio ! a velha sinh'Aninha

furtou-nos sete guardas nacionaes que vieram com o alferes Felisberto... os tratantes não querem mais votar connosco...

ATANASIO.

Corra e vá dizer ao Felisberto que os ameace com piquete dobrado, e com o recrutamento, e que prenda e tranque no xadrez por crime de desobediencia aquelles que resistirem. Corra! vá!

DINIZ, correndo para fóra.

Viva o voto livre!... viva o voto livre!... (Vae-se.)

CRESPIM.

Bebe vinha, minilhas vermelhas! bebe vinha p'ra bota terra nos olhos das amarellas!...

VOZES.

Viva o snr. lord Gimbo!... viva!... (Bebem.)

ANNA, corre, toma um copo - bebe.

Á razão da mesma!... (Applausos: vae cabalar.)

PASCOAL, á parte.

Aquella velha é a melhor cabalista da terra! estou vendo que me fura a chapa!...

SCENA XV

CRESPIM, PASCOAL, ATANASIO, MANOEL CONÇALVES,
BAPTISTA e logo DINIZ.

BAPTISTA, furioso.

Snr. Manoel Gonçalves, isto é um desafôro! a policia

arrombou o portão do quintal do Fidelis, e furtou-nos dois votantes que estão escondidos na casa do snr. sub-delegado !...

MANOEL GONÇALVES. *s. Atanasio.*

Snr. Atanasio, esta acção é infame !... a constituição diz que o asylo do cidadão é inviolavel !...

ATANASIO.

Pú !... pú !...

DINIZ, furioso.

Snr. Atanasio ! snr. Atanasio !... isto brada ao céu !... a sinh'Anninha fez embebedar tres votantes nossos que estão cahidos na rua e não podem votar !...

ATANASIO.

Snr. Manoel Gonçalves, semelhante procedimento é revoltante, immoral, e offensivo aos preceitos do pacto fundamental !...

MANOEL GONÇALVES.

Pú !... pú !... pú !

SCENA XVI

OS PRECEDENTES, BONIFACIO apressado, e logo ANNA, SINEIRO.

BONIFACIO.

Chegou a hora da eleição : vae-se formar a mesa, snrs. !

VOZES.

A mesa ! a mesa !... (O sino toca o sino.)

JOAO FERNANDES, á janella do igreja.

Sur. escrivão, reclame força armada com polvora e bala, espadas e baionetas para garantir o voto livre !

ANNA, a Manoel Gonçalves

Vá arranjar a mesa, que eu tomo conta dos votantes cá fóra... (A Baptista.) Tome cuidado que os phosphoros não votem... olhe que ha phosphoros como formiga... (Movimento.)

ATANASIO. Diniz.

Fique o sur. na rua, enquanto eu vou pôr na mesa o Lulú furta-votos. (Movimento, ruído, confusão.)

CORO GERAL.

A hora é chegada
Do grande combate ;
O sino se escuta
Tocando a rebate :
Chegámos ao termo
Da forte campanha,
Vencer saberemos
Por força ou por manha.
Da mesa á conquista
Marchemos agora :
No entanto a cabala
Referva cá fóra.
Miolo nas chapas,
Pedido, ameaça,

Intriga, dinheiro,
 Mentira, trapaça ;
 Violencia, e pancada
 (Em termos legaes)
 A gloria preparam
 Das nossas vestaes.
 Qualquer meio serve,
 Se dêr a victoria ;
 Veneer é o caso,
 O mais é historia,

SCENA XVII

CRESPIM e PASCOAL sentados, DINIZ e ANNA ao funde e continuando a cabalar, BONIFACIO e logo HENRIQUE.

BONIFACIO.

Eis ahi o quadro fiel de uma grande loucura... Atira-se o pobre povo em uma comedia que ás vezes acaba em tragedia, e aqui está o que é uma eleição !...

HENRIQUE.

Engana-se, snr. Bonifacio, e engana-se muito inconvenientemente ; porque confunde a verdade com a mentira, o direito com o abuso, e o fundamento essencial do melhor dos systemas de governo com a offensa e a postergação desse mesmo systema.

BONIFACIO.

Ora, snr. doutor ! eu fallo com a evidencia dos factos.

HENRIQUE.

E eu lhe respondo com a pureza e santidade do direito. O systema eleitoral é a bella e grandiosa consagração da soberania do povo; é o orgão pelo qual a voz da nação se faz ouvir, manifestando os seus sentimentos e a sua vontade; é o principio sagrado da força dos governos e da nobreza e da houra dos governados; mas para que assim seja é indispensavel que a verdade se respeite, e a lei se cumpra á risca, pronunciando-se ampla e livremente o voto do povo, e fallando as urnas sem pêas, nem violencia, nem illusões, nem depravação, nem torpezas.

BONIFACIO.

E quando não se respeita a verdade, e não se cumpre a lei á risca ?...

HENRIQUE.

Então não ha eleição; ha abuso e crime. Ai, de nós se se devesse julgar do systema eleitoral por essas saturnaes que se mascaram com o nome de eleições !...

BONIFACIO.

Segue-se que as malditas saturnaes têm desacreditado o systema !

HENRIQUE.

Não; porque a mentira não póde desconceituar a verdade, nem o abuso deshonorar o direito: por ventura o medonho tribunal da inquisição com as suas torturas, as suas fogueiras e os seus horrores poude manchar a pureza da santa lei de Christo ?...

BONIFACIO.

Mas a inquisição acabou, e as traficancias eleitoraes não hão de acabar.

HENRIQUE.

Hão de acabar, quando os governos quizerem que ellas acabem : hão de acabar, quando os governos dêrem ao povo com duradora constancia o exemplo do respeito á lei, da moralidade e da crença fiel na religião do voto livre. Então, o povo livre em suas eleições, da influencia do governo, sacudirá de seus hombros a carga de individualidades prepotentes, e o systema eleitoral brilhará com toda a sua magnificencia.

BONIFACIO.

Mas, enquanto não chega esse bello tempo, ha de permittir que eu me vá divertindo e rindo muito com o que estou observando.

HENRIQUE.

Oh ! sem duvida ! aconselho-o mesmo a que o faça : as zombarias n'este caso, não se dirigem ao systema eleitoral, e sim aos abusos que se praticam em nome d'elle. Zombe e ria, portanto ; o Tartufo de Molière foi a critica do hypocrita, e não do homem verdadeiramente religioso. Zombe e ria ! mas lembre-se tambem de que o quadro que está observando não é de todos o peor : n'este contemplaná apenas os ridiculos, excessos e desmandos das autoridades policiaes e das potencias locaes de um pobre curato do interior d'esta provincia, e isso é nada em com-

paração das proezas abusivas e frenéticas, com que se celebrisam os mais altos funcionarios publicos, quando tratam de conquistar uma eleição.

BONIFACIO.

Ainda bem ! pois que me dá licença, vou tomar um fartão...

HENRIQUE.

Sim ; mas sobretudo não esqueça que não se trata do systema eleitoral... Trata-se simplesmente dos abusos, que convem reprimir e castigar.

VOZES. dentro.

É phosphoro !... fóra ! fóra !

OUTRAS VOZES. dentro.

Não é phosphoro ! ha de votar. (Gritaria.)

BONIFACIO.

Lá vou ! lá vou !... (Vão-se Bonifacio e Henrique.)

SCENA XVIII

CRESPIM, PASCOAL, ANNA, ATANASIO, MANOEL GONÇALVES,
DINIZ e BAPTISTA apressados. — Muito movimento.

ATANASIO.

Snr. Diniz, estão recebendo as cedulas... vá buscar os phosphoros... traga os votantes... (Vae-se Diniz. — Atanasio volta á igreja.)

MANOEL GONÇALVES.

Os votantes, sinh' Anninha... snr. Baptista, os votantes!

(Movimento geral. — Os votantes são empurados para a igreja : ficam ainda muitos, vêm chegando outros — rumor e gritaria na igreja ; listas lançadas pela janella. Anna em motu continuo. Manoel Gonçalves volta á igreja. Muito movimento no fundo na scena.)

SCENA XIX

CRESPIM e PASCOAL. — A cabala continua no fundo.

Ruido constante.

CRESPIM.

Oh ! Pascoal, que dizes tu da eleição ?...

PASCOAL.

Está indecisa : estes sujeitos são uns patetas : se eu me tivesse mettido na dança, punha tudo raso ; o melhor cabalista que ha aqui, é a sinh' Anninha ; a macaca velha sabe onde tem o nariz !

CRESPIM, depois de meditar.

Pascoal... vamos fazer uma transacção ?...

PASCOAL.

Hein ?... que é lá isso de transacção ?...

CRESPIM.

Homem, transacção... é assim uma negociata um pouco phosphorica disfarçada com um nome decente... Vamos

transigir, Pascoal; deixa esse povo descuidado estrafe-gar-se por nós, e tratemos de arranjar a nossa vida. Escuta: se o meu partido vencer, caso-me com a pequena, e dou-te a quinta parte do dote; fico engenheiro da torre, e te nomeio meu contra-mestre com vinte mil réis de jornal. Se o teu partido triumphar, tu procederás do mesmo modo comigo: hein?

PASCOAL.

Mas como ha de ser isso, se tu és vermelho e eu amarello?...

CRISPIM.

Olhem que basbaque! arranja-se uma combinação de cores, tolo: tu ficas amarello atirando para vermelho, e eu vermelho puxando para amarello.

PASCOAL.

E os nossos partidos, Crespim?

CRISPIM.

Ora viva!... os nossos partidos que vão plantar batatas.

PASCOAL, dá dois passos.

Está dito. (Offerece a mão.) Toca!... (Apertam as mãos com força.)

CRISPIM.

Bravo!... (Com effusão.) Salvou-se a patria!...

SCENA XX

CRESPIM, PASCOAL, ATANASIO e DINIZ.

ATANASIO.

Não é possível!... não é possível!...

DINIZ.

É exactissimo : a gente do João Fagundes votou toda-sinha em peso com o Manoel Gonçalves...

ATANASIO.

O João Fagundes jurou-me pela cruz que toda a sua gente votaria comigo, homem !.

DINIZ.

Ao snr. jurou pela cruz, e ao Manoel Gonçalves jurou pelo cunho : já vê que ficámos logrados.

ATANASIO.

Então é um tratante que não tem cruz nem cunho!... O tolo fui eu que não me lembrei que elle anda sempre em leilão!... (Desesperado.) Estamos furados!...

DINIZ.

Nada de desesperar : não desamparemos a mesa : no fim do jogo é que se sabe quem ganha. Vamos. (Vão-se apressados.)

CRESPIM.

Pascoal, pelo geito que a cousa vac tomando, creio que ficas meu contra-mestre.

PASCOAL.

Até vêr não é tarde : creio que acabo por metter-me na eleição só pelo gôsto de deixar a sinh' Anninha de bocca aberta.

SCENA XXI

CRESPIM, PASCOAL, BAPTISTA ; PANTALEÃO doente, anciano, pallido, e com enorme barriga, trazido em uma cadeira de braços ; MANOEL GONÇALVES.

PANTALEÃO.

Ai! ai que morro!... não posso mais!

BAPTISTA, chamando.

Snr. Manoel Gonçalves, venha receber o seu compadre Pantaleão...

MANOEL GONÇALVES.

Oh! compadre do coração! mesmo assim tão doente...

PANTALEÃO.

Ai!... só para lhe obedecer... Ai! ai que morro!...

CRESPIM, à parte.

Eis alli um tolo entre dois algozes!

MANOEL GONÇALVES.

Doente de barriga d'agua e veiu votar comnosco!...
descanse um pouco primeiro, compadre; descanse...

CRESPIM. Manoel Gonçalves.

Olhe que elle já teve um ataque no caminho...

MANOEL GONÇALVES. com viveza.

Levem o compadre para votar... depressa! depressa!...

PANTALEÃO.

Ai! ai que morro! (Levam-no: Baptista vae com elle.)

MANOEL GONÇALVES

Oh! smr. lord Gimbo! este é o dia mais glorioso da minha vida... O nosso partido triumpho...

CRESPIM.

Oh! iesse... mim star muito satisfatoria... Mister Gonçala, bebe copa de vinha comiga! (Enche dois copos offerere um.)

MANOEL GONÇALVES.

Tanta honra! á victoria do partido vermelho!... (Bebe)

CRESPIM.

Viva, minhas vermelhas! Ip! ip! ip! urrah!... (Bebe.)

PASCOAL. á parte.

E eu fico reduzido a contre-mestre! não : tal não succederá : protesto á fé de capanga!

SCENA XXII

CRESPIM, PASCOAL, MANOEL GONÇALVES, BAPTISTA
e logo ANNA vestido de homem.

BAPTISTA.

O homem votou : foi vermelhinha como um tomate
maduro.

MANOEL GONÇALVES.

E como vae a cousa ?...

BAPTISTA.

O melhor possivel : até a sinh' Anninha votou.

MANOEL GONÇALVES.

Como, homem ?...

BAPTISTA.

Faltou-nos um votante do morro das Formigas, e que
ha de fazer a sinh' Anninha ?... Veste umas calças e a
casaca do irmão, e no meio do tumulto votou pelo pri-
guiçoso das Formigas.

ANNA

Victoria! a eleição é nossa : vencemos por mais de
cincoenta votos !

MANOEL GONÇALVES.

A gloria d'este triumpho lhe pertence toda : e como
lhe assenta bem essa casaca !...

ANNA.

Eu nasci para homem : estou resolvida a pôr o mano Joãozinho de saia e a tomar para mim estas roupas masculinas ; nada, porém, de descuidos : não desamparemos a urna.

MANOEL GONÇALVES.

Vamos, (Vão-se Anna, Baptista e Manoel Gonçalves.)

CRESPIM.

À saúde do meu contra-mestre ! (Bebe.)

PASCOAL.

Sim?... zombas de mim?... pois bem : verás para quanto presto ; vou envolver-me na eleição, e se eu não fôr o engenheiro da torre, tambem tu não lias de sel-o. Tenho dito ! accendeste os meus brios de capanga : vou fazer das minhas!...

CRESPIM.

Queres quebrar o contracto que fizemos, Pascoal?... Não te lembra a palavra que me deste ?

PASCOAL

Em tempos de eleição suspendem-se as garantias da honra e da probidade ! (Canta.)

Torre querida,
Corro a salvar-te !
Para alcançar-te
Tudo ousarei.
E a esperança
Da minha vida ,

Torre querida,
Eu te farei.
Torre querida,
Corro a salvar-te !
Para alcançar-te
Tudo ousarei.

SCENA XXIII

CRESPIM, PASCOAL, ATANASIO, DINIZ e os seus.

ATANASIO:

Isto só a bacarnarte!... perdi a eleição!... está deshonrada a policia!...

DINIZ.

Foi traição... traição por todos os lados!

ATANASIO.

Até o indigno Lulú furta-votos d'esta vez não furtou nem uma lista! Que vergonha... está tudo desmoralizado!

DINIZ.

A eleição está nulla por trinta mil razões... Vamos fazer um protesto...

ATANASIO.

Qual protesto! vamos arranjar uma duplicata. (Em acção de partir, e para a voz de Pascoal.)

PASCOAL.

Pára ali, minhas amarellas!

ATANASIO.

Oh! snr. Macota, perdemos tudo!

PASCOAL.

Mim vae ganhe tudo outro vez...

DINIZ.

Agora?... agora é impossivel.

PASCOAL.

Mim vence todes eleições n'Inglaterra: minhas amarellas sabe jogue soco inglez, bote pontepé, arrume cabeçade, e faz diable a quatre?...

TODOS.

Sim! pancadaria no caso!

CRESPIM, á parte.

Olhem o diabo da policia, gente!

PASCOAL.

Avance todes de uma vez: mim vae marcha no frente, e furta urne, quebra urne, rasgue lista, e minhas amarellas faz diable a quatre, arrume pancadaria, e guarde-costas de mister Matracoat: avance, amarellas! todes furte urne! avance!

TODOS.

Avança! avança! (Vão-se correndo.)

CRESPIM.

Ai, que me roubam as honras de engenheiro da torre, e os vinte mil cruzados da filha do velho!... Mas eu não

devo ficar com cara de tolo... (Gritando.) **Acode, minhas vermelhas! olho viva! os amarellas vae furte urne!** (Correndo para a igreja.) **Alerte, vermelhas! alerte, vermelhas!... vermelhas!...**

(Desordem horrivel; gritaria; Pascoal apparece com a urna na cabeça, e atira-a no meio do theatro; espalham-se e rasgam-se as listas. Anna apparece de casaca rota, pancalária; João Fernandes salta pela janella da igreja, e cõe a fio comprido; Pascoal e Crespim encontram-se e agarram-se e na lucta; cõem ambos.)

SCENA XXIV

CRESPIM, PASCOAL, JOÃO FERNANDES, MANOEL GONÇALVES, ATANASIO, BAPTISTA, DINIZ, ANNA em scena. MULTIDÃO em scena; FAUSTINA, FELICIA e SENHORAS às janellas e portas; logo depois GERMANO, GUILHERME e POLICIAES; e enfim a seu tempo HENRIQUE.

SENHORAS.

Misericordia! misericordia!

ANNA.

Às armas! às armas! às armas!... (Gritaria.)

JOÃO FERNANDES. entrando e cahindo.

Ah! quem d'el-rei! ah! quem d'el-rei! declaro que passei a vára... não sou mais juiz de paz!...

DINIZ.

Mata!... vingança!...

CRESPIM, agarrando-se a Pascoal.

Godemi! grandississimo patife!

PASCOAL. mesmo.

Godemi! agora, velhaco! (Desordem e gritaria.)

GUILHERME.

Ordem, senhores! Soldados, prendam a quem resistir!...

GRITO GERAL.

Misericórdia!... (Serena a desordem. Crespim esconde-se em baixo da mesa.)

PASCOAL, á parte.

Guilherme Lamego Furia, por aleunha o fura-tripas!... estou perdido! pois se eu tenho sina de cachorro! (Esconde-se com Crespim.)

GUILHERME, aos soldados.

Prendam aquelles dois gatos que estão embaixo da mesa. (Prendem.)

CRESPIM, á parte.

Deu a costa o lord Gimbo!...

MANOEL GONÇALVES.

Pois o sur. atreve-se a prender um lord inglez?...

ATANASIO.

E a um phitosopho da Grã Bretanha?...

GUILHERME.

Srs., estes homens são dois tratantos que zombaram de vós: ha quatro dias que ando á pista d'elles... aqui não ha inglezes.

VOZES.

Que vergonha!... que atrevimento!...

JOÃO FERNANDES

E ficamos sem torre!... ora esta!...

HENRIQUE.

Não : a nossa torre va e levantar-se ; eis aqui a portaria que eu esperava ; estou nomeado engenheiro da provincia, e encarregado de dirigir as obras da nossa egreja, e portanto, conforme a declaração do seu edital, snr. capitão João Fernandes, sua filha deve ser minha esposa.

JOAO FERNANDES.

Pois case com ella, snr. Henrique, case quanto antes, que a pequena anda n'um fogo por isso.

FELICIA.

Então, minha tia, que me diz?...

ANNA.

Ai! ai! menina ; quem ama, não tem socego!

GERMANO, a Felicia.

E o premio que me prometteu ?

FAUSTINA, a Felicia.

Devo-te a minha felicidade ! Oh ! Felicia ! como é doce casar-se uma moça com um moço bonito, a quem ama !

FELICIA.

Sim!... (A Germano.) Snr. Germano ! snr. Germano ! Faustina está me fazendo crescer agua na bocca : trate já e já

de arranjar os papeis necessarios para casar comigo, e na proxima eleição cabale para sahir deputado. (Cantam.)

HENRIQUE e FAUSTINA.

Na pyra do hymeneu
Flammeja ovante amor :
Corôa o nosso affecto
A benção do Senhor.
Deus faz nossa ventura,
É santo o nosso ardor.

CORO GERAL.

Na pyra do hymeneu
Flammeja ovante amor :
Corôa o vosso affecto
A benção do Senhor.
Deus faz vossa ventura.
É santo o vosso ardor.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO

O CEGO

DRAMA EM CINCO ACTOS

PERSONAGENS :

PAULO, o cego.

HENRIQUE, irmão de Paulo, capitão voluntario
da Independencia.

DAMIÃO GOMES.

DANIEL, negro conductor de Paulo.

SYLVESTRE, soldado, camarada de Henrique.

MARIA, filha de Damião.

EMILIA, mãe de Paulo e de Henrique.

A scena se passa em um dos arrabaldes do Rio de Janeiro,
no anno de 1825.

O CEGO

ACTO PRIMEIRO

A MÃE DO CEGO

O theatro representa um bosque aprazivel e bello; ao fundo e do lado direito do espectador, uma fonte natural esta meio encoberta por algumas arvores, que parecem ligadas por um tecido de trepadeiras floridas, as quaes formam um como caramanchão sobre a fonte. — O dia amanhecendo.

SCENA PRIMEIRA

PAULO e DANIEL.

Paulo entra do lado direito, conduzido por Daniel; Paulo deixa o braço de Daniel e descansa a cabeça sobre o seu bastão. — Depois de alguns instantes, ergue-a; tira do bolso da calça e mostra o relógio ao seu conductor, e pergunta:

PAULO.

Que horas são?

II.

8

DANIEL.

Cinco e meia.

PAULO.

O sol?

DANIEL.

Começa

A despontar.

PAULO.

Oh !... foi como esta, a hora,
Em que primeiro a vi. — Então eu via!!!

DANIEL.

Senhor...

PAULO.

Perdôa, amigo : um pobre cego
Vive sómente a vida do passado.

DANIEL.

Mas n'este dia a dôr é mal cabida.

PAULO.

Sim ; eu sei que este dia me prepara,
Se não gloria tal qual eu desejava,
Ao menos a maior que é dada ao cego.
Isso mesmo me lembra o que eu não gozo,
Me agiganta um prazer que anhele embalde.
Maria vae ser minha ; um laço eterno
Nossos destinos vae ligar. Que enlevo
Não fôra o meu, se visse, no momento

De entregar sua dextra ao sacerdote,
Corar de pejo esse anjo pudibundo,
E olhos meigos de amor lançar-me a furto !...
E não posso !... Oh ! miseria triste minha !...
Como é cheio de fel o amor de um cego !...

DANIEL.

Senhor, n'esta existencia transitoria
Querer dita completa é querer muito.
No rosto não vereis de vossa noiva
A mistura feliz de amor e pejo ;
Mas depois devereis á esposa amada
Vida de paz, de gozos, e delicias.

PAULO.

Depois ?... depois ?... amigo, eu terei sempre
Da dôr o fel no nectar dos prazeres.
Maria me fará menos afflicto ;
Porém, feliz... duvido.

DANIEL.

Esperae tudo.

PAULO.

No que eu posso esperar tenho pensado ;
E o futuro uma hora me prepara
Talvez de angustia e felicidade a um tempo !
Se eu chegar a ser pae... Oh céos ! Maria
Dar-me um fructo de amor e de ternura,
Soltar meu filho o grito seu primeiro...
E eu correr a beijal-o... e então... e nunca...
E nunca vêr o rosto de meu filho !!!

DANIEL.

Senhor... senhor...

PAULO.

Não podes consolar-me :

Conheço que meu mal é sem remedio ;
 E se p'ra mim socego inda ha possivel,
 Se um meio existe de abrandar-me as maguas,
 É o amor de Maria. Só por elle
 Eu vivo ainda, e não desejo a morte.

Alguns instantes de silencio triste.

Daniel, meu amigo, um breve instante
 Deixa-me só ; mas... dize-me primeiro :
 Era por este lado que ella vinha?...

Paulo aponta para a esquerda do espectador, mostrando o
 lugar d'ella.

Alli existe a fonte?... é isto, ou erro?...

DANIEL.

Senhor, julgaes ao certo.

PAULO.

Agora, vae-te...

P'ra longe... onde não ouças o que eu diga.
 Quero estar só, fallar comigo mesmo...
 Pensar... talvez chorar sem testemunhas...
 Deixa-me, pois.

Acompanha com o ouvido a Daniel, que tristemente se retira, e
 depois que o julga longe, avança alguns passos, e falla.

SCENA II

PAULO, só.

Não ouço mais seus passos...

Se eu visse, estimaria que me ouvissem :
 N'alma do amigo glorias e pezares
 Depositára sem temor ; mas cego !!!
 Quem sabe si se riem do que eu digo ? !!
 É melhor ficar só. Sem testemunhas
 Quero sorver o nectar das lembranças ;
 Porque, enfim, minha vida é meu passado.

Momento de silêncio, e como de recordações : e de repente
 exclama.

Então eu via !!! Sim, foi, ha dois annos,
 Quando primeiro a vi : hora como esta...
 Um sol ao despontar... eu descuidoso.
 Pelas margens do rio divagando...

D'aqui até quasi o fim da falla, Paulo parece vêr reproduzir-se
 o que refero.

A mais meliflua voz entôa um canto
 Saudoso... melancolico ; estremecço...
 Sinto um pisar subtil... presto me occulto...
 É ella... por alli se vem mostrando...

Apontando para o lado esquerdo do espectador.

Oh! tão bello não era o sol brilhante,
 Que do alto dos céos a enamorava!...

Cortando repentinamente o fio do discurso, e logo tornando a elle.

Negros cabellos cáem-lhe annelados
 Sobre niveas espaduas de alabastro...
 Alta, lisa é a fronte... por seus olhos,
 Langorosos e pretos, transpirando
 Estão os pensamentos de sua alma !.
 Um sorrir gracioso... Céos! e nunca
 Vêl-a-hei mais sorrir!

Cortando repentinamente o fio do discurso, e logo tornando a elle.

Emfim que chega...

Perfuma-se o deserto com seu halito!...
 Ella passa... — Silencio, oh natureza !..

O mesmo.

Sigamol-a... da fonte se aproxima...
 Senta-se a um tronco... o canto da saudade
 De novo entôa... a voz lhe falta... chora...
 Vêl-a chorar não posso... corro a ella...
 Aos pés lhe caio... encara-me surpresa...
 Um grito solta... erguer-se póde... foge...
 É de um sonho visão que se evapora !..

Fica em silencio um instante, e depois diz com magua o que logo segue.

Oh ! quanta formosura !... quantas graças!...
 — Então eu via !!! — E agora ?... apenas lembro
 Scenas que vi, que não verei mais nunca,
 Mesmo sendo mil vezes repetidas!...
 Mas como me é tão doce o recordal-as !...
 Eis a fonte...

Pondo d'aqui por deante em viva acção o sentido do tacto.

Eis a fonte! aqui por certo,

Aqui ella passou...

Encontrando a tronca.

oh! aqui mesmo...

Eis o tronco feliz, onde sentou-se...

Eu escuto outra vez... n'alma me sò

Doce canto de amor!... quero sentar-me

N'este mesmo lugar...

*Senta-se no tronco, apalpando tudo ao redor com indizível prazer :
algumas flôres pendentes caem-lhe sobre a cabeça ; Paulo toca
n'ellas.*

Flôres queridas!...

Mais ditosas que vós outras pendiam,

Como vós sobre mim, tambem sobre ella!...

Ah! pois bem... eu vos beijo...

Boija as flôres com transporte.

eu vos adoro!...

Mas parece que sinto inda o perfume,

Que em seu fugir a bella temerosa

Das brancas vestes derramava em torno,

Nas flôres conservado!!!

Cheirando e beijando de novo as flôres.

Não me engano...

É o mesmo... Oh! ventura!... oh! minhas flôres,

Eu vos quero.

*Querendo tirar algumas flôres, e para logo soltando-as com terno
arrependimento.*

Não... não... jamais tocada

Seja por mão de homem do anjo a c'róa :

Erguendo-se, e avançando alegre alguns passos.

Ficæ... ficæ...

Ouve ruído e pergunta logo :

Quem vem ahí?

SCENA III

PAULO e DANIEL.

DANIEL.

Daniel.

PAULO.

Porque vens ?...

DANIEL.

A senhora D. Emilia

Para aqui se encaminha.

PAULO.

A sós nos deixa.

Ao entrar Emilia, Daniel retira-se pelo fundo. — Paulo estende o braço para o lado por onde sente entrar Emilia, que lhe dá a mão, a qual elle beija quasi de joelhos.

SCENA IV

PAULO e EMILIA.

Minha mãe, vossa mão...

EMILIA.

Eu te abençoô.

PAULO.

Devo crêr que um acaso aqui vos trouxe ;
Ou cuidosa viestes procurar-me ?...

EMILIA.

Adivinhei teus passos, e segui-te.

PAULO.

Adivinhastes ?... Como ?...

EMILIA.

N'este bosque

Encontraste Maria á vez primeira :
Desde então esta fonte te foi grata ;
Nem mesmo poudo enfermidade horrivel,
Que te apagou a luz, quebrar-te o encanto !

PAULO.

É que quando apagou-se a luz^o dos olhos,
A luz do coração já estava accesa !...

EMILIA.

Por isso aqui contava achar meu filho ;
E ainda uma vez fallar-lhe á alma ;
Conselhos maternas, justos avisos,
Dar-lhe ainda uma vez, pois não é tarde.

PAULO.

Hoje então ?... Ah ! senhora !...

EMILIA.

Hoje sómente :

Amanhã já de balde me ouvirias.

PAULO.

Que discurso !...

EMILIA.

Porque te amo, o faço :

Vejo aberto a teus pés enorme abysmo ;

E tu, ó duas vezes muito cego, .

Cego pela paixão, dos olhos cego,

Querido filho, vaes lançar-te n'elle !...

PAULO.

Minha mãe, que dizeis !...

EMILIA.

Que é tempo ainda

Não 'stá accêso o altar ; recua um passo ;

Dize que não ; 'stás salvo.

PAULO.

Deus eterno !

Que sempre minha mãe assim me falle,

E pretenda apagar-me a derradeira

Esperança que tenho n'este mundo !! !...

EMILIA.

Vejo triste illusão n'essa esperança !...

PAULO.

Máo lugar, minha mãe, vós escolhestes

Para os laços quebrar, que vão ligar-me !...

EMILIA.

Azado é todo o sitio á mãe que trata
De seu filho salvar.

PAULO.

Mas que perigo ? !...

EMILIA, com accento doloroso, o como prophético.

N'este hymeneu presinto uma desgraça !

PAULO.

Se ha erro, minha mãe, n'este consorcio
A metade da culpa a vós pertence.
Consenti que eu avive em vosso espirito
Lembranças que parecem quasi extinctas.
Morto meu caro pae, e enfim passados
Tristes mezes de luto, ambos deixámos
A côrte, onde gozei dias tão bellos !...
Nossa presença aqui se fez precisa ;
O irmão, que esta fazenda dirigia,
Não podendo ser surdo á voz da patria,
As armas toma, ao campo vòa ; e bravo
Por nossa independencia batalhando,
Tit'los de gloria adquirir procura.
No emtanto outro destino me aguardava !
Feliz acaso um dia aqui me mostra
A mulher que comigo vae ligar-se ;
Não resisti... amei-a : e vós, que a vistes,
Que a pureza estudastes de su' alma,
Lembrae-vos, minha mãe, vós me dissestes :

« Ama-a, meu filho ; é digna de ser tua :
 Deus fez-lhe o coração, e Amor o rosto.
 Tudo pois este affecto abençoava.
 Mas de repente atroz enfermidade
 Veiu apagar o dia p'ra meus olhos ;
Amaurose fatal vivo me encerra,
 E, para sempre !... em negra sepultura !...
 Desde então outro foi vosso conselho...
 Ordenaes-me esquecer o bem que aspiro,
 E é a vosso despeito que eu concluo
 Um hymenen que tanto desejaveis !
 Como pois explicar esta mudança ?...
 Nada póde gozar nm pobre cego ? !...
 Oh ! não, senhora, a sorte está lançada ;
 Para voltar atraz é já mui tarde !...

EMILIA.

A razão de mudar-se o meu consellio
 Tu mesmo, sem querer, ha pouco a deste.
 Bemdisse o teu amor enquanto vias ;
 Mas, cego... não desejo vêr-te esposo.
 Meu filho, amamentei-te nos meus peitos,
 Segui teus passos, e estudei teu animo ;
 Lia em teu coração, e leio ainda !
 Tu foste ciumento, e o serás sempre ;
 E quando outro argumento eu não tivesse,
 Esse bastava : — Um joven que desposa
 Mulher galante e moça, teme tudo !
 Se nutre, por démais, fatal ciume,

E por demais ainda o esposo é cego,
 Elle que nada vê, tudo adivinha,
 Cria phantasmas... illusões... chimeras...
 Mil desgraças ficticias imaginà...
 Pensa ter a traição sempre a seu lado,
 Aproveitando a noite de seus olhos,
 E faz por suas mãos o seu martyrio !...
 Ah ! poupa-te, meu filho, a taes torturas !...

PAULO.

Com verdadeiro amor amo a Maria ;
 Base d'amor foi sempre a confiança ;
 Do coração que a tem foge o ciume.

EMILIA.

Jamais houve paixão sem que elle houvesse !...

PAULO.

Tenho fé na virtude de quem amo.

EMILIA, com acento doloroso, o como prophético.

N'este hymeneu presinto uma desgraça.

Depois do um instante de silencio, prosegue.

Cegar depois de esposo é só desdita ;
 Casar depois de cego, é já loucura.

PAULO, com dôr extrema.

Portanto, minha mãe, só resta ao cego
 Um conductor... um páo... e infernal vida !!!
 Deus o homem lançando n'este mundo,
 De gozos o cercou, quiz que gozasse :

Deu-lhe o sol... deu-lhe os astros luminosos,
 Deu-lhe a terra de flôres esmaltada,
 E emfim, deu-lhe a mulher, que é mais que tudo.
 Ceguei; morreu p'ra mim o sol brilhante;
 As estrellas que as noites esclarecem,
 Já não as vejo, nem mais vêl-as posso !...
 Das flôres o perfume só percebo ;
 A terra mal conheço, porque a piso ;
 E também a mulher roubar-me querem ? ! ! !...
 Preciso eu de olhos p'ra sentir-lhe os mimos ?...
 Portanto, o cego é creatura réproba,
 Que um só dom do Senhor gozar não deve ! ! !
 Que resta ao cego, pois ?... vida importuna ?...
 Lagrimas vãs ?... ouvir dizer — coitado ! —
 Quando elle passa tentando a estrada ?...
 Ente sempre passivo ser no mundo,
 A quem já beus demais se lhe concedem
 Bordão que palpe, e conductor que o guie ?...
 Oh ! minha mãe, antes morrer !... Tyrannos
 Os que o punhal amigo me arrancaram,
 Quando tentei cortar tão tristes dias !...
 Dias ?... nem sei que é dia ?... Oh desgraçado !
 Que só conheço a noite !... A luz que ainda
 Me animava, essa mesma apagar querem !...
 A luz do amor !... Maria !...

O pranto o obriga a interromper-so.

EMILIA.

Pobre filho,
 Que sempre com teu pranto me respondes !...

PAULO.

Oh! minha mãe, a esp'rança derradeira
Não me tenteis roubar tão cruelmente!

EMILIA.

Queira o Céu sejam vãos os meus temores!

PAULO.

Serei feliz se vós me abençoardes.

EMILIA.

Jamais te ha de faltar benção materna :

Paulo fortemente commovido procura encontrar a mão de Emilia, que lh'a entrega conhecendo o desejo do filho. — Paulo ajoelha-se, e beija com arder a mão de sua mãe, a qual por sua vez chorando o ergue, e apertadamente o abraça; seguem-se momentos de silencio.

Eu me vou ; queres vir ?...

PAULO.

Daniel me espera

Não longe d'este sitio.

EMILIA.

Adeus, meu filho.

Vae-se pelo mesmo lado por onde entrou.

SCENA V

PAULO, e logo DANIEL.

PAULO, depois de alguma reflexão.

Daniel ! Daniel !

DANIEL, entrando pelo fundo.

Senhor.

PAULO.

Bem perto

Estavas, e purtante ouvir pudeste
O que dizia minha mãe.; que causa
Fará com que ella tanto se arreceie
De que este casamento se conclúa ?

DANIEL.

Ignoro, senhor.

PAULO.

Escuta, amigo.

Alguns serviços te prestei ; e eu peço,
De quanto fiz, a gratidão por paga.
Minha desgraça faz-me interesseiro ;
Tua fidelidade me é precisa.

DANIEL.

Serei grato e fiel eternamente.
Nunca me ha de esquecer a mãe enferma
N'um leito de miserias deffinhando ;
Nem minha dôr ao vê-la assim soffrendo,
E eu pobre sem recursos p'ra valer-lhe ;
Nem a hora, em que subito na porta
Da nossa pobre casa appareceste,
Como um anjo benefico : oh ! maldito
Eu fosse, se olvidasse o que vos devo !
Nunca me hão de esquecer as phrases tremulas

Que ao expirar, como um legado santo,
 Me disse minha mãe ; sempre as recordo :
 « Filho !... meu bemfeitor te reeomendo ;
 Se necessario fôr, morre por elle. »

Depois de enxugar uma lagrima.

Serei grato e fiel eternamente.
 Sou vosso escravo... — não ! — sou mais do que isso,
 Sou cão fiel, que a vossos pés vigia.

PAULO.

De um amigo, como és, eu precisava.
 Ouve : nunca me deixes, véla attento
 Quanto ao redor de mim passar-se possa.
 Daniel, eu verei pelos teus olhos.
 Nas poucas horas que ao hymeneu me faltam,
 Observa Maria ; e se em seu rosto
 Um só signal de dôr, de saerificio
 Puderess descobrir, presto me avisa :
 Nada te escape. — Céos ! e que eu não possa,
 Eu mesmo nos seus olhos vêr su' alma !...

*Subitamente Paulo se suspende, ouvindo a voz doce e harmoniosa
 do uma mulher, que canta uma musica molancolica e saudosa.
 O canto produz forte sensação em Paulo, que o escuta com
 apurada attenção e indizível prazer. — Prevenção.*

MARIA, cantando dentro, e ao longo.

Pelos valles solitarios
 Exhalo carmes de dôr ;
 Nos echos que me respondem,
 Julgo ouvir a voz de amor.

PAULO.

Silencio !... é ella !!! a sua voz !!!

MARIA. o canto vem-se aproximando mais.

Espalhando meus gemidos
No seio da soledade,
Eu penso que entôo um hymno
Grato ao anjo da saudade !

PAULO, em extase.

Maria!?!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A NOIVA

A mesma decoração do acto anterior.

SCENA PRIMEIRA

MARIA, só. — Entra pelo lado esquerdo do espectador,
vagarosa e triste.

Adeus, meu valle ! adeus, ó minha fonte,
De prazeres e maguas testemunhas !...
Pela vez derradeira eu vos saúdo,
Como ha tanto, com lagrimas sentidas !...
Amanhã outra vida me preparam !...
Será preciso não chorar, que ás vezes
Do pranto da mulher se faz um crime !
Adeus, meu valle ! adeus, ó minha fonte !
O meu ultimo sol de liberdade

Cabia a vós ; sim, foi n'estes lugares,
 Onde primeiro palpitou no peito
 De amor o coração ! Doce momento !
 Tão veloz como um sonho de venturas,
 Ao qual seguiram dias de infortunio
 Tão longos como a vida, que me pésa.
 Aqui votos de Henrique aos meus se uniram ;
 A fonte foi o altar, e o valle o templo...
 Mas, basta ; não lembremos o passado :
 Lembral-o é um remorso no presente,
 Pois quasi sou perjura aos proprios olhos !
 Lembral-o é um remorso no futuro,
 Pois só deve a mulher lembrar o esposo.
 Adeus, meu valle ! adeus, ó minha fonte !

Depois de curta reflexão, prosegue.

Marchemos com valor ao sacrificio.
 É da mulher a historia em soffrimentos
 Fertil. Nem será este o derradeiro !...
 Eu me curvo ao destino de meu sexo ;
 É preciso viver no nosso mundo ;
 Receber como leis suas cadeias ;
 Ter o riso no rosto, e o pranto n'alma,
 E dizer — sou feliz !... — Que sorte iniqua !
 É a mulher excepcional vivente,
 Que tem alma, e não querem que ella sinta !
 Tem coração, e ordenam que não ame !...
 A mulher sempre é victima no mundo.
 Sujeita des que nasce até que morre,
 De pae passa a tutor, irmão, marido...

Sempre um senhor!.. (o nome é que se muda) ;
 Sempre a seu lado um homem se levanta
 Para pensar e desejar por ella ;
 Creança, junto a quem sempre vigiam ;
 Cego, que sempre pela mão se leva ;
 Eis a mulher !... eis o que eu sou, e todas !...
 E ao muito se consegue ser amada ;
 É escrava, que n'um altar se prende,
 Divindade, que em ferros se conserva,
 E a quem se chama (oh irrisão !!!) SENHORA !

E portanto, eu serei como mil outras
 Martyres nobres. Vêr-me-hão passando
 (Como essas tantas) silenciosa... pallida...
 Sorrindo com o sorrir que esconde as maguas :
 Talvez digam ao vêr-me — ella é ditosa ! —
 Sim, que eu hei de saber (como outras fazem)
 Abafar meus suspiros e gemidos,
 E esconder os tórmentos de minh' alma
 D'esse mundo egoista, e sem piedade,
 Que faz do homem « senhor » da mulher « martyr. »

Momento de doloroso silencio, depois ella se desfaz em pranto,
 e exclama :

Adeus, meu valle !!! adeus, ó minha fonte !!!

Ao primeiro passa para retirar-se encontra-se face a face com
 Damião.

SCENA II

MARIA e DAMIÃO.

DAMIÃO, com severidade.

Segui teus passos, e escutei-te as queixas.

MARIA.

Meu pae!...

DAMIÃO.

Fallemos baixo : não distante
O senhor Paulo presenti. Maria,
Quem póde perdoar-te o estranho excesso
Com que vens lamentar males ficticios?...
Onde estão os tyrannos que te opprimem?...
Onde está o mártirio a que te votam?...

MARIA.

Mais que muito, meu pae, deveis sabel-o.

DAMIÃO.

Queres que eu córe de chamar-te filha?...

MARIA.

Podeis, senhor, erguer vossa cabeça ;
Sobranceira serei ao sacrificio ;
Mas emquanto ao altar não sou levada,
Chorar posso : inda o pranto não é crime ;
E d'este pranto vós sabeis a origem !.

Jamais vos escondi meus sentimentos ;
Sois meu pae ; sempre fostes meu amigo ;
Lestes sempre no livro de minh' alma.
Vossos olhos, senhor, me acompanharam
No amor primeiro — o unico da vida ! —
Meu amor por Henrique abençoaveis ;
E eu cheia de esperança no futuro
Via meu coração nadar em glorias.
Sôa a trombeta que os guerreiros chama ;
Henrique escuta a voz da patria terra,
E ao campo dos bravos se arremessa.
Outro mancebo vem que me requeira,
Tão nobre, tão distincto como Henrique,
Que herdou do mesmo seio os mesmos dotes :
Fujo a seus obsequios cautelosa,
De amor me falla... nego-lhe resposta ;
Até que enfim noticia desastrosa
Vem da morte de Henrique a fé quebrar-me.
Oh ! nunca o meu amor ! — Submissa apenas,
Submissa tão sómente ás ordens vossas,
Minhas promessas Paulo ha recebido :
Depois este infeliz perdendo a vista
Me quiz soltar dos projectados laços :
Morto eu suppunha o meu unico amado,
O noivo pretendente era irmão d'elle,
Esperanças de amar eu mais não tinha ;
Crueldade julguei negar a um cego
O que, p'ra obedecer-vos, promettêra.
Minha palavra sustente ; e um dia

D' improviso nos chega a feliz nova
 Que Henrique não morrerá. Delirante,
 Aos pés vos caio, meu amor vos peço ;
 Quero quebrar cadeias mal forjadas ;
 Mas vós então, primeira vez austero,
 Exclamastes : — eu mando. — Obedecei-me.
 Meu pae, a filha vae obedecer-vos ;
 Porém, inda solteira, dae que chore !...

DAMIÃO.

Eu tenho consciencia do que hei feito.
 Por ser guerreiro Henrique não erimino.
 A patria quiz servir, foi nobre empenho ;
 Guarda no peito o eoração dos bravos.
 Mas por que causa não eorreu primeiro,
 E antes que partisse, a procurar-me ?
 Porque me não pediu-te por esposa ?
 Não sabia que eu prompto eoroára
 Com tua mão o amor que te jurava ?
 Maria, esses protestos de mancebo
 Soltos ao vento, o mesmo vento os leva.
 Se Henrique a mim viesse, o esperaria ;
 Não veiu a mim, não temos de esperal-o:

MARIA.

Esse erro de Henrique assaz lamento ;
 Mas pagar vossa filha um simples erro
 Com a vida toda inteira de martyrio ? !...

DAMIAO.

Não é de erro, ou martyrio, que tratamos ;

Sim de cumprir palavra que foi dada.
 Nossa fidelidade é conhecida ;
 Fraqueza é desmentir tão nobre fama.
 Sei muito bem que o tempo está mudado,
 Que o meu exterior também mudou-se ;
 Porém o que é de dentro inda está firme.
 De meus avós e pae herdei sem mancha
 Nome, que hei de legal-o como herdei-o.
 Jamais um Gomes retirou promessas :
 Palavra que era dada, era cumprida.
 Perdi tudo ; fui rico... hoje sou pobre,
 E um nome não manchado só me resta.
 Queres, pois, que esta herança tão sagrada,
 Esta gloria tão bella também perca ?...
 Por ventura obriguei-te, minha filha,
 A prometter a mão de esposa a Paulo ?
 Não : conselhos apenas me escutaste ;
 Eu disse : — Desconfia dos mancebos ;
 Juramentos de amor são leves sempre ;
 Já Henrique talvez nem mais te lembre ;
 Se Paulo te convem, esposo o aceita. —
 Paulo aceitar quizeste ; e minha filha
 A palavra que deu, sustentar deve.

MARIA.

Pois sim, meu pae, serei mulher de um cego,
 Podendo ser de um bravo cavalleiro !...
 E queira o Céu, senhor, que o sacrificio
 A que me condemnaes, e me condemno,

Nunca possa a velhice amargurar-vos.
Não hei de deshonrar o vosso nome ;
A educação que recebi me sobra
P'ra conhecer o que convem á esposa.
Vou fazer o papel que outras mil fazem ;
Sou mulher, e portanto sou fingida !
Não é assim, ó mundo ?! a mulher finge,
Mas bem poucos se lembram que é o mundo
Quem fingir manda, em nome da virtude !...
Sim, fingirei, meu pae : mentira e gelo
Cedo virão sentar-se em meu semblante,
Deixando ao coração verdade e fogo.
Mais do que isso não póde a honestidade ;
Um affecto esconder inda é possível ;
Porém matar amor, meu pae, quem póde ?
Oh !... não se extingue, não !... embalde o empenho,
Nem a plaina do tempo apagou nunca
Vestigios, que nos deixa tão saudosos,
No coração o amor da prima idade !...
Oh ! não se esquece mais a bella imagem
D'esse primeiro deleitoso sonho !
Suspiros abafar consegue a honra ;
Mas nem dever, nem honra, nem virtude
Pódem roubar ao doce amor primeiro
Recordações saudosas do passado !...
Nunca se amou devéras duas vezes ;
Não é amor o affecto secundario,
Que a novo objecto sacrifica o peito
Em que outro teve generoso imperio ;

Esse é resto, esse é polme, que no fundo
 Ficou de virgem calix, cujo nectar
 Bebeu primeiro e derradeiro amado !...
 É portanto já muito o fingimento,
 E o mundo que se ri, que de nós zomba,
 Que nos insulta, córe antes de rir-se,
 Porque elle é o tyranno, e nós as victimas.
 Sim, fingirei, meu pae ; mas quando virdes
 Briucar mais ledo o riso nos meus labios,
 Dizei : como aquell' alma está soffrendo !...
 Quando eu correr alegre pelos prados,
 Dizei : — lá vae a louca em desvarios !...
 Quando eu cantar festivos doces hymnos,
 Dizei... porém, senhor, não digaes nada ;
 Fechae antes os olhos para não vêr-me ;
 Que a dôr que rasga um coração de filha,
 N'um coração de pae acha echo sempre.

DAMIÃO.

Poupa, Maria, um já cançado velho :
 Teu desespero injusto me abrevia
 Uma vida, que só por ti me é cara.

MARIA.

Meu pac !

DAMIÃO.

Querida filha, não te entregues
 A uma afflicção, que desespero indica.
 Euxuga o pranto, zela o teu segredo :
 Cedo o altar vae curar esses tormentos.

Quando o nome de esposa receberes,
 Tu verás serenar a tempestade,
 E socegados dias no horizonte
 De tua vida abrir-se : pouco falta ;
 Esta noite dá fim ás maguas tuas,
 E me dará socego aos velhos annos ;
 Morrendo, baixarei á sepultura
 Com a certeza de ter deixado a filha
 Nos braços d'um esposo que a idolatra.
 Eu me vou ; tu socega : talvez perto
 Paulo espera um momento de fallar-te
 A sós. Não te atraíçoem pranto e queixas ;
 Tem piedade do misero, que te ama ;
 Respeita no teu noivo o teu esposo ;
 E obedece a teu pae, se acaso o estimas.

Vae-se pela esquerda do espectador.

SCENA III

MARIA, só; vê partir Damião, e depois de conservar-se
 um momento pensativa.

Quantas martyres passam sobre a terra !...
 Que angustias em silencio se devoram !
 Que dôres n'alma da mulher se abafam !...

Apparecem no fundo Paulo e Daniel.

SCENA IV

MARIA; PAULO e DANIEL, fallam ainda no fundo
do theatro em tom baixo.

PAULO.

Que lhe dizia o pae?...

DANIEL.

Não pude ouvir-o;

Fallavam baixo.

PAULO.

Acaso ella chorava?

DANIEL.

N'um dia de noivado, pae e filha,
Em terna despedida se abraçando,
Tenho visto chorar.

PAULO.

Tu me socegas.

Avança para o proscenio.

Maria!

MARIA, volta-se estremecendo.

Ah! meu senhor...

PAULO.

Dá-me outro nome,

Se acaso não te apraz chamar-me escravo.

A Daniel, que tem permanecido no fundo.

Daniel, podes ir... á casa volta;
Tentarei com o bordão o meu caminho;
Ou guiará Maria o pobre cego
De quem vae ser a eterna conductora.
Quero um instante a sós ficar com ella.

Daniel beija a mão de Paulo, faz respeitoso comprimento a Maria,
e vae-se.

SCENA V

MARIA e PAULO.

PAULO.

Elle se foi?... está longe ?

MARIA.

A sós estamos.

PAULO, procurando a mão de Maria, e com ternura

Maria, poucas horas só nos faltam
Para ao altar de amor correremos ambos.
Com que paixão te adoro, não ignôras;
Tu foste, és inda, e serás sempre a imagem
A quem meu coração seus cultos renda.
P'ra que eu seja feliz, tu me és precisa:
No mundo, em que p'ra mim tudo está morto,
De minha mãe, de meu irmão ao lado
Eu te encontro, Maria, na minh' alma.

Tu és o laço que me prende á vida...
 A idéa da luz ainda retenho,
 Porque recordo o fogo de teus olhos!...
 Inda compr'endo o que é a f'licidade
 Pela esperança de beijar teu rosto!
 Oh! Maria! não ser por ti amado
 Fôra p'ra mim tortura atroz e horrivel;
 Mas fazer o martyrio de teus dias...
 Atormentor tão meiga creatura...
 Condemnal-a ao medonho sacrificio
 De acompanhar eternamente a um cego,
 Que não pudesse amar!... oh! fôra um crime,
 Que a minha salvação compromettêra!
 Um crime, de que eu mesmo me horroriso!...
 Ah! poupo-me, Maria, este remorso:
 Eu não peço; eu não quero sacrificios.
 Inda é tempo; não sejas triste victima
 Á oblação sacrilega levada.
 Dize... falla... sê franca, e não receies.

MARIA.

Quem, senhor, te inspirou tão triste idéa?...

PAULO.

Eu mesmo reflectindo ãm meu estado.
 É possivel, me disse, haver no mundo
 Uma mulher tão cheia de piedade,
 Que esqueça juventude, graças, brilho,
 P'ra a vida partilhar que cabe a um cego?!
 Conheço agora; um crime era essa duvida;

Pois devia lembrar-me que existias.
 Bem, Maria, serás o meu amparo ;
 Deve o esposo proteger a esposa ;
 Mas o contrario se dará comnosco :
 Aqui a flôr sustentará o tronco ;
 Junto a mim velará, como um bom genio,
 E Deus te pagará tantas virtudes.

MARIA.

Cumprirei meu dever com meu esposo ;
 Dando-lhe a minha mão, sou toda d'elle :
 Serei feliz com seu amor.

PAULO.

Maria !...

E portanto te basta o amor de um cego ? !...
 Oh ! meu Deus ! não mereço tanta gloria !
 Virgem cheia de angelica pureza,
 Escuta : eu receiava abrir meu peito ;
 Temia, que te risses do que eu penso ;
 Agora, não ; eu fallo. O amor de um cego
 É a paixão eterna d'esta vida ;
 Paixão que nunca morre, e sempre existe
 A mesma no vigor, na intensidade :
 Hoje ama o cego, como ha um anno amava.
 E, amaria ha cem, se ha cem vivesse.
 Amar, depois cegar, é vêr a imagem
 Da mulher, que se amou, sempre formosa,
 Sempre moça e gentil : não ha velhice,
 Que lhe enrugue o semblante, e lhe descóre

A côr das faces, que lhe afunde os olhos :
Que lhe branqueie as longas negras tranças :
Só vê o cego o que já tinha visto...
É sempre a moça dos primeiros dias...
É do tempo da luz a visão bella!...
Nisto ao menos o cego é mais ditoso
Do que o amante, que vê, e vê a idade
Ir destruir o encanto da belleza
Da mulher que adorou.

A Maria, com ternura.

Assim tu pensas ?...

MARIA.

Penso, senhor, que um coração mais nobre
Do que o teu, não conheço.

PAULO.

Cara amiga !
Foi Deus que me guiou a vêr teu rosto,
Para hoje me livrar do desespero.
Tu me salvaste, me prendendo a vida.

MARIA.

Queira o Céu que p'ra sempre o mesmo digas,
E que eu possa, senão feliz tornar-te,
Ao menos cooperar p'ra o teu socego.

PAULO.

Feliz, Maria : sim!..., quem o não fôra
Passando a vida ao lado da virtude!...
Como é bello o painel do meu futuro!...

Esse painel eu vejo, e hei de senti-lo.
 Ao despontar d'aurora despertamos,
 E alegre tu me trazes a este valle,
 E junto d'esta fonte descansando
 Recordamos o dia em que brilhára
 De amor primeira flamma em nossos olhos!...
 Ao refrescar da tarde tu me levas
 Aos sitios que mais gratos te parecem...
 E os lavradores que passar nos vêm,
 Em respeito á virtude hão de dizer-se :
 — Lá vae um cego pela mão de um anjo!!!
 Oh! Maria!!!

Entendendo os braços, Maria toma-lhe a mão, elle a braça ternamente: fica um instante abraçado; mais logo sente rumor, desenlaga-se e pergunta :

Parece que alguém chega?...

SCENA VI

MARIA, PAULO, e DAMIÃO, que chega apressado.
 Prevenção.

MARIA, respondendo a Paulo.

É meu pae.

PAULO, como asustado.

Que será?...

DAMIÃO.

O senhor Paulo...

PAULO.

Oh! meu pae!...

DAMIÃO.

A surpresa mais ditosa...

Vosso irmão é chegado!

PAULO.

Gritos suffocados.

Ah!... ah!...

No mais viva agitação, o como querendo sair.

Levae-me!...

DAMIÃO, suspendendo a Paulo.

P'ra aqui mesmo elle corre...

A Maria, com austeridade :

Eu te observo !

Retira-se, o fica no fundo da scena de braços cruzados, observando.

SCENA VII

MARIA, PAULO, DAMIÃO e HENRIQUE.

HENRIQUE, correndo para Paulo.

Meu irmão... meu irmão...

PAULO, recebe Henrique nos braços, e ficam algum tempo abraçados.

Henrique!...

Henrique à força se arranca dos braços de Paulo, quer lançar-se a Maria, mas fica espantado e immovel ante ella, que com um dedo sobre os labios, faz-lhe signal de silencio, e com a outra mão aponta para Paulo.

Henrique!...

Girando a scena por todos os lados, e com os braços abertos em procura de Henrique.

Henrique! Henrique!

Henrique lança-se de novo nos braços de Paulo.

Exclamação dolorosa e pungente.

E que eu não possa vê-lo!...

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

O SACRIFICIO

O theatro representa uma sala particular da casa de Emilia. Ao lado direito do espectador, portas que dão passagem para os apesentos interiores; ao lado esquerdo, jânellas; ao fundo, uma unica porta no centro. Ha apuro de decencia e luxo, como para um dia de festa.

SCENA PRIMEIRA

HENRIQUE e EMILIA, parecendo continuar pratica de antes travada.

HENRIQUE.

Com effeito, durante algumas horas
Meus companheiros morto me julgaram;
Pelo golpe profundo de meu peito
Como no sangue me fugira a vida;

II.

10

Mas, emfim, reanimei-me, a mil cuidados.
 Meu braço, que de menos já contavam,
 Foi ainda fatal aos inimigos;
 E esse golpe, que a luz quasi apagou-me,
 Hoje é nobre signal do meu deuodo.

Abrindo a farda e mostrando a cicatriz.

A minha mãe, ufano, vou mostral-o;
 É de gloria um trophéo, que a seus pés trago.

EMILIA, querendo beijar o peito de Henrique.

Ah! consente, que o beije...

HENRIQUE, repellindo-a docemente.

Oh!... não... senhora...

Permitti que eu prosiga.

EMILIA.

Alegre te ouço;
 Tem parte a mãe na gloria de seu filho.

HENRIQUE.

Depois de novos fadigosos transes,
 Veiu a victoria terminar a lucta.
 Brilha a aurora da paz no céo da patria,
 Aos guerreiros descanço permittindo.

EMILIA.

Como inundas de jubilo a minh'alma!...

HENRIQUE.

Aos campos que deixei alfim tornando,
 Trago por documentos de bravura

Signal de um golpe recebido em frente ;
 Dragonas alcançadas nos combates,
 Dos canhões ao troar postas nos hombros ;
 E uma nobre medalha, que nenhuma
 Ha de em primor poder avantajal-a :
 É medalha da guerra, e de uma guerra,
 Pela mais nobre causa guerreada.

EMILIA.

Teu justo orgulho, cavalleiro, eu louvo ;
 E pois que um termo hão tido esses combates,
 Vem descansar das marciaes fadigas.

HENRIQUE.

Ha muito que essa idéa me occupava :
 Com que doce prazer eu me dizia :
 Agora sim, a mais ditosa vida
 Eu vou gozar nos lares meus paternos
 Junto da mãe querida, e do irmão caro !...
 Ha um anno, uma só carta eu não tivera ;
 Esquecimento, não, mas descaminho
 Por certo esse consolo me roubava.
 Chego... encontro o irmão cego ! e mais diria...
 Porém, não devo...

EMILIA.

Filho, ao menos hoje,
 Dia em que a dôr da viuvez abafo,
 E ao vêr de novo o filho de minh'alma,
 Despojei-me das vestes ltuosas,

E trajo as do prazer... ao menos hoje
Lembrança tão cruel da mente esquece.

HENRIQUE.

Como esquecer o que ante os olhos temos?!!
Não vos espante pois, mãe mui prezada,
Vêr de amarga tristeza vivos traços
Talvez em meu semblante.

EMILIA.

Porque sempre
Ha de vir perturbar nossos prazeres
Uma idéa de dôr?...

HENRIQUE, como fatigado da pratica, ou preocupado.

Declina o dia :
A hora se aproxima de um noivado,
De que eu nunca pensei ser testemunha
Chegando aqui. Deus faça feliz Paulo!...

EMILIA.

Dizes isso de um modo que parece...

HENRIQUE, interrompendo rapidamente

Que não parece nada... Eu só queria
Lembrar-vos que era tempo de dispôr-vos
P'ra receber os vossos convidados.

EMILIA.

Vou preparar-me... sim... e tu?...

HENRIQUE.

A farda

É a veste mais nobre de um soldado.

Acompanha Emilia a uma porta da direita do espectador.

SCENA II

HENRIQUE, só; depois de vêr desaparecer Emilia.

Oh! minha mãe, temi que lêr pudesseis
No fundo de minh'alma o meu segredo :
É segredo fatal... prova de infamia...
Deveis pois ignoral-o. Quem dissera
Que aqui voltando da paixão nas azas,
E da fé com que amei buscando o premio,
Achasse uma traição onde esperava
Sómente achar virtude?... Antes mil vezes
Ao coração chegasse o golpe imigo,
E me coubesse a morte dos guerreiros!...

Inda era tempo de quebrar taes laços,
Desfazer o hymeneu era possivel :
Este o conselho que a paixão me inspira...
Mas não o quero... não... que resultára?...
Vêr em dobro infeliz Paulo já cego?...
E para que?... p'ra desposar Maria?...
Eu?! a uma perjura?! Oh! p'ra o soldado
Equivalc o perjurio á covardia.
Não... jamais!... ao altar vou conduzil-a;

Vêl-a-hei entregar mão que era minha,
 A merecerem fé votos d'outr'ora ;
 Vêl-a-hei de outro ser... terei coragem
 Por hoje; que amanhã... talvez p'ra sempre
 Mãe, irmão, e perjura hão de perder-me.
 Ouço os clarius da guerra que me chamam
 A tempo, que eu suspiro pela morte !...
 Outra vez voluntario partir quero,
 E nas margens do Prata a sepultura
 De meus males remedio hão de cavar-me.
 Leão, leão serei p'ra os inimigos ;
 Até que um d'elles me desfeche um golpe,
 Que do peso da vida me liberte.
 Partirei !

SCENA III

HENRIQUE e MARIA.

Um servo, que acompanha Maria até a porta do fundo, e para logo se retira;
 Maria trajando vestidos de noivado, e tendo na cabeça a grinalda de flôres de
 de lorangeira.

MARIA, estremeccendo ao encontrar-se a sós com Henrique.

Oh ! . . .

HENRIQUE, olhando fixamente, e com irouia cruel.

Meus parabens á noiva !!!

MARIA, á parto.

Que momento difficil!

HENRIQUE, á parto.

Sinto ardendo
Dentro do coração fogo do inferno!!!

MARIA, dirigindo-se para a porta do lado direito
do espectador.

Devo sahir...

HENRIQUE, deante de Maria e terrivel.

Senhora!...

MARIA.

Eu pretendia
Nossa mãe abraçar; deixae que passe.

HENRIQUE.

Em labios de mulher sempre ha mentira!...

MARIA, com dignidade.

Senhor!...

HENRIQUE, com muito fogo.

Vós pretendieis só fugir-me,
Livrar-vos da vingança de meus olhos;
Porque me basta olhar-vos p'ra vingar-me!
Senão, dizei : podeis sem custo vêr-me?...
Encarar rosto a rosto o incauto joven
Por vós tão ultrajado!... Oh!... não!... Senhora.
Meu olhar para vós é um carrasco.

Com muita força.

Vosso patibulo está na consciencia,
 Dentro em vós mesma!... emfim, aproveitemos
 Este curto momento, que um acaso
 Feliz me concedeu; aproximae-vos;
 Vosso juiz sou eu : o vosso crime
 Sobre um altar de Deus vae agravar-se;
 Sacrilegio... que importa?... infamia... embora!...
 Quereis as provas de que existe um crime?...

Tira do peito uma trança de cabellos.

De quem é esta trança?... estes cabellos
 A que cabeça ornaram?... são roubados,
 Ou vós mesma m'os déstes?... juras feitas
 Junto á fonte do valle... onde estão ellas?...
 Já não ha religião de juramentos?...
 Uma banda por brinde...

Tira do peito uma banda.

Eil-a, que vale?...
 É ainda no meu peito?! oh! que vergonha

Atira a banda no chão. com movimento de desprezo.

Presentes de uma perfida, desprezo!...
 Mas... não...

Apanha a banda de novo.

Devereis lêr o que bordastes :

Lendo ao pé do rosto do Maria.

— Amor primeiro... o unico da vida!!! —
 Então?... então?... dizei!... — Uma de duas :

Ou sois uma perjura, e me mentistes,
Ou ides lá mentir ante os altares,
Ides outro enganar a quem não amas :
Ah! ha crime!... não podeis negal-o :
Aqui ha mais do que isso : ha sacrilegio.
Tenho dito o que basta, e de hoje ávante
Saberei respeitar minha cunhada.

MARIA.

Obrigada, senhor ; sois delicado :
Um nobre cavalleiro affeito ás armas,
Tendo braço e valor só para os homens,
Só p'ra elles portanto injurias tendo ;
Pois que injurias vingar só homens podem,
Ser mais docil commigo não devia.

HENRIQUE.

Se tentaes responder-me, eu vos escuto ;
Isso mesmo é fraqueza, mas commetto-a.

MARIA.

Condemnada não fui ?... p'ra que defesa
Que tarde vem ?... um só favor vos peço ;
É que cumpraes aquillo que dissestes ;
Que saibaes respeitar vossa cunhada.

Vae-se pela porta da direita do espectador.

SCENA IV

HENRIQUE, só, guardando outra vez no peixo a banda
e a trança.

Tanta audacia me espanta e me desvaira !...
Oh ! nem mesmo tremer de meus furores !

Apparece Damião no fundo.

Tão moça e já tão sabiamente perfida !
Quem lhe ensinou linguagem refalsada ?...

SCENA V

HENRIQUE e DAMIÃO.

DAMIÃO.

Fui eu, que lh'a ensinei ; eu, que eduquei-a.

HENRIQUE.

O senhor Damião !

DAMIÃO.

Pae da offendida.

HENRIQUE.

Que pretendeis dizer ?...

DAMIÃO.

Ides sabel-o.

Onde se viu um cavalleiro honrado
Insultar a innocencia e a fraqueza?...

HENRIQUE.

Senhor!... vós abusaes da vossa idade,
E eu meço sempre os meus adversarios...
D'outro fosse a pergunta, e eu respondêra.

DAMIÃO,

Oh! podeis responder-me. Fui soldado
Tambem, e batalhei grandes batalhas;
Nas columnas de Lizia defensoras
Fui contado no tempo em que o mais forte
Do mundo capitão, raio da Europa,
Guerreou na Peninsula; portanto,
Pelo menos eguaes somos no orgulho.
Por mim tenho o direito do offendido;
Da bainha uma espada arrancar posso;
Minha filha insultastes, e em tal caso
Satisfação deveis-me d'essa injuria.

HENRIQUE.

Que fosseis seu irmão, e então verieis!...

DAMIÃO.

Perco pois pela idade os meus direitos?...

HENRIQUE.

Eu devo respeitar vossa velhice.
Sabeis que não sou fraco; mas não posso
Por isso mesmo me bater comvosco.

Com má vontade.

Se quereis, eu vos dou minhas desculpas.

DAMIÃO.

Oh! quanto essa piedade mais me offende!...
Como ferir-vos n'alma, moço ousado?...

HENRIQUE.

Mortalmente a minh'alma está ferida;
Alegrae-vos, senhor, com tal certeza.

DAMIÃO.

Pois em dobro feril-a quero ainda.
Sabeis p'ra que se accendem os altares?...

HENRIQUE, interrompendo a Damião.

Demais o sei!...

DAMIÃO.

Mas não sabeis, eu juro,
Que todo esse hymeneu é obra minha...
Que uma palavra vossa impedir póde
A festa, o casamento, e quanto hei feito;
Que Maria vos foi fiel constante
Sempre; e só vos esquece sendo esposa;
Que sou eu quem a obriga a cumprir juras
Feitas, quando já morto vos julgava :
Fallae!... podeis lançar o altar por terra;
Ide encher de desgosto a mãe tão digna,
E matar de paixão o infeliz Paulo;
Que nem assim Maria será vossa :
Ou então, que é melhor, em mim vingae-vos.

HENRIQUE.

Que escutei?!... uma victima?! oh! tyranno!!!

DAMIAO.

Vingae-vos pois em mim ! eu sou a causa
 Dos tormentos crueis que vos anceiam.
 Que !... será impotente a vossa raiva ?...

HENRIQUE.

Deus do céo !... fulminae a prepotencia !!

DAMIÃO.

Fallae... quebrae os laços..

HENRIQUE.

Sim !... Agora
 Lancaes-me um desafio, porque é tarde.

DAMIAO.

Então resta a virgança ; quereis tel-a ?...

HENRIQUE.

Não vos houvesse posto a mão dos annos
 Uma c'róa de neve na cabeça,
 Que haviéis de sentir força de um braço
 Pelo furor mais justo manejado.
 Tyrannos que abusaes da natureza,
 Do coração direitos usurpando,
 Dos proprios filhos martyres fazendo !...
 Velho insensato, não sentis que a vida
 Demais vos pésa sobre os hombros curvos ?...
 Não sentis que ante vós a campa se abre ?...
 Que tropeçaes no umbral da eternidade ?...
 Dareis contas a Deus de vossos feitos ;

O mundo deixareis, e n'elle a filha
 Em angustias mirrada ; a voz tremenda
 De um vingativo Deus não 'staes ouvindo?...
 Velho insensato !... não tremeis ?... é crível !
 Que rindo-vos me ouçaes ?!! barbaro velho !
 Oh ! mas ha de acabar a prepotencia !!!

DAMIÃO.

E, no emtanto, inda reina... vós o vêdes...

Com sorriso ironico.

Agora mesmo... aqui...

HENRIQUE, á parte, com pezar.

Pobre Maria!...

Pae cruel, que atormenta a propria filha!...

DAMIAO.

Portanto, nada póde armar-lhe o braço !...

HENRIQUE.

Chega alguem...

DAMIÃO.

Fallareis ?...

HENRIQUE.

Senhor... silencio.

SCENA VI

HENRIQUE, DAMIÃO; MARIA e EMILIA saám do lado
direito do espectador.

EMILIA.

O solemne momento está chegado :
De amigos nossos a capella se enche,
E o sacerdote só espera os noivos.

HENRIQUE, á parte.

Animo, coração, sê forte agora !...

EMILIA.

Maria, em tuas mãos vae ser deposto
O futuro d'um homem desgraçado :
Dá-lhe a paz, que elle aspira, e Deus proteja
O hymeneu do infortunio e da virtude !

MARIA.

Á risca cumprirei dever de esposa :
Partilharei com meu marido a vida
Que elle tiver, feliz ou desgraçada !...

SCENA VII

OS PRECEDENTES, PAULO e DANIEL. — Paulo pela mão de Daniel apparece em uma das portas da direita.

PAULO, a Daniel, e ainda da porta.

Aos pés de minha mãe.

Ao aproximar-se a Emilia.

Que é de Maria ?

Maria vae encontral-o; Paulo deixa Daniel.

Vem, senhora, a meu lado ajoelhar-te
Aos pés d'este bom anjo.

Maria o leva e ajoelhando-se ambos ao pé de Emilia.

Mãe querida !

Sagrae os laços que a forjar partimos
Com benção voluntaria e protectora !
Em Maria eu vos dou inda uma filha,
Que amar-vos saberá como eu vos amo !
Falle o Céu, minha mãe, em vossos labios ;
A preces maternas Deus nunca é surdo,
Dizei-nos, minha mãe, do fundo d'alma :
— Este hymeneu abençoado seja ! —

EMILIA, em pranto.

— Este hymeneu abençoado seja ! —

PAULO e MARIA, abraçando ambos a Emilia.

Oh ! minha mãe!!!

EMILIA.

Meus filhos !...

PAULO.

Que ventura !

DAMIÃO.

O sacerdote espera...

PAULO.

Pae querido,

Vamos... e meu irmão ?...

HENRIQUE, aproximando-so do Paulo

Paulo...

PAULO, tomando a mão do Henrique.

Uma gloria

Reservava ao amigo de meu peito.

A irmã que te vou dar, leva aos altares.

HENRIQUE, à parte.

Oh ! Céos !... que resta mais ? !!

Oferecendo a mão a Maria.

Vamos, senhora.

Sãem todos pelo fundo : Henrique adiante conduzindo Maria, logo depois, Paulo pela mão de Emilia. — Damião os segue e Daniel os acompanha.

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

CIUME

O theatro representa um gabinete particular, que se corresponde com a camara de Paulo. Uma unica porta no fundo dá para esta, uma outra ao lado esquerdo do espectador dá para o exterior. Signaes do festas : um bello toucador; os aparadores ornados com ramos de flôres, etc.

SCENA PRIMEIRA

PAULO, e DANIEL. — Paule sáe arrebatadamente pela porta do fungo : Daniel o segue.

DANIEL.

Senhor... senhor...

PAULO.

Não quero que me sigam!

Eu vejo tudo !... tudo !...

Esharra-se em um dos aparadores.

DANIEL.

Ah ! suspendei-vos !

PAULO, tocando em um ramo de flôres, que estava sobre
o aparador.

Que é isto, que encontro ?... flôres ?... flôres ?!!!
Innocente ornamento da virtude
Não... não mais cabe aqui !

Lança fóra o ramo : Daniel o apanha e torna a pôl-o no mesmo
lugar.

Contaminadas

Estão, se ella aspirou os seus perfumes !...
Fica uma nodoa em tudo o que ella toca...
Tocou na minha mão... nodoa e infame
Mancha indelevel tenho já na vida.
Oh ! estupidos homens !... confiastes
Nossa honra... de quem ?!!!

DANIEL.

Com mais socego,

Senhor, reflexionae sobre o que eu disse,
E que de vos ter dito me arrependo.
Quem sabe se o furor não vos illude,
E se o mais simples factu não transforma
Em crime imaginario ?...

PAULO.

É tarde. Agora

Tenho a sobras veneno nas entranhas.
Podias, sim, tão perfido como elles
Deixal-os, por merecê d'esta cegueira,

Impunes ultrajar-me. Agora é tarde :
 Tu, fiel, sem querer, me revelaste
 Enorme crime. Os dois a sós se víram,
 E me disseste tudo o que disseram.
 Decorei uma a uma essas palavras,
 Que nunca hão-de riscar-se da minh' alma,
 Té que eu me vingue ou morra. Elle dizia :
 Senhora, eu delinqui, mas ha desculpa
 Para quem tanto amor guarda no peito ;
 A teus pés meu perdão conseguir quero...
 Às nove horas... no jardim.. — Mais baixo
 Ainda lhe fallou. — Quantas infamias
 Elles se apuridando não cobriram!!!

Cortando subitamente o fio do discurso, e logo depois pros-
 guindo n'elle.

Depois curvou-se humilde, e de joelhos
 Chorava a soluçar... Ella hesitava...
 — Oh ! essa hesitação é vil delicto
 Na mulher já casada !

Cortando, como ha pouco, o fio do discurso.

Ella tremendo...

— Medo sim... não remorsos. —

O mesmo.

Balbucia :

« Pois bem... ás nove horas. » — Não foi isso ?

DANIEL.

É certo que...

PAULO.

Portanto, deshonrou-me...

DANIEL.

Talvez não haja crime n'este encontro.

PAULO.

E as palavras d'amor que elle dizia ?!

DANIEL.

Antigo amor...

PAULO.

Antigo !! — E a fementida
Porque então me illudia ?...

DANIEL.

As apparencias.

PAULO.

Toda defeza é falsa : inda hoje mesmo
Eu lhe pedia amor, não sacrificios ;
Off'reci-lhe soltal-a d'estes laços...
Porque os quiz ?... então ?! é que as mulheres
Se ufanam de enganar-nos... porque fracos
Nós não nos ufanamos de punil-as !...
Oh ! misero !...

DANIEL.

Senhor...

PAULO, um tanto enternecido.

Amor antigo ?!

Então que me prepara?... então que espero?...
 Oh! Daniel! quando eu contava alegre
 Achar em minha esposa uma alma virgem,
 Puro jardim, em que sómente agora
 Primeira flôr de amor para mim se abrisse...
 Ter em seu coração um céo sereno,
 Onde a aurora d'amor, para mim ainda
 Despontasse risonha, nova e bella!...
 Oh! Daniel! e horrível desmentido
 Vir desfazer meus sonhos deleitosos!...

DANIEL.

Por quem sois, esperae...

PAULO.

Como eu a amava...
 Nem me envergonho mesmo de inda amal-a...

Tomando o seu primeiro arrebatamento.

Mas tanto amor maior vingança pede;
 Não é assim?...

DANIEL.

Vingança?...

PAULO.

Que te espanta?...

Que um cego a tente?... escuta : está formado
 Desde esta hora o plano, que me devo
 P'ra desferrar-me d'essa atroz perfidia.
 Ás nove horas no jardim me occultas,
 E juntos esperamos os traidores :

Elles vêm... cuidadosos espreitando
 Tudo ao redor de si : seguros, livres
 Se julgam, e começam a ultrajar-me !...
 Tu, forçoso me agarras ; porque a raiva
 Me poderá perder : então... domado,
 Em convulsão extrema, a meus ouvidos
 Chega o estalar dos beijos... oh ! malvada !
 Com os olhos do ciume eu vejo tudo !
 Adivinho o que vêr olhos não pódem !...
 Consumada a traição... elles se afastam ;
 E tu, fiel, de novo a estes lugares
 Me arrastas cauteloso.

DANIEL. á parte.

Elle delira !

PAULO.

Então a hora da vingança aguardo
 Socegado... (talvez que até me ria) !...
 Tu me dás um punhal que a geito escondo.
 O momento que outr' ora eu suspirava
 Chega emfim... para o thálamo eu a guio...
 E a seu lado me atiro frio e calmo.
 Ainda não comprehendes meu designio ?...
 Ah ! Daniel !... a perfida não dorme ?...
 Não tenho eu tacto ?... acaso não me é facil
 Vingar-me assim ?... oh ! basta um só instante.
 Quando ella resonar, de manso me ergo
 Do leito nupcial, que a vil desdoira...
 Cuidadoso... subtil... o ferro busco...

E volto a ella... apalpo... a mão esquerda
 Afasta a fina téla, que envolvel-a...
 Escuto no seu peito onde é que bate
 Mais forte o coração... depois... prudente
 A mão lhe cerra a bocca e abafa o grito...
 E co'a dextra o punhal todo lhe enterro !...
 E depois... e depois... — o que mais falta,
 Segredo é meu, que saberás já tarde.

DANIEL.

É horrivel, senhor, o que haveis dito.

PAULO.

É muito mais horrivel o que eu soffro.

DANIEL.

Lembrae-vos que um irmão...

PAULO.

Isso que importa ?...

Nome d'irmão não justifica injurias.
 Se cego me não visse, tão infame
 Talvez não fôra !

DANIEL.

Muito elle vos ama !

PAULO.

Não ; como ella, é traidor ! irmão ? ! p'ra sempre
 Seja do coração banido um nome,
 Que o vil desconheceu : irmão ? ! sómente
 É nosso irmão aquelle que nos ama,
 Que sanciona com a vontade os laços,

Que a natureza a cegas tem forjado.
 Sim ! póde uma só planta bella e pura
 Brotar um fructo acerbo, e outro benigno...
 Tão oppostos extremos não se ligam...
 Eu já não tenho irmão... jamais... oh ! nunea !..
 Esse, que o foi, hoje é meu inimigo...
 Eu o detesto...

DANIEL.

Mas deveis...

PAULO.

Silencio...

Vê-me um punhal, e basta.

DANIEL.

Acaso devo

Tal imprudencia...

PAULO.

Tu deves-me tudo.

DANIEL.

E é por isso, senhor, que o punhal nego.

PAULO.

Tu negas-me um punhal ! tu me desarmas !...
 Tu, ingrato tambem ?... então que querem
 Que eu seja n'este mundo ?... um miseravel,
 Cuja honra se ultraje impunemente ?...
 Homem, a quem se offenda, e não se vingue,
 Nem trate de vingar-se ?... não ! não hei de

Ser, o que pretendeis !... Vae, desgraçado,
 Nada mais de ti quero... tu, como elles,
 És perfido ! de ti não mais preciso...

Começa a girar vivamente pela scena.

Não quero conductor ! não tenho esposa !...
 Não tenho irmão !... eu tenho só no peito
 Desejo insaciavel de vingança !...
 Longe !... longe !... malditos sejam todos !
 Tu, como elles, maldito !... longe ! O cego
 Já vê demais !!!

Encontra uma cadeira, e cáe sobre ella.

DANIEL, levantando a Paulo.

Oh ! meu senhor, matae-me
 Antes do que pensar o que dissestes...

Paulo fica pensativo.

Aqui a vossos pés, eu, que sou causa
 D'este tormento, castigado seja.
 Ah ! vingae-vos em mim ! tudo mereço,
 Mais não queiraes que leve inda mais longe
 Minha imprudencia, uma arma ministrando,
 A quem tanto em furores se exacerba.

PAULO, aparentemente frio.

Teus razão : vejo bem que em furias ardo.
 Obrigado : um delicto eu perpetrára,
 A tu não seres : devo-te o socego...
 'Stou calmo agora... vae-te, amigo, e deixa
 Que, a sós, de todo aplaque a minha raiva.

DANIEL.

Eu me vou : socegae... toda prudencia
É pouca em casos taes.

Vae-se pela porta da esquerda do espectador.

SCENA II

PAULO, só.

Sim, é verdade :

É pouca em casos taes toda prudencia.
Capaz de ser-me falso elle mostrou-se,
E pois d'este tambem se faz preciso
Esconder meus designios de vingança.
Não terei um punhal ; mas outro meio,
Que me resta, ninguem tirar-me póde.
Que ! por tanto ciume enfurecido
Não terão estas mãos força bastante
Para afogar a perfida?! oh! não ha de
Valor faltar-me... embora surdo grito
Da apertada garganta a custo rompa...
Hei de sentir seu corpo convulsando
Preso entre minhas unhas enterradas
No collo vil!... o cheiro de seu sangue
Não me fará horror... e quando frio
Eu sómente apertar cadaver torpe,
A um canto o arrojarei qual fardo inutil!...
E depois... para mim, Deus ! o teu raio!...

Minha vingança pois 'stá planejada :
Falta só a evidencia de seu crime ;
Vou tel-a no jardim.

DAMIÃO, dentro.

O senhor Paulo

Acaso póde ouvir-me ?...

PAULO.

O pae da perfida :

É preciso abafar os meus furores.

Fallando para o lado da porta.

Entrae, senhor. —

SCENA III

PAULO, e DAMIÃO entrando pela porta da esquerda.

DAMIÃO.

Uma hora eu procurava,
Em que a sós me pudesse vêr comvosco,
Para, cumprindo um uso de familia,
Depôr em vossas mãos nobre legado,
Que de direito vos pertence agora.

PAULO.

A sós estamos. — Que legado é esse ?...

DAMIÃO.

Ouvi-me, e sabereis. O triste velho,

Que não podeis mais vêr, mas que já vistes,
 No seio da pobreza inda conserva
 Orgulho de seu nome. Um Gomes nunca
 Uma injuria soffreu que não vingasse ;
 E se extranhos perdão jamais tiveram,
 Dos seus em dobro a offensa era punida.

Uma vez... (velhas éras isto viram)
 Mulher vil que de nós o nome tinha
 Trahiu a seu marido ; e o pae da infame,
 Certo do caso, a mão tremula armando
 De um punhal, negra mancha lavar soube
 Com o sangue da perjura... De nobreza
 Esse punhal p'ra nós legado ha sido ;
 Foi por todos passando até chegar-me.
 Quando uma Gomes nupcias celebrava,
 O esposo recebia o punhal d'honra
 Para vingar-se, se offendido fosse
 Pela filha de um Gomes. Mudou tudo...
 O tempo é outro... embora... eu sou o mesmo :
 Quero cumprir a lei dos meus maiores :
 Desposastes, senhor, a minha filha ;
 Se ella vos nodoar, podeis matal-a.
 A deixa vingadora vos pertence ;
 Eis o punhal.

Tira um punhal.

PAULO, meio alegre, meio desconfiado.

Cumprir quereis sómente
 Velha usança de avós (que assaz respeito),

Ou, ao vir offerecer-me a arma funesta,
Tendes a idéa de zombar de um cego?...
Dizei, senhor? —

DAMIÃO.

O cego sentir póde
Onde palpita o coração que o offende,
E por ahi abrir caminho á vida.
Cumpro usança de avós, como dissestes :
Eis o punhal. —

Entrega o punhal a Paulo.

Se está enferrujado,
É porque nossas filhas têm sabido
Trilhar sempre a vereda da virtude.
Recebei-o ; e se um dia vos desdoiram,
Usae d'elle ! e seguro seja o golpe.

Vae-se por onde entrou.

SCENA IV

PAULO, só, guardando o punhal no seio com muito cuidado.

Sim !... presente do céo, eu te recebo !
Vem ! eu te asylo junto de meu peito...
Que ninguem te perceba... occulto fica
Meu querido thesouro !... doce esp'rança
Minha, eu vou respirar mais levemente,
P'ra que te não suspeitem... te não roubem
D'este seio, que é teu... por mi direitos...

Como eu t'ó provarei!... Aqui te esconde,
 Que depois da vingança consumada,
 Mais profundo aqui mesmo hei de esconder-te.

Sentindo passos.

Sinto rumor... quem é?...

SCENA V

PAULO; e MARIA entrando pelo porta da esquerda, e dirigindo-se a Paulo com ternura.

MARIA.

A tua esposa.

PAULO, á parte.

Oh!... céos!... Maria!... eu mal conter-me posso.

MARIA.

Senhor, tão longa ausencia é já sentida;
 Mas tu foges de mim?...

PAULO, mal contendo-se.

Oh! não... senhora,
 Poderia eu fazel-o?... por ventura
 Não me amas tanto... tanto...

MARIA.

Eu me confundo!
 Ten aspecto, senhor, não sei que mostra...
 Parece que um tormento...

PAULO.

Adivinhaste ;
Sinto terrível dôr, que me exaspéra ;
Mas não é nada... ha de passar...

À parte com voz sinistra.

Oh ! ha de !...

MARIA.

Explica-me o teu mal : a mim compete
Mesmo o direito de estudar tu' alma :
Oh ! falla ! de que serve então a esposa
Se do esposo não vale a confiança,
Se curar suas maguas não procura,
Se as não minora, ao menos, consolando-o ?...
Tu tens em mim a mais fiel amiga ;
Derrama no meu seio as tuas dôres.

PAULO.

Minha ausencia, disseste, era sentida...
Vamos...

MARIA.

Pois não mereço o que te peço ?...

PAULO.

Nada sinto...

MARIA, com terno resentimento.

Senhor...

SCENA VI

Os PRECEDENTES, e EMILIA entrando pela porta da esquerda.

EMILIA.

Meu filho ; todos
Ha muito te procuram...

MARIA.

Mãe querida,
Vosso filho padece, e o mal esconde !
Nem mesmo o meu poder...

EMILIA.

Paulo ! que é isto ?...

PAULO, conseguindo pegar na mão de Emilia.

Minha mãe... nada soffro : —

Levando Emilia para o lado contrário d'aquelle em que
está Maria.

Uma palavra...
Só vós a ouçaes... recordo a prophacia : —

Com voz lugubre.

— N'este hymeneu presinto uma desgraça !! —

Espanto de Emilia.

Vamos, senhora.

Estendendo a mão a Maria.

Conduzi-me á sala. —

Paulo é levado pelas duas. — Sáem todos pela po
esquerda.

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V

A NOITE DE NUPCIAS

O theatro representada um vasto jardim. — É noite. — Ao fundo e para o lado direito do espectador vê-se uma parte da casa de Emilia; algumas janelas ali deixam perceber salas illuminadas, como em uma noite de festa; lampeões suspensos em ramos de arvores esclarecem o jardim.

SCENA PRIMEIRA

PAULO e DANIEL.

DANIEL.

Eis-nos emfim, senhor.

PAULO.

Conheço, amigo,
Quanto por mim tens feito ; e o que te devo :
O céo t'ó pagar, que eu já não posso.

Meus dias um a um estão contados,
 E o bago extremo vae cahir bem cedo.
 Emfim, descançarei : e o mundo insano
 Ha de amanhã chorar-me, por ventura,
 Não de piedade, ao vêr o meu cadaver;
 Mas porque um infeliz conta de menos.
 Este mundo é fatal !...

DANIEL.

Senhor, que idéas...

PAULO.

Em passageira vida tormentosa
 Por uma dita, que traidora off'rece,
 Nos faz provar pezares mil acerbos.
 Porque pois tal apego a tanta lida?...
 Por minha parte, ha muito, ella me pésa ;
 Procurei um remedio, que mais leve
 M'a tornasse ; e o remedio foi veneno,
 Que delirante bebo : eis-me aqui prompto
 Para beber o trago derradeiro.
 Verei minha deshonna, e assim quebrado
 O élo ficará, que inda me prende
 A um mundo que abomino !...

DANIEL, á parte.

Desgraçado !

PAULO.

O mundo ?!!! é um demonio multiforme,
 Que p'ra cada traição reserva um rosto,

P'ra cada coração punhal d'escolha,
 E p'ra toda esperança um desengano !
 Inimigo feroz, des que nascemos
 Até nos vêr morrer nos atormenta :
 Emquanto vivos, nos guerrea e fere ;
 Já mortos elle róe nosso cadaver.
 O mundo ! o mundo ! Quem lh'escapa ás garras ?
 É sereia que canta enganadora,
 Crocodillo que chora traçoero,
 Lobo que assalta, tigre que devora,
 Ou leopardo que surpr'ende a victima!...
 Oh! o mundo !... Se acaso o homem se humilha,
 O infame na cara vae cuspir-lhe ;
 Se o arrostra, em torturas o trucidá ;
 Se d'elle cauteloso desconfia,
 Então, oh!... como a mim!... faz a seus olhos
 Brilhar uma chimera côr de fogo,
 Tão fementida, como doce e bella...
 A esperança : e ai de quem n'ella confia!...

DANIEL.

A esperança é o sol que alma esclarece ;
 Aquelle que a não tem, metade é morto !

PAULO.

Pois bem ; inda hoje mesmo assaz a tinha,
 E por havel-a tido me exaspero.
 Esperei contra a noite de meus olhos
 Achar na luz de amor paz e ventura.
 Paz, ventura em amor!... se isto não basta

Para a sobras provar, que um louco hei sido,
 Prova, e prova demais o ter eu posto
 Na fé de uma mulher minha esperança.
 Oh ! sim : acreditei n'essa mentira,
 E eis aqui minha noite de noivado !...
 Por beijo nupcial dão-me a vergonha...
 Á esposa em vez de amor devo vingança...
 Meu thalamo ha de ser a sepultura. —

Mudando de tom.

Que mundo !... que esperança !...

DANIEL.

Assaz confio

Que o céo vos mostrará feliz verdade.

PAULO.

Sim, Daniel, nós ambos sentiremos
 D'essa verdade as evidentes provas;
 Essa evidencia eu quero, eu a desejo
 Para me defender na eternidade.
 Occultos arrazámos seus segredos...
 Tu serás testemunha de seu crime,
 E o juiz serei eu : embora a ingrata
 Empregue o pranto, as queixas, e os lamentos...
 Meu Deus ! —

Cortando o fio do discurso, e como rindendo graças ao Céu.

Já uma vez eu vos bemdigo.

Porque sou cego : é pelos nossos olhos,
 Que abre melhor caminho a piedade
 Para chegar ao coração ; e eu cego

Não hei de vêr as lagrimas da perfida,
Nem a morte espargida no seu rosto !...

Torna a dirigir-se a Daniel.

Elles chegam... Nós tudo observando
Nada perdemos : sós... julgam-se impunes...
A solidão lhes rasga o véo do pejo...
Fallam de amor... amantes votos fazem...
E eu escuto esses votos, que me soam,
Como um rugir de feras !...

Como não podendo conter-se.

Não, não posso...

A Daniel com furor.

Não devo dilatar minha vingança...
Quando em sua ventura embriagados
Em mais estreito abraço se apertarem,
Sobre elles tu me arrojás de improviso,

Pondo a mão no peito e logo arrependendo-se d'esse movimento.

Então com meu...

Á parte.

Eu ia me perdendo.
Com vingadoras mãos afógo a perfida.

DANIEL.

Senhor... vem gente...

PAULO.

Occulta-me depressa.

Occulta-se, levado por Daniel para o fundo.

SCENA II

HENRIQUE, só, sabindo da direita do espectador.

Emfim, chega o momento que ha de dar-me
O prazer derradeiro n'este mundo.
Veamos se o que resta está disposto.

Fallando para a direita.

Silvestre !

SCENA III

HENRIQUE e SILVESTRE sabindo da direita.

SILVESTRE.

Capitão !

HENRIQUE.

Tudo está prompto?...

SILVESTRE.

Segundo as vossas ordens, ás occultas
Levei as malas p'ra o visinho bosque.

HENRIQUE.

E os cavallos?...

SILVESTRE.

Ja estão apparelhados.

HENRIQUE.

Leva-os para onde as malas escondestes :
Não tarde partiremos : camarada,
Amigo, e companheiro dos combates,
Não, não mais ficarei : iremos juntos,
Onde a patria o pedir perder a vida,
Ou triumphar... que tu talvez triumphes.

SILVESTRE.

Bem o dizia eu ! Quem tão valente
Estreou como vós da gloria a estrada,
Não se amolda mais nunca a uma existencia
Socegada, talvez ; mas obscura.

HENRIQUE, com triste sorriso.

Pois sim... é isso : a gloria é que me chama...
Vae no emtanto cumprir o que te ordeno.

Vae-se Silvestre pelo mesmo lado por onde sahio.

SCENA IV

HENRIQUE, só.

Minha partida o proprio dever manda ;
Não é só desespero que m'a inspira :
Aqui, a meu despeito, conspirára
Contra a ventura de um irmão, que prézo !...
Oh ! como, como invejo a sorte d'elle !...
Antes cego, que amante desgraçado !

Emfim... eu vou partir... adeus, meus lares!
 Adeus, campos da infancia tão queridos!
 Adeus, oh! minha mãe! adeus eterno
 É este que vos digo... irmã da morte
 Sempre foi a partida sem retorno.

Fica um instante em silencio, depois prosequ

Só me falta um momento : vêr Maria...
 Receber meu perdão a seus pés curvo,
 E partir logo após : o tempo passa...
 Um acaso imprevisito esta demora
 Talvez cause... ou temor... se não viesse !!

Sentindo rumor.

Oh!...

Correndo a encontrar Maria.

É ella!...

SCENA V

HENRIQUE; e MARIA, sahindo pela direita; estudada frieza
 em suas palavras e acções.

HENRIQUE, moderando o seu fervor ante a frieza com que
 o recobe Maria.

Maria!

MARIA.

Este meu passo
 Eu mesma uma imprudencia considero;
 Mas, emfim... eu cedi a tantos rogos ;

Porque havia um mysterio em vossas phrases...
 Explicae-vos depressa, p'ra que eu volte,
 Que é facil ser notada a minha ausencia.

HENRIQUE.

Não, senhora; com a festa embriagados
 Todos pensam sómente em seus prazeres.

MARIA.

Mas tambem o dever manda apressar-me.

HENRIQUE.

Eu fallo pois, e breve ser pretendo.
 Senhora, quando em nós arde o ciume,
 Abafada a razão perde o seu campo,
 Tudo é delirio, tudo é perdoavel.
 Eu vos injuriei... mil invectivas,
 De que agora eu proprio me envergonho,
 Contra vós arrojéi : ah!... não sabia
 Que ereis martyr, como eu, da prepotencia.
 Juramentos de amor que nos ligavam,
 Vi postergados... não vos defendieis,
 Pensei que os não lembraveis inconstante.
 Era igual meu ciume á paixão minha,
 E injurias filhas da ciume ouvistes.
 Sei agora, Maria, que só devo
 Queixar-me d'essa extrema obediencia,
 Que a ambos nós para sempre infelicita :
 Em furias vosso pae me aclarou tudo :
 No que fizestes, sim, existe um crime;
 Mas é só vosso pae o criminoso.

Aqui a vossos pés, —

Curvando-se.

Maria, espero,
Que perdoeis-me a raiva do ciume.
Oh! ... tende çampaixão de um desgraçado!!!

MARIA, com extrema frieza.

Levantae-vos, senhor, já me não lembra
O que em solteira se passou commigo :
Eu recordo-me só que sou casada,
E que toda pertengo ao meu consorte.

HENRIQUE.

Oh ! Maria !...

MARIA.

Deixae que eu me retire...

HENRIQUE.

Pouco, senhora, resta-me a dizer-vos.
Não tenho, não, a força da virtude,
Como tão grande a tendes. Tanto gelo,
Onde fogo existiu!... nunca!... impossivel!...
Eu jamais o farei...

Com fogo.

Amo-vos sempre,
Inda mais do que amava, hoje vos amo.
Oh !...

Sentindo que Maria o quer interromper.

Não me interrompaes... tudo adivinho...

Em dever fallarieis... pois é isso :
 Não posso aqui, nem mesmo em parte alguma,
 Suffocar este amor!... aqui redobra!...
 Geme o dever, e eu ouço os seus gemidos...
 Vou partir... para sempre. Em paz vos deixo.
 Do Prata junto ás margens se combate,
 Atrevido Argentino o Brasil fere ;
 Lá me vou, e jamais hão-de tornar-me
 A vêr aquelles a quem amo. Odeio
 Esta vida importuna e miseravel...
 É facil que m'a tirem nas batalhas.

MARIA, á parte e commovida.

Oh ! meus Deus ! este homem quer perder-me !
 Vêl-o partir em tanto desespero
 Quasi é mandal-o á morte !

HENRIQUE.

Adeus, senhora !

MARIA, meio perturbada.

Não sei, porque, senhor, quereis deixar-nos...
 Eu não receio aqui vossa presença...
 Tenho fé na virtude, e nada temo.

HENRIQUE.

É só por mim, não é por vós que eu parto.
 Por fraco me conheço... hei medo á lucta,
 E além de tudo eu tenho aqui o inferno ! —

Apontando para o coração.

Em respeito a um irmão de vós me afasto,

E partindo, eu sei bem, que a guerra off'rece
Infallivel recurso ao desespero.

MARIA, mal contendo-se.

Partir!... senhor!...

HENRIQUE.

Para buscar a morte
Ella me é doce agora, que hei perdido
Todo o bem que aspirava sobre a terra

MARIA, crescendo em fogo.

Partir?! e vossa mãe?!!

HENRIQUE.

Tem uma filha
Para supprir o filho que lhe foge.

MARIA, com mais fogo ainda.

Partir?! e vosso irmão?!!

HENRIQUE.

Ah!... tem Maria,
Que faz tudo esquecer a quem a goza!...

MARIA, não podendo mais conter-se.

Partir?! morrer?! e eu?!!

HENRIQUE.

Oh! desgraçado!!!

MARIA.

Irmão... irmão... não nos deixeis... lembrae-vos...

HENRIQUE.

Perdi o vosso amor... anhele a morte.

MARIA, em explosão.

Perdestes meu amor?... Quem tal blasphemia
Póde dizer?... Oh!... não!... nunca!... eu vos amo...

Parando e exclamando dolorosamente arrependida.

Que disse?... Deus eterno, eu sou casada!...

A Henrique, com violento desespero.

Parti, senhor, deixae-me, e morrei mesmo;
Mas deixae-me no seio da virtude.
Parti!...

HENRIQUE.

Maria!...

MARIA.

Não!... eu não vos ouço :
Por vossa causa, e por ouvir-vos tanto
Já éro de mim mesma. Sois piedoso?..
Compreheideis, senhor, o que é virtude?..
Respeitae a innocencia?... é mais que sombra
A vossos olhos o dever?... deixae-nos!
Parti... e parti já!

HENRIQUE.

Sim... para sempre!
Eu vou deixar-vos e morrer, Maria!

Consegue pegar na mão de Maria, que a nao retira.

Minha irmã!... doe eulevo de minh'alma!

Amada antiga miuha!...

Beija-lhe a mão com indizível ternura.

Adeus!...

MARIA, com um grito a'alma.

P'ra sempre!!!

SCENA VI

HENRIQUE indo a partir e suspendendo-se, MARIA, PAULO vindo exasperado do fundo e seguido de DANIEL

PAULO, espanto de Henrique e de Maria.

Suspendei-vos!!!

HENRIQUE.

Irmão!

MARIA.

Céos! meu marido!...

PAULO.

Ouvi tudo... escutei minha sentença!...

HENRIQUE.

Irmão!...

PAULO.

Irmão, dizeis?!?

Com terrível expressão de desespero.

Sois muito infame !...

Sabeis?... eu 'stava alli ouvindo, e vendo...
Vendo, sim! que o ciume olhos me dava !...
Não se morre de raiva, eu inda vivo...
E, portanto, tremi !... tremi do cego !!!

HENRIQUE.

Paulo !

MARIA, chegando-se para Paulo.

Esposo !

PAULO, agarrando com força no braço de Maria.

Vem cá, mulher, escuta :
Esta manhã o cego o que te disse
Junto á fonte do valle?... dize... falla

MARIA, subjugada.

Que de mim sacrificios não queria ;
Merecer meu amor só desejava...

PAULO.

E que juraste á face dos altares?...

MARIA.

Fidelidade, amor a men esposo.

PAULO.

E onde está esse amor?...

MARIA.

Senhor, sou tua.

PAULO.

Essa fidelidade?...

MARIA.

Inda eu a juro.

PAULO.

Tu a juras, ó perfida?!!

Depois de sacudir-lhe o braço, a deixa com movimento de desprizo.

Ouvi tudo!

Estava alli... ouvi minha vergonha :

Tu disseste, e era em fogo que o dizias :

« Perdeste meu amor?... quem tal blasphemia

« Póde dizer?... Oh! não! nunca! eu vos amo!... »

Não foi assim?... fallae! acaso eu minto?...

Procurando em vão encontrar Maria com as mãos.

Oh! confissão horrivel e nefanda!!!

Terrivel.

Cuidas, mulher, que um cego não se vinga?!!

MARIA.

Vinga-te, pois em mim, do que em delirio

Dos labios me sahiu, sem que eu peiasse.

Conhece entim, senhor, toda a verdade;

Eu vou justificar tua vingança.

É certo, a teu irmão eu muito amava,

E ainda o amo. Affeita a sujeitar-me

De um pae ao mando, obedecendo a elle

A minha mão te dei : d'outro já era
 O coração, ser teu mais não podia.
 Não posso amar-te, não ; porém, conheço
 O quanto és nobre, e justa e pura estima,
 Senhor, eu te dedico ; eis o que posso.
 Derão-me a educação da austeridade ;
 E o que o dever me impõe, cumprirei sempre.
 Não terás uma esposa apaixonada ;
 Mas fiel, has de tel-a até a morte.

PAULO.

E do que serve sem amor a esposa?...

MARIA.

O amor não se impõe ; nasce espontaneo.

PAULO.

E negarás que, ha pouco, me trahias?...

MARIA.

Pois vingá-te, senhor, tira-me a vida ;
 Far-me-ias um bem, sem que o julgasses.

PAULO, terrivel e com a mão no peito.

Oh!... tu zombas de mim ; porque sou cego?!!
 Cuidas, mulher, que um cego não se vingá?!?!!

MARIA.

Que inda me não conheces vou provar-te :
 Quero off'recer-te um meio de matar-me ;
 Praza a Deus que o aceites!...

Tira a manta que tem no poscoco.

HENRIQUE, dando um passo para suspender Maria.

Céos!... Maria!

MARIA, a Henrique.

Arredae-vos, senhor, vós me perdestes!...

EMILIA.

Eis-me aqui!... Põe um termo á minha vida!...
Affoga a criminosa que te offende.

PAULO, recebe a manta.

Sim! acceito! pois morre!

Quer lançar a manta ao redor do pescoço de Maria, e larga logo.

Não! não posso!

Ainda a amo e muito!... oh! desditoso!!!

MARIA.

Como eu fiz d'este homem o infortunio!...

Momento de doloroso silencio. — Depois do que Paulo, que tem
deixado cabir a cabeça, a ergue, e falla sentidamente.

PAULO.

Eis-me pois mais que nunca desgraçado!
Que sorte n'este mundo iguala a minha?...
Foges, Henrique? .. sim! depois que n'alma
Todo fel me lançaste do ciúme!
Foges; e minha mãe fica gemendo,
E em cada um abafado seu gemido
Eu escuto uma queixa a mim lançada!...
Sou eu que espanto o filho de seu seio.

Quem a propria familia enche de luto!...
 De Maria um suspiro que percebo,
 É punhal que me rasga e dilacera
 O peito já ferido por teus golpes!
 N'um suspiro eu apanho uma saudade!
 Negra traição da esposa na tristeza
 Sinto feita a mim proprio; e ao mesmo tempo
 Os remorsos tambem me despedaçam!...
 Ficas, Henrique?... Ficas!... mais socego,
 Não póde ter o cego... a todo instante
 Elle se vê ludibrio da perfidia,
 E uma traição a cada passo adivinha!!!
 As auras que murmuram com a folhagem
 Lhe parecem sussurro vergonhoso...
 Se um movimento a esposa faz no leito
 Elle crê que lhe foge e vae trahil-o...
 Se está com elle e ella, pensa e teme,
 Que em seu rosto abusando da cegueira,
 Vós estejaes trocando amantes beijos..
 Oh! dôr extrema! oh! mal já sem remedio!

Quasi em pranto.

Ai! misero de mim!...

HENRIQUE, dolorosamente.

Como elle soffre!...

MARIA

Eu o faço infeliz!

PAULO, com movimento de desconfiança.

Daniel!... Daniel!...

Tomando a Daniel, que se chega, pela mão.

Talvez de vêr-me assim se regosijam!...

Riem-se, não ?...

DANIEL.

Chorando vejo a ambos.

PAULO, com dôr extrema.

Ah! que só mover posso a piedade!...
Sinto em torno de mim desgraça e pranto...
Vivo em trevas no mundo e em trevas n'alma;
Morreu-me a luz dos olhos, e a esperança!...
Sem poder ser feliz faço o infortunio
D'aquelles a quem amo! oh! sorte iniqua!
A minha vida é muro insuperavel
Erguido ante a ventura de dois entes!
Êu sou phantasma horrivel que os separa!
Minha morte, porém, unil-os pôde.
Sinistra idéa, e unico recurso!...
Um cego é fardo incommodo no mundo...
Maria... Henrique... o vosso amor triumphe!...
Vivei... e abençoa e o pobre cego...
Deveis viver... sómente eu morrer devo.

Arranca o punhal e mata-se.

MARIA, HENRIQUE e DANIEL, os tres cahindo sobre Paulo.

Oh!... infeliz!...

SCENA VII

Os PRECEDENTES, e DAMIÃO apparecendo do lado direito do espectador.

DAMIÃO, ainda de longe.

Maria !...

HENRIQUE, correndo a Damião, travando-lhe o braço, e trazendo-o á força até junto do cadaver do irmão.

Chegue !... vêde-o !...

Apontando com gesto terrível o cadaver do irmão.

Êis o fructo, senhor, da prepotencia !!!

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO

Claravim - recd
30 abril 1875

COBÉ

DRAMA EM CINCO ACTOS

7 de set 1859

no Amor e Fúria

Guarari Alencar

Jens

Revón

conf ed

1857
1856

PERSONAGENS :

D. RODRIGO.
D. GIL DA CUNHA.
D. FUAS.
COBÊ.
BRANCA.
AGASSAMU'
VALENTINA.

A scena se passa no Rio de Janeiro, nos primeiros tempos
epocha colonial.

COBÉ

ACTO PRIMEIRO

A PRAGUEJADORA

O theatro representa parte d'um quintal murado: no ultimo plano da esquerda uma porta; ao fundo corre o muro, que antes serve da defesa que de embellezamento; no terceiro e quarto plano da direita a frente d'uma casa com patim, para onde se sobe por uma escaea de madeira; por baixa do patim duas portas pequenas, que dão entrada para dois quartos.

SCENA PRIMEIRA

COBÉ, só, que entra pelo portão.

A guerra é certa : os brancos já se crêm
Poucos para lutar com nossos bravos,

E aliados indigenas concitam.
E pois enquanto Nictheroy submissa
Tolera em suas praias seus tyrannos,
Meus irmãos mais além erguendo o collo
A patria vingam, ou por ella morrem.
Só Nictheroy se humilha !... e onde seus filhos ?!
Nictheroy... de Tupan a mais querida,
Cuja fronte encantado o sol dourava,
E extremoso o oceano os pés lambia,
Eil-a, enfim, offendida, e não vingada.
E onde seus filhos ?... longe... écho sinistro.
Raiva impotente exhala vão bramido.
D'esses nobres tamoyos, que altaneira
Nictheroy se ufana, hoje só restam
Ante ella alguns, para vergonha sua,
Servindo escravos, e soffrendo a vida :
Escravos !!! sim : escravos : porque tremo ?...
Tambem o sou : acaso me envergonha
A baixa condição ?... porque a suporto ?...
Esta cabeça altiva, que outro tempo
Se ornava d'um cocar, hoje se curva
A's ordens d'um senhor... oh !... sou escravo !...
Soffro que minha mãe conmigo arraste
Infame captivo ; desmentindo
De minha tribu a fama, peço a estima
Dos meus, e me contemplo envilecido !...
Um remorso cruel me despedaça...
Ao livramento os bosques me convidam,
E eu não fujo... eu persisto, e fico escravo !

SCENA II

COBÉ e VALENTINA, que aparece no patim e de lá falla.

VALENTINA.

Cobé !...

COBÉ, voltando-se promptamente.

Quem é ?...

VALENTINA.

Éstaes só ?...

COBÉ.

Sim : que me queres?

Deseo Valentina do patim.

VALENTINA.

Em nome da senhora te procuro.

COBÉ, estremecendo.

De Branea...

VALENTINA.

**Sim : esenta. Apenas sahia
O senhor D. Rodrigo, e só estejas,
Acode a um signal meu : no parapeito
Do patim me verás, e ao leve aceno
D'um lenço branco, sóbe, que te esperam.**

COBÉ.

Prompto serei... Porém, tanto mysterio !...

VALENTINA.

D. Branca precisa assaz fallar-te
 Em confidencia : muito has merecido,
 Confiança lh'inspiras, e um serviço
 Immenso hoje t'implora.

COBÉ.

A mim !... implora ?...
 Não sou escravo d'ella ?...

VALENTINA.

Não de escravo
 Antes de amigo officios vae pedir-te.

Vae-se.

COBÉ, acompanhando Valentina até o patim.

Ou escravo, ou amigo hei de servir-a.

SCENA III

COBÉ, só.

Ah ! que enfim uma vez Branca seus olhos
 Baixou sobre Cobé ! A estranha dita
 Me desatina : o coração recebe
 A feliz nova, como o antro escuro
 Onde primeira vez penetra amigo
 Raio de sol brilhante ! Oh ! não !... mais nunca
 De escravo a condição ha de pesar-me.
 Ser escravo de Branca é gloria immensa,

E mais que a liberdade ; mas que é isto ?...
Porque tanto me exalto?... como póde
A só idéa de acudir ás ordens
De Branca, assim de gosto inebriar-me ?
Ah ! misero Cobé ! debalde intentas
A ti mesmo encobrir o louco affecto ;
Da verdade cruel a luz se expande
E brilha no teu seio : humilde escravo
Ousas erguer o coração té ella !...
Pobre insensato, as mãos estás alçando
P'ra tocar n'um thesouro resguardado
Muito acima de ti, onde não chegas !...
Essa mulhier tão fraca e delicada,
Que seu corpo quebráras entre os dedos,
Com o volver de seus olhos te governa,
Dobra a tua vontade a um leve aceno,
E abafa tua honra, e tua raiva.
Louco infeliz ! preparas um supplicio
Horrivel, que terás... talvez bem cedo :
Um dia... oh !... tarde chegue esse máo dia.
Tu mesmo... com teus olhos... has de vê-la
Em festivo cortejo ser levada
Aos braços d'um esposo... sim... tu mesmo,
Tu, que d'ella és escravo, has de segui-la,
E testemunha ser das glórias d'outrem.
Agora .. ouves as phrases, que a ternura
Ensina á esposa amante... logo apañhas
Um suspiro d'amor, que ao peito escapa
Do apaixonado esposo... ás vezes chega

A teus ouvidos o estalar dos beijos,
Que elle dá, que elle paga...

Cedendo a um movimento de ciúme.

Que ! não hei de !...

Cobé... primeiro. .

Serenando.

Insano pensamento !...

P'ra que criar tormentos no futuro ?...

Branca inda tão pura, ainda innocente,

Não se lembra de amor, nem mesmo em sonhos.

Não perturbemos pois com vão temores

De um mal vindouro do presente a dita ;

Cá de baixo e de longe erguendo os olhos,

Em segredo fartemo-nos de amal-a

Sem pretensões... sem fim... sem esperanças,

Como aquelle que amasse a visão bella

Em um sonho nascida, e evaporada.

SCENA IV

D. RODRIGO e D. FUAS, que descem no patim. COBÉ um pouco ao fundo.

D. RODRIGO, mostrando Cobé.

Eil-o, senhor D. Fuas, decidi-lo :

Ao serviço do rei eu vol-o cedo,

Se elle nisso convir; que mais não posso ;

Pois prudente não é mandal-o á força

E expôr-nos á traição d'um m'io soldado,
 Ou a vêl-o fugir de nossas filas,
 E augmentar o poder dos inimigos.

Voltando-se para Cobé.

Cobé, attento escuta o que te off'recem,
 E o que eu permitto, que offerecer-te venham.

Voltando-se para D. Fuas.

Julgo util deixar-vos só com elle ;
 Ouvil-o-eis mais franco em minha ausencia.

COBÉ, seguindo com os olhos a D. Rodrigo que sãe
 pelo portão.

Que quererão de mim estes senhores ?...

SCENA V

D. FUAS e COBÉ.

D. FUAS.

Sabes, Cobé, que eu sou dos portuguezes
 Um daquelles que só para os combates
 Guardo o furor, que opprime a raça tua ?...

COBÉ.

Senhor, sei que sois bravo, e sois humano ;
 Que vos bateis valente em campo raso ;
 Mas não sabeis eseravisar selvagens.
 Que mais quereis ?

D. FIAS.

Mais nada : isso me basta.

Eu lastimo, Cobé, fataes abusos,
 Com que meus companheiros se desmandam ;
 Ouço, e me dóe da humanidade o grito.
 Missão sagrada de salvar-vos todos
 Aqui nos trouxe ; um Deus de paz sómente
 Pregar viemos, e ensinar virtudes ;
 Vil ambição, porém, alguns cegando
 Lhes tem feito olvidar tão uobre empenho,
 E vós tendes soffrido os seus rigores :
 Com torpe escravidão vos desnaturam,
 Ensinam-vos vinganças se vingando,
 Roubam-vos filhos, paes, irmãos, esposas,
 E o desespero vos accendem n'alma.

COBÉ.

E essa espada, senhor, que ao lado tendes,
 Não treme na bainha, e não vos pede
 Uâ mão, que a maneje, e puna aquelles
 Que assim nossos direitos atropelam?...
 Do cavalleiro a espada ser devia
 O appello da innocencia, e da virtude ;
 E que causa mais justa achar podieis,
 Que essa, senhor, que é nossa e haveis pintado?...
 Não lembrar a innocencia espesinhada
 Desculpa ás vezes um fatal descuido ;
 Mas vêr o crime e não querer punil-o
 Crime é tambem !

D. FICAS.

Quando o direito assiste
 De castigar, Cobé ; e esse eu não tenho.
 Vós outros nos desertos vos puniceis
 Sem juizes, sem leis, sem fundamentos ;
 O offendido matava ; e essa vingança
 Era entre vós a punição do crime.
 Mas connosco outro tanto não succede ;
 Temos um rei e chefes, que governam,
 E a quem cumpre fazer geral justiça.

COBÉ.

E chama-se justiça o que soffremos ?!!!

D. FICAS.

Já confessei que abusos se praticam ;
 Só o poder do tempo lia de vencel-os.
 No emtanto a causa santa que abraçamos,
 Avante levaremos ; para bem vosso
 Accesa ficará no mundo novo
 A luz, que amostra o Céu, e aqui plantada
 Da redempção a cruz, a lei do Christo.

COBÉ.

E um Deus, que é só de paz, pregaes com a guerra ?...
 Crenças, senhor, o sangue não fecunda.

D. FICAS.

Mas quando a estupidez foge á verdade,
 É justiça obrigar a conhecel-a.
 Querieis que depois de esforços tantos,

Olvidando as mais doces esperanças,
De novo atravessassemos o oceano,
Deixando-vos nas garras do peccado,
E a terra de Cabral immersa em trevas ?...

COBÉ.

A terra de Cabral ?!!!

D. FUS.

Sim : que te espanta ?...

COBÉ.

A terra de Cabral ?!!! um navegante,
Que açoitado por fêra tempestade,
Como a esponja, que o mar arroja ás praias,
Sem o pensar, á terra ignota chega,
Tem juz acaso á possessão alheia ?...
A terra era já nossa e o será sempre ;
Quem, e com que direito ousou doar-lh'a ?!!!
A terra é de quem nasce sobre a terra ;
O deserto é do tigre e do selvagem ;
Vós outros que deixaes vossas cidades,
Se inda á vossa ambição os campos faltam,
Pedi... nós vol-os damos... sobras temos ;
Mas a terra, senhor, não, não é vossa.

D. FUS.

Ês altivo, Cobé, e eu te agradeço ;
Fallas commigo com franqueza extrema,
Prova de confiança em minha honra.

COBÉ.

Sois leal... e eu tambem nada receio.

D. FUAS.

Ouve-me pois, e cede ao meu empenho.
 Erguido aqui o altar da christandade,
 A todo o custo conserval-o é gloria.
 Com a palavra, ou com a espada nós juramos
 O Evangelho espalhar ; tão nobre jura
 Cumpriremos á risca ; emquanto os vossos
 A guerra nos fizerem, terão guerra ;
 E todos vós, Cobé, a nós unidos
 Marchando á lucta p'ra qu'a paz se obtenha
 Serviços prestareis a Deus, e á patria.
 Tão cedo brilhe a paz em nossos campos,
 Que logo o raciocinio ha de seguil-a :
 Esse tempo será feliz para todos ;
 Como nossos irmãos vos olharemos,
 O ultrage feito a vós nos será feito,
 Tereis vossa defesa em nossa espada.

COBÉ.

Sempre vos tenho ouvido essa linguagem
 E sempre um desmentido nos espanta!...
 Falha por velha e muito usada a astuecia.
 Em apertado transe irmãos chamaes-nos ;
 Tudo nos prometteis ; mas finda a lucta,
 Como d'antes nós somos ultrajados.
 Que precisaes de mim, senhor, é elaro ;
 P'ra que rodeios tantos ?...fallae franco :
 Que me quereis ?...

D. FUAS.

Desconfiança inspiro ?...

Cobé, quando me viste perseguindo
Teus irmãos, ou por actos cavilhosos
Desmentindo a nobreza, que em mim falla ?...

COBÉ.

Que me quereis, senhor ?...

D. FICAS.

Não me respondes ?!!!

COBÉ.

Já disse que sois nobre, e cavalleiro,
Que não vos semelhaes aos meus tyrannos.
Baste-vos isso ; e o que quereis ?... dizei-me.

D. FICAS.

Sei que te peja a condição de escravo ;
Honra o teu brio o desprezar os ferros ;
Apraz-me a gloria de poder quebral-os.

COBÉ.

Nome de escravo por querer tolero,
Não me attribula a condição portanto.
Pensaes, senhor, que á força aqui persisto ?...
Ah!... e os bosques ?... e a natureza immensa ?.
E essas nobres montanhas orgulhosas
Qu'inda de vossos pés virgeus se applaudem ?...
Qual de vós ousaria ir lá buscar-me,
Se eu quizesse escapar de vossos ferros ?
Com minha agilidade de tamoyo,
Como uma setta foge do arco adunco
A vossos olhos rapido fugira ;

Atravessando selvas e torrentes
 O pinheiro da serra galgaria ;
 Então aos ramos d'arvore prendendo
 A ríde leve do feliz selvagem,
 Lá de cima... embalado pelos ventos,
 Pelo bramir do tigre festejado,
 Sobre a minha cabeça o sol brilhando,
 Vós outros pelas praias espalhados,
 Se pudesseis, vêr-me-íeis nobre, altivo,
 Orgulhoso no cume da montanha,
 Como se eu fôra o rei da natureza ;
 E vos olhando, ao muito, eu julgaria
 Vêr pelos valles rastejantes vermes.
 Se eu quizesse fugir, e ser-vos caro!...
 Pagar-vos uma a uma as horas todas
 De minha escravidão!... porém... eu beijo
 Os ferros de meus pulsos!... desgraçado
 De quem ousar quebrar estes meus ferros!...

D. F. CAS.

Mas eu não comprehendo...

COBÉ.

Amo o socego...
 Cança-me a lucta... apraz-me o captiveiro.

D. F. CAS.

E entanto, era um appello á tua audacia,
 Convite ao teu valor, que ia fazer-te.
 Numerosos, terriveis inimigos,
 Hordas inteiras de cruéis selvagens

Se ajuntão de redor de São Vicente,
 Como essas nuvens negras, que annunciam
 A tempestade prompta a desfechar-se.
 Pedido auxilio de enviar se trata ;
 Poucos são os soldados que dispomos,
 E no transe, em que agora nos achamos,
 Cumpre chamar indigenas amigos.
 Queres partir, Cobé, e ser dos nossos?...
 Sagrada causa defender galhardo,
 A santa religião manter illesa,
 Ganhar timbres de gloria e de nobreza?...
 Eu em tua bravura assaz confio,
 Sinto em teu peito o coração de um bravo :
 Serás meu irmão d'armas.

COBE.

Não pretendo
 Encobrir-vos, senhor, meus sentimentos,
 Nem falso motivar a minha escusa.
 Ouvireis a verdade toda inteira.
 Essas ferreas columnas, que se aprestam
 Contra os miseros filhos do deserto,
 Inscrevem nas bandeiras — Deus e Gloria ; —
 Esse é o mote que apparente mostram ;
 Mas, se os seus corações fallar pudessem,
 Aberto o peito, a palpitante viscera
 Gritaria — ambição!... ouro!... riquezas!...
 Talvez que um só lá vá por nobre empenho,
 Esse sois vós ; mas nem por isso devo

Para servir-vos esquecer meus brios.
 Que!... havia Cobé de unir-se aos vossos,
 Combater seus irmãos, e após sem pejo
 Vê-los gemendo ao peso das cadeias,
 E ao grito d'um senhor curvando a fronte,
 Que jámais se dobrára aos inimigos?...
 Senhor D. Fuas, sois fidalgo e rico,
 Civilisado e nobre cavalleiro ;
 Eu sou apenas rustico selvagem ,
 Mas o dever de amar o patrio berço.
 É igual p'ra o fidalgo, e p'ra o tamoyo.
 Ide pois combater... gloria suppondes...
 Servis ao vosso rei nos debellando ;
 Dae, porém, que Cobé fique inda escravo,
 Não chegue a ser traidor não vos seguindo.
 Possa emfim nos segredos de su' alna,
 Ao vosso proprio Deus... pedir constante
 A morte para vós... p'ra os meus victoria.

D. FUAS

Cobé!...

COBÉ.

Podcis expòr, quanto vos disse :
 Cedo o castigo seguirá meu crime ;
 Severa punição... talvez que a morte...
 Ah! senhor! mas a morte é paz eterna,
 E o sangue derramar de irmãos e amigos,
 Erguer o braço contra o patrio solo,
 É infamia... é torpeza... é vilania...

D. FUAS.

Decidi lo tens, pois ?...

COBÉ.

Disse o que basta.

D. FUAS.

Não me segues, Cobé ?...

COBÉ.

Prefiro a morte.

D. FUAS, depois de observar se estão a sós.

Cumpriste o teu dever... silencio agora ;
 O que entre nós passou seja um segredo,
 P'ra que não punam o que em ti é crime,
 E n' outro honra seria : a tua eseusa
 Saberei deseulpar : em paz te fica :
 Adeus...

COBÉ, suspendendo D. Fuas.

Senhor... ouvi-me : o nobre sangue
 Não gelará de pejo em vossas veias,
 Se apertardes a dextra d'um selvagem ?...

D. FUAS, estendendo a mão e apertando a de Cobé.

A honra e o valor irmana os bravos!

Vaes-se pelo portão.

SCENA VI

COBÉ, só, depois d'um momento de silencio.

No emtanto a minha raça, audaz, briosa
 Toda antiga nobreza inda conserva :
 Nenhum de meus irmãos desmente a gloria,
 Só eu me abastardeio por covarde.
 Covarde!... oh! miseravel paixão minha,
 Que abaixo de mim mesmo me collocas!...
 Enquanto os meus briosos companheiros
 Em defesa da patria a morte arrostram,
 Eu, indolente e vil, dormito escravo,
 Ou deixo que minh'alma vá de rastros
 De feminil vestido após a cauda!
 Vejo em minha fraqueza enorme crime,
 Devora-me incessante, atroz remorso,
 E persisto no erime e na fraqueza!...
 Maldito coração!... oh! sim, maldito,
 Que póde mais que a patria, e que a virtude...

SCENA VII

AGASSAMU', que entra por uma das portas que ficam debaixo
 do patim, e COBÉ.

AGASSAMÚ.

A que horas... quando partes?...

COBÉ

COBÉ, confuso.

Por piedade...

Deixa-me... eu soffro... e muito...

AGASSAMU.

Aqui ha peste,

E deshonra, que é mais ; e lá te chamam
Teus irmãos e a viangaça !...

COBÉ.

Eu sei... Mas basta.

AGASSAMU.

Resistes inda, e de pudor não córas,
Quando de um filho tal já me envergonho ?!

COBÉ.

Oh! miseria!!!

AGASSAMU.

Ficar aqui não deves,
A tua hesitação é vil delicto,
Que só prompta partida lavar póde.
Dentro do seio meu não se gerára
Um vil traidor... tu és tamoyo ainda.
Vae!... não te sigo ; porque os pés me arrastam,
Pêsa a velhice, e demorar-te havia :
Vae que eu te espero! e um dia esta vergonha,
Que eu sinto ao te julgar desnaturado,
Verás como se troca em gloria extrema,
Quando victorioso me trouxeres

O craneo d'um dos perfidos imigos :
 Dar-te-ei por esse craneo a benção minha!...
 Vae!... atravez de campos e devezas
 Chega onde os nossos a atacar se aprestam ;
 Chega a tempo, Cobé, de entrar em lucta,
 E sê bravo como eras ; vil piedade
 Longe seja de ti ; cada um teu golpe
 Custe uma vida ás portuguezas hostes.
 Quanto mais sangue derramar teu braço,
 Tanto mais grato me acharás tornando :
 Ou não volta, ou voltando traz-me um craneo ;
 Vencido não te quero : ou vence, ou morre ;
 Vae!!!...

COBÉ.

De que modo esconderei meu rosto?!!!

AGASSAMÚ.

Inda ousas demorar-te?...

COBÉ.

Impraticavel

É a fuga... de espias stou cercado...
 Se dou um passo p'ra fugir... me matam.

AGASSAMÚ.

Morto assim te amarei ; vivo te odeio !

COBÉ, apparece Valentina no patim.

Mas de que vale perecer sem gloria ?

COBÉ.

Muito mais que viver aqui sem honra.

COBÉ, volta-se e vê valentina.

Oh! eil-a... é Valentina... em que momento! ..

COBÉ.

Vae!...

COBÉ, Valentina faz o signal com o lenço.

Oh! não posso!...

Á parte.

Ella me acena!...

Vae-se Valentina.

Eu corro

Querendo ir-sa pelo patim.

Aos pés de Branca!...

AGASSAMÍ, com brado terrivel, que suspende Cobé,
que tem um pé na escada.

Infame, pára!...

Cobé fortemente abalado até o fim.

Outro, não tu, me illudirá fingindo.
Eu sei o que te prende e te envilece,
E se em mim não calhisse a tua infamia,
Insensivel te houvera abandonado.
Escravo! escravo! os olhos tens erguido
Até á filha do senhor que serves ;
Ousas amar a filha de um fidalgo,
E a seus pés tua honra sacrificas.
Pois bem ; cede aos impulso d'esse affecto :
Fica! e consumma a obra da vergonha!
Devorador remorso ha de pungir-te ;

Em toda parte te acharás com elle,
Como um espectro vingativo e fero.
Bastardo vil da geração dos bravos,
Fica, que os bravos corarão de olhar-te
Vivo, e te negarão morto uma cova!
Fica, e prosegue em teu amor nefando,
Que será esse amor o teu castigo!
Possa Branca jámais lançar-te os olhos,
Ou te olhe sómente como escravo!
Possa amante feliz de Branca esposo
Com a gloria sua envenenar teus dias!...
Possa esse teu amor levar-te á morte!...
Fica, sim, monstro espurio, eu te renego!...
Olvida teus irmãos, infame, fica!...
Ficã! mas vive a vida dos infames!
Fica! mas soffre a morte dos covardes!...

Cobé cãe sobre a escada do patim assentado.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A ESCOLHA DO CONFIDENTE

O theatro representa um gabinete : ao lado esquerdo uma porta que da para fóra ; ao fundo outra, que se abre para a camara de Branca ; cadeiras, ao lado direito e para fundo uma mesa alta e sobre ella um oratorio fechado.



SCENA PRIMEIRA

BRANCA e VALENTINA.

BRANCA,

Como elle tarda!...

VALENTINA,

A mãe lhe embarga os passos.

BRANCA,

Conversemos... distrac-me, Valentina ;

Não me deixes ainda... eu tenho medo
 De ficar só... entregue a um pensamento,
 Que hoje me pésa... que eu não sei que seja.,,
 Que não se explica... ou que talvez do espirito
 Seja uma previsão!...

VALENTINA.

Porém... que causa?...

BRANCA.

Não sei : vem cá de dentro ; não se explica.
 Infeliz despertei... respiro oppressa,
 Eis tudo o que concluo de mim mesma.

VALENTINA.

Em nossa vida temos já de sobra
 Desgostos a provar ; p'ra que dobral-os
 Males sonhando no futuro incerto?...

BRANCA.

É a proprio pezar que me entristego :
 A alma, Valentina, não se doma.
 Quando lugubre scena ante nós temos,
 Fechando os olhos d'ella nos livramos,
 Ou indulgentes pés longe nos levão ;
 Mas os quadros do espirito triumpham ;
 O cego os vê... não ha fuga possivel ;
 Na solidão .. na festa... no banquete,
 Ufano, o pensamento inabalavel
 Firme... dentro de nós, como que brada :
 « Sempre aqui!... »

VALENTINA.

É assim ; eu comprehendo :

Porém, senhora, dae que eu vos confesse :
 Nada vossos pezares justifica ;
 Antes tudo assignala a vossa dita.
 De vosso natalicio hoje é o dia...

BRANCA.

Julgar uma ventura ter nascido,
 É benidizer a dôr e amar a morte.

VALENTINA.

Sois moça...

BRANCA.

Fui creança, e serei velha ;
 O enlevo do presente é destruido
 Pelas saudades de um passado ameno,
 E pelo medo de um futuro acerbo.

VALENTINA.

Sois bella...

BRANCA.

Não se o é impunemente !
 Por que preço a mulher paga a belleza ? !
 Quantos só porque a rosa se abre linda
 Se julgam com direito de colhel-a ?...
 E quando p'ra adoçar seu captiveiro,
 Pobre rosa escolheu mão que a colhesse ?...

VALENTINA.

Rica e nobre...

BRANCA.

São dons, oh! Valentina,
Que das cadeias dobram-nos o peso.

VALENTINA.

Que mulher bemdiria então a vida ?...
A desgraça será partilha nossa ?...
A mulher, Valentina ?... eil-a no mundo,

BRANCA.

Menina alegre, que se agita e brinca,
Que se sorri, oh misera insensata,
Porque não pensa, ou erê no seu futuro ;
Que de dia e de noite se está rindo ;
De dia com as festivas companheiras,
E de noite com os sonhos de su' alma :
Riso... inda o riso... e os annos vão passando
Até que chega o instante inopinado
Da reflexão primeira duvidosa.
Dentro d'alma de subito se acende
Um desejo que mal se explica ainda ;
Sente-se um vacuo no virgineo seio...
Começa de fallar a natureza :
De dia... em vez de rir, se está pensando...
E nos sonhos da noite vê-se um homem :
Mas um homem porque, não se compr'ende!
Emfim, rasga-se a venda ; eis que apparece
Ante a mulher o homem já sonhado,
P'ra quem propende a chama do desejo,
Por quem do seio o vacuo se preenche.

Quem a ensinou a amar, que o sabe tanto?...
 Oh! quem?... se no principio inda ella mesma
 Não sabe que ama, e ama apaixonada?...
 Ella ausente d'esse homem vêl-o almeja;
 Presente estando não se atreve a olhal-o;
 A voz lhe falta, se fallar procura,
 E aos olhos d'elle toda pejo córa.
 Córa?... porque?... ha crime no que sente?
 Não : e filha de Deus a natureza,
 Suas inspirações de Deus procedem :
 Portanto, n'esse amor tudo é sagrado;
 Da mulher a ventura d'elle pende;
 Entre os dois corações erguer barreiras
 É votar ao martyrio uma innocente,
 E encher o seu porvir de negras còres.
 Pois é este o destino, Valentina,
 Que quasi sempre a nós, miseras, cabe.
 Precisas de um exemplo?... eil-o a teus olhos...
 De meu amor ha muito a historia sabes!

VALENTINA.

Mas então vosso pac...

BRANCA.

Ainda ignora,
 Por minha f'licidade, este segredo.

VALENTINA.

Portanto, vossa magua é prematura.

BRANCA.

Eu já lamento um mal que é sem remedio.

VALENTINA.

Pensaes que vosso pae...

BRANCA.

Tenho certeza

De que elle ha de ser surdo a meus gemidos.
Frio, austero como é, eu temo tudo,
E nem terei valor para queixar-me.

VALENTINA.

Agigantaes, senhora, as vossas penas ;
O senhor D. Rodrigo vos estima.

BRANCA.

Mais estima seus tit'los de nobreza ;
E nunca quererá dar sua filha
Ao pobre Estacio, um simples cavalleiro.

VALENTINA.

De temer o futuro razão tendes,
Mas chorar o presente é pouco justo.
D'este amor vosso pae nada suspeita ;
Talvez que em vos casar nem mesmo pense...

BRANCA.

Já disse que a mim propria não me entendo.
Dentro do peito sinto um dessocego...
Porque não sei... procuro distrahir-me,
E sem querer de novo me entristeço.
O que é isto?... talvez mysterio d'alma :
O coração ás vezes presagia.

Póde ser que eu presinta uma desgraça ;
Ah! Valentina, o coração não mente.

VALENTINA.

Socegae-vos...

BRANCA.

Socego eu só teria,
Se o meu Estacio ao pé de mim velasse.
Quem me póde animar, se elle está longe?...
Fracca, qual sou, careço de defesa,
Preciso ter quem animo me inspire,
E escude o meu amor : e elle está longe!...

VALENTINA.

Vossa carta fará que cedo volte.

BRANCA.

E quererá Cobé...

VALENTINA, sentindo ruido.

Silencio...

Vae observar e volta.

É elle.

BRANCA.

Vae-te, e vê que meu pae nos não surpreheua

São Valentina e entra Cobé.

SCENA II

BRANCA e COBÉ.

Cobé, á parte, entrando.

Que quererá dizer-me?... estou confuso...
Tremo... porque, não sei...

BRANCA.

Cobé! . .

COBÉ.

Senhora...

Á parte e commovido.

A sua voz no coração me sôa!...

BRANCA.

Chega-te mais...

Á parte e vergonhosa.

Acanha-me este passo,

Toda vacillo e tremo...

COBÉ.

As vossas ordens

Anhelo receber p'ra executa-las

Em tudo.

BRANCA.

Em tudo ?

COBÉ.

Exp'ri mentae, senhora.

BRANCA.

Pois sim, Cobé, em ti bem merecida
 Confiança deponho, e vou provar-t-o,
 Depositar preciso no teu seio
 Um segredo infeliz...

COBÉ.

Fallae sem medo :
 Sei ouvir e calar; morro e não fallo.

BRANCA. á parte.

Ah! gela-me o pudor! animo e força
 Amor me empreste, ensine-me o que devo.

COBÉ, á parte, observando Branca.

Vacilla e treme!... Porque hesita ella?

BRANCA, depois de algum silencio entre os dois.

Cobé, tens padecido?

COBÉ.

Inda pedço!
 Meus desertos o fogo tem queimado ;
 A minha terra vejo conquistada ;
 Livres ares que flechas só fendiam,
 Hoje rasga o canhão dos Portuguezes,
 E meus paes, meus irmãos por toda parte
 Em fuga ou mortos, ou que é mais, escravos!.

BRANCA.

E tu também, Cobé, captivo choras...

COBÉ.

Não é de mim, senhora, que eu vos fallo ;
Prefiro á liberdade estes meus ferros.

BRANCA.

E outro mal, fóra esses, não conheces ?

COBÉ.

O mundo é cheio d'elles.

BRANCA.

E que julgas ?

Qual será o mais féro d'entre tantos ?

Qual o maior ?

COBÉ, depois de reflectir, diz sentidamente.

O amor sem esperança !

BRANCA, estupefacta.

Cobé!...

COBÉ

Sim... sim... o amor sem esperança!...

BRANCA, com força e paixão.

Oh! tens razão!... é isso!...

COBÉ, á parte.

O que diz ella ?

Acaso penetrou meu pensamento?...

Por ventura se dóe dos meus martyrios ?

BRANCA, á parte.

Meu Deus! sabe elle já de meu segredo ?

COBÉ, á parte.

Oh! quanto soffro!... mas que dôr tão doce !

BRANCA, com fogo, voltando-se para Cobé.

Então, tu comprehendes as torturas
Com que dois corações se despedaçam,
Quando em laços de amor querem ligar-se,
E um destino cruel quebra esses laços?...

COBÉ.

Oh! sim! eu comprehendo, en vejo mesmo
Alli o desgraçado que a fortuna
Faz rastejar no pó, tendo azas n'alma,
Que quer voar ao sol, onde fulgura
O bem que adora, e que na terra preso
Não lhe é dado sorver lume tão bello !...

BRANCA. á parte.

Leu na minh'alma!... quem?... quem lh'o diria ?

Para Cobé.

É isso!... é isso!... e a misera que ama,
Que maldiz a fortuna, que tão alta
Sem consultal-a após... Cobé, concebes,
Quanto ella soffre quando as mãos estende
Para esse que lhe mostra um céu de flôres
Em seu valle de amor, e apalpa e toca
Em barreira de ferro que levantam
Entre elle e ella... entre o desejo e a gloria ?...

COBÉ.

E o desgraçado?... pesaes bem, senhora.
 Seus martyrios crueis ? .. Ao desgraçado
 O amor é um flagello, e a vida um peso!
 A mulher que idolatra, é seu tormento;
 Junto d'ella só bebe atro veneno;
 E o infeliz de continuo a está seguindo
 Por toda parte, e em toda parte esbarra
 Com a dita alheia e a miseria propria!
 Ah! senhora, quando elle apenas ousa
 Erguer timido olhar, sorrindo n'alma,
 Aos pés do caro objecto, mil mancebos,
 Tão altos como ella, vê que a cercão
 E lhe off'recem de amor ternos protestos,
 Que vêm soar do misero aos ouvidos.
 No sarão a mão d'elles toca a d'ella,
 Seus vestidos se roçam, se confunde
 O ar, que elles respiram, ledos brincam...
 Gracejam... mutuamente trocam risos...
 Ah! não, senhora, não! ninguem compr'ende
 O que se soffre então, sem ter soffrido
 Tambem martyrio igual : dentro do peito
 O pobre coração quasi que estala!
 Tudo é negro na vida ; o dia... a noite
 Têm o mesmo tormento a toda a hora.
 Se no leito, um instante, em fugaz sonho
 Elle consegue o que acordado almeja,
 E um acaso feliz lhe off'rece a posse

Da mulher que idolatra, a mão terrível
 De um genio malfeitor vem sacudil-o,
 Aceordal-o e ferie brado sinistro
 Que no futuro eelhôa « Nunca!... nunca!...
 Impossivel! Oh! nunca!... » E o seu sonho
 Em funesto pezar prompto se torna.
 De dia, se elle a segue, se atormenta :
 Cada encanto que vê é novo golpe,
 Pois vê o que ama e o que gozar não pôde!
 Se lhe foge, suspira longe d'ella,
 Quer distrahir-se, e em seu amor só cuida.
 Oh! e jámais, senhora, uma esperanza ;
 Na solidão, n'um ermo, em toda parte
 Esse praguento brado vem soar-lhe ;
 Não ha silencio... não... em toda parte
 O destino lhe diz : « Nunca! impossivel!... »
 Ninguem falla, senhora, e o miserando
 Ouve sempre o clamor do desengano!!!

BRANCA.

Cobé, tu amas?...

COBÉ.

Eu?... oh!... não... não amo.

BRANCA.

Só pinta assim amor quem o tem n'alma.

COBÉ.

Ah! senhora!...

BRANCA.

Tu soffres eomo eu soffro...
Tambem amas, Cobé!...

COBÉ.

Pois sim... eu amo!...

Porém, vós não sabeis eomo é que ferve
Abrasada paixão no seio ardente
Do filho das florestas : o selvagem
É o homem do amor e da vingança!
Livre, forte, sem rei, sem leis, sem medo,
Mal sente algum desejo, o braço é prompto
Em preparar-lhe o gozo : os obstaculos
Servem sómente de atçar-lhe a flamma.
Duas grandes paixões só n'elle pódem,
Paixões que nutre, que os avós lhe ensinam,
Por virtudes as tem, nunea as esquece,
Ninguem ha de extinguil-as. A vingança,
Uma d'ellas, senhora, inapagavel
Dentro do coração se aninha e guarda,
Às vezes dura o tempo de uma vida.
É a outra o amor : sentindo a chamma
Que n'elle o affecto de improviso accende,
Aos pés d'aquella que o venceu se prostra
O extremoso selvagem ; só por ella
Respira, vive e applaude a natureza.
A adoração, que a um Deus só pertencia,
Elle a essa mulher tributa ardente :
A mulher é seu Deus! antes de amal-a

Era seu coração de **affeições baldos**,
 Eseura... horrivel noite; amiga lua
 É esse amor que lhe dissipa as trevas.
 Ah! e quando, senhora! iniqua sorte
 Entre elle e seu amor cava um abysmo ;
 Quando esse fogo faz-se tão violento,
 Que abrasa o seio, que envenena o sangue ;
 Quando elle affeito a não domar desejos,
 Deseja emfim debalde, e nada espera,
 O que resta ao selvagem se lhe arrancam
 Seu Deus e seu amor?... o que lhe resta?...
 Senhora, não sabeis?... resta a vingança!...

BRANCA.

Infeliz!... e roubaram-te quem amas,
 Ou d'ella te arrancaram?...

COBÉ.

Que!... eu amo?...
 Quem disse que eu amava?

BRANCA.

Quem? tu mesmo.

COBÉ, com inesperado fogo.

É certo, ouvi : com esse amor de chammas,
 Com esse amor agreste e desabrido,
 Que nos ermos accende a natureza.
 Eu me abraso, senhora; por quem amo
 Não ha... não ha perigo que me espante,
 Sacrificio não ha a que eu recue.

A mulher que idolatro me enlouquece ;
 Ella é o astro que brilha p'ra os meus dias,
 Ar que nutre de minha vida a flamma,
 Pomba que doma e senhorêa um tigre.
 Quando seus olhos para mim se volvem,
 Meu furor de selvagem desaparee ;
 Se esento a sua voz, todo me abalo,
 Qual por doce harmonia arrebatado.
 Oh! senhora, em sileneio a um tempo immenso,
 Hoje enfim vós tocaes n'esta ferida...
 Insensato esentei vossas palavras...
 Perdi-me... e pois...

Suspendendo-se.

Vós ides talvez rir-vos...

Ah! não!... não vos riaes!... ouvi-me... eu amo!...

Suspendendo-se e diz consigo.

Cobé... que ias dizer?... oh! destitoto !...

A Branca com frieza.

Mandastes-me chamar, obediente
 Qual vossó escravo sou, corro a servir-vos :
 Que me ordenaes, senhora ?

BRANCA.

Tal mudança

De repente, Cobé!...

COBÉ.

Esquecei tudo :
 Disse loucuras, olvidal-as cumpre ;

Fallei de mais ; vós só fallar devieis.
O que mandaes ?

BRANCA

Oh! Céos!...

COBÉ.

Em vosso escravo

Podeis fiar-vos.

BRANCA.

Sim, Cobé, eu fallo.

Tu que amas serás piedoso ao menos ;
De nós se dóe quem soffre o que soffremos ;
Porque... Cobé... eu tambem amo...

COBÉ, interrompendo-a rapidamente.

Amaes!...

BRANCA.

Meu coração ha muito tempo escravo
Tem sabido occultar seus sentimentos :
Mas hoje emfim preciso confessal-os.

COBÉ, com força.

Ah! vós amaes?... e a quem?...

BRANCA.

Cobé, tu tremes?..

COBÉ, procurando em vão socegar.

Não é nada... Dizieis...

BRANCA. muito vergonhosa,

Ternos laços

A Estacio me prendem...

COBÉ. quasi suffocado.

Que!...

BRANCA.

Não falles..

Deixa que de uma vez eu diga tudo.

COBÉ. com desespero.

Quereis então lançar mortal venenó
No meu seio, e fazer-me o confidente
D'esse amor!...

BRANCA.

E que a prol d'elle te empenhes,
Pois muito podes...

COBÉ. rapido.

Nada posso!... eu vejo
Sómente o inferno aos olhos meus se abrindo!...

BRANCA.

Ah! porque te exasperas? ouve ao menos :
Vão partir esta noite alguns soccorros
P'ra São Vicente ; ha falta de guerreiros,
E indigenas fieis são convidados :
És meu escravo, eu dou-te a liberdade ;
A São Vicente vae ; lá está quem amo ;
A Estacio falla, apenas desembarques ;

Diz'-lhe por mim o que eu dizer pudera ;
 E mais ainda ; diz'-lhe que eu receio
 Muito por este amor que ambos jurámos ;
 Que a minha alma presente uma desgraça ;
 Dom Gil da Cunha minha mão pretende,
 E eu temo que meu pae lhe apoie o intento ;
 Que cedo volte, pois anciosa o espero ;
 Que venha p'ra salvar-me, e que não tarde,
 Eis quanto de ti quero, e o que te peço.
 Então, Cobé, que dizes ? tu vacillas ?...

COBÉ.

Sabeis o que pedis e a quem, senhora ? !...

BRANCA.

Eu o sei... porém, dou-te a liberdade.

COBÉ, á parte.

Como o dia p'ra mim mudou-se em trevas !..
 Até o proprio amor de um pobre escravo
 Passa despercebido, e ninguem nota !..
 Póde elle amar um seculo... que importa ?..
 Quem repara no verme que rasteja ? !!!

BRANCA, como rogando.

Cobé!... Cobé!...

COBÉ.

Senhora... não... não posso...
 Ouvi... vós não deveis... um crime...

Á parte.

Ah ! louco,

Nem sei que digo!...

A Branca,

Sim... talvez suspeitem...

Descubram tudo... ficarei perdido...

Crescendo em força.

E por quem?... por Estacio?. . Ama-vos elle?...

Com que amor?... Ah! senhora, esses extremos

Dos cavalleiros brancos são fingidos;

Não têm da natureza o fogo ardente;

Vossa civ'lição o amor transmuda,

Altera o sentimento ... apaga a flamma...

Vós não sabeis amar! mentis mil vezes!!!

BRANCA, com tom de reprehensão.

Cobé!...

COBÉ.

Perdão... estás vendo que eu desvairo...

Insanias aventureo...

BRANCA, com dôr.

Desgraçada!...

COBÉ, á parte.

Quem mais soffre sou eu, e ella não pensa!!!

BRANCA,

E então... o que te peço?

COBÉ.

Um impossivel!!!

Isso não... tudo mais... a minha vida

Prompto vos dou; mas cooperar p'ra vêr-vos
Nos braços de outro homem... Que!... oh! nunca!

BRANCA.

Oh! Céu! homem cruel, o que te importa
O amor de Branca?...

COBÉ.

O que?... o que me importa?...

Pensa

À parte.

Que indifferente possa vê-la
Feliz junto de um outro que a idolatra,
Que terá sua mão presa entre as d'elle...
E ha de beijal-a... oh!... perco-me se fico...
Devo sahir...

Fazendo um movimento para sahir; entra Valentina.

SCENA III

COBÉ, VALENTINA, apressada, e BRANCA.

VALENTINA.

Senhora!...

BRANCA, correndo para Valentina.

Valentina!...

VALENTINA.

Vosso pae a fallar-vos se encaminha.

BRANCA, assustada.

Meu Deus!...

A Cobé.

Sahi!...

VALENTINA.

É tarde ; elle o veria,
E o por que estava aqui saber quizera.

COBÉ, calmo.

E eu não diria.

BRANCA.

E então?...

VALENTINA.

Cumpre occultal-o.

BRANCA.

Onde?...

VALENTINA, apontando para o quarto de Branca.

Depressa... aqui...

BRANCA, como querendo oppôr-se.

Céos! no meu quarto!...

VALENTINA.

Por um momento só : Cobé, silencio!...

COBÉ, suspirando entra no quarto.

No seu quarto!!!

BRANCA, a Valentina.

Tu não me desempares.

Procura socegar.

SCENA IV

BRANCA, VALENTINA e D. RODRIGO.

D. RODRIGO, a Valentina.

Retira-te...

Retira-se Valentina.

BRANCA.

Meu Deus!...

SCENA V

BRANCA e D. RODRIGO.

D. RODRIGO.

Ouve-me, Branca,

Serio dever ao pé de ti me chama.
Vejo que os annos rapidos se volvem,
E é tempo de cumprir missão sagrada,
Que a natureza, que te fez, te incumbe.
Talvez que ha muito o coração te pede
O esposo que feliz deve tornar-te ;
Como pae desvelado não me esqueço
Do que convem de minha filha á dita.
Esposo te escolhi, e posso dar-me
Os parabens do noivo que te off'reço ;

Como somos, é nobre, honrado e rico :
 Nobre, o nome não póde marear-nos ;
 Honrado, a estima publica merece ;
 Rico, póde fazer que a vida passes
 No seio de prazes e venturas.
 Das nupcias o altar se accende em breve,
 De tal saber julguei que estimarias,
 Como pae amoroso vim dizer-t'ó
 É portanto dispõe-te p'ra bem cedo
 Seguir o esposo que te o Céu destina :
 Seu nome o coração já te adivinha,
 É D. Gil.

BRANCA. á parte.

Oh! meu Deus!...

D. RODRIGO.

Muito não tarda,
 Que ordens de um pac cumprindo, vás seguil-o.
 Esta noite a teus annos dedicado
 Um saráo te preparo ; no fim d'elle
 Publicada será a feliz nova
 De teu consorcio ; e présto o casamento
 Seguirá a noticia venturosa.
 Dispõe-te pois : eis tudo o que me cumpre
 Dizer-te como pae ; em paz te fica.

Querendo ir-se.

BRANCA, suspendendo-se e cahindo-lhe aos pés.

Meu pae!... meu pae!...

D. RODRIGO.

Que é isto?... o que me queres?...

BRANCA.

Não me lanceis, senhor, de vós p'ra longe
 Tão cedo... inda sou moça... inda não quero
 Ligar-me a um homem que meu pae não seja.
 Ovi-me : eu ficarei mais alguns annos,
 Ou, se quizerdes, minha vida inteira
 Ao pé de vós! Senhor, sou vossa fillia ;
 Quem, melhor do que eu, póde sensível
 Zelar cuidosa vossos velhos annos?...
 Não é assim?... eu ficarei comvoseo...
 Vós vos arrimareis sobre os meus hombros
 Passeando... De tarde no meu collo
 Pousareis a cabeça embranquecida ;
 À noite minhas mãos hão de aquecer-vos
 Os pés, e eu viverei para servir-vos
 Como filha que sou, ou como escrava ;
 Mas casar-me, senhor, ah! não ; piedade!...

D. RODRIGO, erguendo-a

Ergue-te, Branca, e respeitosa cuida
 Em cumprir minhas ordens.

BRANCA.

Pae!...

D. RODRIGO, interrompendo-a.

Silencio.

Não me devo abaixar a ir vêr a causa

De tão inesperada repugnância.
 Não quero conhecê-la : sim, quem sabe
 Se pudera depois chamar-te filha,
 Ou se de castigar-te não teria ?...
 Desprezo a causa como as graças tuas ;
 Contenta-me mandar que me obedças.

BRANCA.

Infeliz!...

D. RODRIGO.

Não serei um pae tão fraco
 Que esqueça meus direitos, p'ra dobrar-me
 Ao que me diz a voz da inexperiencia.
 Devem os nobres dar exemplo ao povo,
 Devem aos paes obedecer os filhos.
 Dom Gil é já teu noivo, e dentro em pouco
 Teu marido será, assim t'ó ordeno.

Vae-se.

SCENA VI

BRANCA, exasperada.

Dom Gil da Cunha! oh! Deus!... que sacrificio!...
 Eu mulher de D. Gil?!!

Lança-se ao oratorio, abre-o e cêe de joelhos.

SCENA VII

COBÉ, pallido e combatido por diversos affectos, e BRANCA.

COBÉ.

Nunca!... isso, nunca!...
Vós mulher de D. Gil, Senhora, oh! nunca!...

BRANCA, sem reparar em Cobé.

Meu Deus!... meu Deus!. valei-me n'este transe!...

COBÉ, estendendo o braço sobre a cabeça de Branca
e para o lado do oratório.

Juro por vosso Deus, que hei de salvar-vos!...

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

O SARÃO

A mesma decoração do primeiro acto. É noite : luzes por toda parte : o quintal está illuminado ; ha sarão na casa de D. Rodrigo.

SCENA PRIMEIRA

D. RODRIGO e D. GIL DA CUNHA.

D. GIL.

E ovistes, senhor, minha sentença?

D. RODRIGO.

Tua sentença só de mim pendia.
De minha filha prescrever a sorte
Como pae, era um jus do Céu provindo :
De um tal direito prescindir não devo ;

E Branca é fida á educação que ha tido,
 Póde só desejar o que eu lhe ordeno,
 E eu só lhe ordeno o que o dever me inspira.
 Quando mesmo de moça um devaneio
 Pudesse a hesitação lançar-lhe n'alma,

D. GIL.

A voz de um pae a hesitação vencêra,
 E soubera abafar paixão mesquinha,
 Dando victoria de fidalga aos brios.
 A vossa austeridade ha muito admiro :
 Nome, que avós sem mancha vos legaram,
 Mais nobre ainda o legareis aos filhos.
 Inda antes de vos vêr vos respeitava,
 De vós tão alto me bradava a fama,
 Junto de vós, senhor, dobrei respeitos ;
 E quando me accendi de amor por Branca,
 Nos sonhos doces de um consorcio honroso
 Ignoro o que mais em mim podia,
 Se a posse d'ella e da paixão o enlevo,
 Se de chamar-vos pae a gloria immensa.
 Hoje, porém, Senhor, que sinto prestes
 A dita peregrina, que almejava,
 Começo a receiar tanta fortuna ;
 E amando mais que muito vossa filha,
 Temo a seus olhos parecer tyranno.

D. RODRIGO.

Que generoso sejas não me espanta,
 Grandes virtudes são dos grandes nomes,

E um nobre sangue não desmente a origem ;
 Mas não vejo razão p'ra que estremeças.
 Se ha só nobreza d'alma no que sentes,
 Honras assim de cavalleiro os bríos ;
 Se de Branca, porém, ousas sómente
 Menos firmes suppôr proximas juras,
 O pae offendes offendendo a filha,
 E assaz me vingo te quebrando os laços.
 Livre és ainda.

D. GIL.

Mal me compr'endestes :
 Sei respeitar de D. Rodrigo a filha.
 Porém, sabeis tambem que ou... devancio
 (Foi a palavra de que ha pouco usastes),
 Ou natural pendor d'alma sensivel
 Fez, e muito não ha, que Branca ingenua
 Entre todos Estacio distinguisse :
 Nada houve ahi que desdourasse Branca :
 Foi simples distincção... trato mais terno...
 Meigo olhar sem querer... mas isto sobra,
 Senhor, ao pae prudente e desvelado,
 E áquelle a quem o amor torna zeloso.
 A esforços meus (confesso esta fraqueza ;
 Vós, que o passo approvastes, perdoae-a),
 Estacio, em commissão longe mandado,
 Deixou-me em paz vencer o meu ciume :
 Hoje, senhor, vossa bondade extrema
 Julgou que eu merecia a mão de Branca ;

Mas no instante em que vou minha chamal-a,
 Receio, outra vez digo, em vez de esposo,
 Amante e amado, ser verdugo impio!

D. RODRIGO.

A simples distincção que inda recordas
 Foi um sonho, D. Gil, da mocidade;
 Quem sonha dorme, e no dormir não pecca.
 Se ao Branca despertar, lanço-lhe em rosto
 O esquecimento da mais nobre stirpe,
 Ou vêl-a-ás corar, ou não mais ha de
 Chamar-me pae, D. Gil, mal não fizeste
 Em desviar Estacio; mas embora
 Aqui ficasse, o mesmo succedêra.
 Tu lhe poupaste a dôr de vêr a amada
 (Se os olhos se atreveu a erguer para ella)
 Passar aos braços d'outro. Lamentemos
 Esse misero Estacio; é cavalleiro
 Fido e valente... mas não é fidalgo.

D. GIL.

É comtudo orgulhoso como um nobre!

D. RODRIGO.

Na sua espada tem o seu orgulho :
 Razão lhe sobra, confessar devemos.
 Entre as boas espadas portuguezas
 Conta-se a d'elle : feitos de bravura
 Lhe apontam muitos; nunca sangue inutil
 Derramado; tão bravo como humano
 O julgam todos... mas não é fidalgo.

D. GIL.

Que se contente pois com seu renome,
E misturar ousado não pretenda
O sangue de vilão com nobre sangue.

D. RODRIGO.

Vamos, D. Gil, como offendido fallas ;
Mas se elle ousou nutrir a idéa altiva,
Vingança não pequena ambos tomamos
De prompto a ti se unindo minha filha.

D. GIL.

Por tão doce união todo me abalo,
Nem misturo a vingança em meus anhelos.

D. RODRIGO.

Pois bem, D. Gil, ao terminar da festa
A inesperada nova publicamos
E amanhã, ante Deus, Branca te entrego

D. GIL.

Ah! meu pae!

D. RODRIGO.

Por demais nos demoramos,
Esquecendo os amigos que cuidados
Certo já nos procuram. D. Gil, creio
Os teus receios vão ter dissipado.
Subamos pois, tornemos para a sala.

D. GIL, retirando-se. D. Rodrigo pára na porta de Cobé,
e convida D. Gil a subir antes d'elle.

Lá tenho o coração, feliz vos sigo.

D. RODRIGO, chama, e apparece Cobé á porta.

Cobé! não te descuides, vae, observa
 Se acaso em algum ponto as luzes faltam;
 Quero que n'esta noite tudo brilhe
 Como no seio meu luz a ventura.

Vae-se pelo patim,

SCENA II

COBÉ, só, pensativo.

« Fica!... mas vive a vida dos infames!
 « Fica!... mas soffre a morte dos covardes!... »
 Minha mãe razão teve : hei merecido
 A formidavel praga! Envileci-me
 Em torpe captiveiro : o nobre manto
 Dos caciques, meu arco poderoso,
 Minha tacape, que invejavam tantos
 Ao vêr-lhe as marcas de inimigo sangue,
 Tudo esqueci na escravidão maldita!...
 Bravo guerreiro, uma mulher venceu-me!
 Sou como um tigre atacado ao debil tronco
 De um arbusto florido!... E qual meu premio?...
 Amei essa mulher, como a tapira
 Os filhos seus estima ; de seus olhos.
 No fogo ardia, e os olhos seus buscava,
 Qual nas chammas se arroja a negra serpe :

E o que lucrei ? Oh ! mais do que o desprezo !
 O meu amor por baixo de seus olhos
 Passou por treloucado impercebido !
 Quem crêr podia que um escravo amasse ? !!!
 Do escravo ao muito faz-se um mensageiro
 De amor mysterioso ; e essa fidalga
 Julgou talvez que já de mais fazia
 O papel me offrecendo insultuoso
 De mensageiro vil... a mim, que a amava ! !
 É a praga fatal que se realisa :
 « Fica !... mas vive a vida dos infames !... »

Momentos de silencio.

Inda posso salvar-me... o que me prende ?...
 Oh ! não terei a morte dos covardes !...
 Fugir-lhe vou... de seu desprezo horrivel
 Dom Gil da Cunha deixo p'ra vingar-me.
 Dom Gil ! D. Gil da Cunha !... em meus furores
 Tinha jurado devorar-te a carne :
 Tu te fizeste o caçador de escravos,
 Me prendeste em teus laços, e de rastos
 Á praça me trouxeste e me vendeste !...
 Teu sangue á minha raiva era preciso !
 Pois bem, D. Gil, agora eu te perdôo ;
 Sem o pensar minha vingança forjas :
 Arrasta a nova escrava aos teus altares ;
 Dá-lhe o teu nome, infama a vida sua
 Solidaria fazendo-a de teus crimes :
 Sim ! consinto... triumpho... ao leito a guia...

Seja tua... tu vingas-me!

Com terrivel prazer.

Como é doee

Que ella soffra tambem os meus tormentos!...

Mudando de tom.

Mas que penso ?.. é possivel tantō olvido ?...

Pelo Deus dos ebristãos jurei salva-a...

Não devo deshonrar meus juramentos.

Com força.

Não será de D. Gil!!!

Em outro tom.

Mas será d'outro!...

Hei de eu portanto assim saerifear-me
 Por gloria alheia?... oh! não! não sendo minha
 Que importa de quem seja?... talvez mesmo
 Fosse o Deus dos ebristãos que me mostrasse
 O desprezo de Branea, p'ra punir-me
 De esquecer minha terra e a liberdade.
 Selvagem sou!... não devo amar fidalgas!
 Partirei pois ; e aquelles que eá ficam,
 Aquelles que a fidalgas amar pôdem
 Se Branea o merecer, pugnem por Branea.

Vae-se pelo portão.

SCENA III

D. FUAS e D. GIL DA CUNHA.

D. GIL.

Então, nem mais uma hora ?

D. FUAS.

Não ; não posso :

Já de tanta demora me crimino.

Antes que ás nossas festas, nos devemos

Ao rei e á patria. Esperam-me os soldados,

Devo ir dispôr a proxima partida.

D. GIL.

Pois bem, D. Fuas, um momento apenas...

Quero fallar-te.

D. FUAS.

Falla.

D. GIL.

Por que causa,

Quando todos me cercam lisonjeiros,

E parabens me chovem, tu me foges

Sendo de todos meu mais velho amigo ?...

Pesa-te a dita que a gozar me apresso ?...

D. FUAS.

Dom Gil!...

D. GIL.

Quero que falles...

D. FUAS.

Não insistas...

D. GIL.

Tenho o direito de exigir franqueza.

D. FUAS.

Pois que o exiges, abro-te a minh'alma.
 Vejo no teu eonsorcio um sacrificio
 Imposto á mais modesta e nobre virgem ;
 E me resinto ao vêr que um eavalleiro
 Opprime uma mulher.

D. GIL.

Dom Fuas... pensas!...

D. FUAS.

Sei e sabes tambem que a tua noiva
 Não te ama e não póde nunca amar-te :
 Sabemos todos que encantou a Estaeio :
 E tu te abaixas a roubar-lhe a amada.

D. GIL.

E não vês que esse amor insulta os nobres ?
 Devemos consentir que se misture
 O sangue de vilões com o de fidalgos ?...
 Meu D. Fuas, a eausa é de nós todos ;
 E este hymeneu, que faz minha ventura,
 Equivale tambem a uma vingança.

D. FUAS.

Com a espada é que se vingam cavalleiros :
 Exemplos taes nos deram Portuguezes
 De quem provimos ; e olvidar-lhe a deixa
 Será bastardear-nos por fraqueza.

D. GIL.

Julgas-me fraco, ou queres offender-me ?...

D. FUAS.

Disse o que penso, a consciencia falla ;
 Nem tu tens o direito de aggravar-te.
 Teu hymeneu é holocausto impuro,
 E tua noiva a victima arrastada.
 No futuro cruel que te preparas,
 Não poderás queixar-te do destino.
 Vas unir-te á mulher que te não ama,
 Que ha muito o coração votára a outro ;
 Rompes os laços de fieis amantes,
 Que, hoje apartados, por se vèr suspiram,
 E que, talvez distancia superando,
 Se correspondem por secretos meios.
 Vê bem o que semcas, e adivinha
 O triste fructo que colher procuras.
 Como amigo fallei : fazc o que deves.

Vae se pelo portão.

SCENA IV

D. GIL DA CUNHA, só, pensativo.

« Que, hoje apartados, por se vêr suspiram,
 « E que, talvez distancia superando,
 « Se correspondem por secretos meios!... »
 Quem pudera aclarar o pensamento
 Occulto n'estas phrases?... será crível
 Que, a despeito de minha vigilancia,
 Branca e Estacio se escrevem mutuamente?...
 Oh! que duvida horrível!... Quanto eu déra
 Por saber a verdade... Mas quem chega?

Apparece Cobé.

Cobé.

Reflecte e diz.

Vem cá.

SCENA V

D. GIL DA CUNHA e COBÉ.

COBÉ. á parte e com rancor.

O caçador de escravos!...

D. GIL. a parte.

Sobra o arдил em todos os selvagens.

Ta vez este... não perco exp'riimentando.

COBÉ, á parte.

Vejo sempre a traição n'aquelle rosto !...

D. GIL.

Cobé, eu te buscava : antes que a noite
Siga o dia outra vez, serei esposo
De Branca : a tua sorte é presa á d'ella.
E como escravo seu virás servir-me.
Dá-te pois parabens, porque te estimo;
Tu me serás fiel e dedicado,
E em troco has de sentir como eu sou grato.
Estás contente ?...

COBÉ

Escuto-vos : ávante,
Que mais do que isso pretendeis dizer-me.

D. GIL.

Pois que parecees entrevêr minh'alma,
Ouve tudo. Quem ama não socega,
Arde-lhe sempre o coração em zelos.
Agora mesmo que a ventura em risos,
Parece-me saudar, dentro em meu peito
Tenho um tormento horrivel : sei que outr'ora...
Alguem ousou erguer olhos de amante
Sobre aquella que adoro... eu soffro... e temo...
Receo mesmo que inda inexperienced
Branca alguma esperança alimentasse...
Dissipa minhas duvidas se podes :
Moras aqui, d'aqui jamais te apartas :

Pódes ter descoberto algum segredo...
Falla... confia em mim... dize o que sabes.

COBÉ.

Nada sei.

D. GIL.

Nem suspeitas ?...

COBÉ.

Nem suspeito.

D. GIL.

E se eu te propuzesse que vigilante...
Dia e noite velasses espiando...

COBÉ, interrompendo-o com voz terrível.

Seu espia!!!

D. GIL.

Receias ?...

COBÉ, dolorosamente.

Praga horrível...

« Fica! mas vive a vida dos infames!... »

D. GIL.

Então ?...

COBÉ.

Vós insultaes minha miseria!...
Sou escravo... inda o sou... mas não covarde.

D. GIL.

Tu me deves, Cobé, mais do que a vida

Foste um pobre infiel que dos desertos
E do crime arranquei p'ra Deus mostrar-lhe.
O que eras tu nos bosques ?...

COBÉ.

Homem livre.

D. GIL.

Tão livre como as feras ; como as feras
De sangue e carne humana te fartando ;
Não conhecendo Deus, nem leis, nem honra.
Tu deves bemdizer a mão piedosa
Que te arrancou das trevas e dos crimes.

COBÉ, contendo-se á força.

Senhor... poupae-me!...

D. GIL.

Que dizer podias ?

COBÉ.

Que o bem maior que aspiro é só a morte ;
E quem despreza a vida é mais que bravo...
Nada receia... e ousa até...

D. GIL. com tom de ameaça.

Repara!...

COBÉ, não podendo mais conter-se.

Sim! reparo que todos me escarneem!
Que sobre me lancarem duros ferros
Querem que eu beije a mão que ousou forjal-os...

Que bemdiga essa mão, que me deshonra!...
 Bemdizel-a!! Senhor, misero escravo...
 Ergo os olhos a vós talvez a medo ;
 Porém se livre um dia... bemdizel-a ?!!!...
 Mordel-a, sim! e como o cão raivoso,
 Ou como a anta que espedaça a victima!
 Oh!... que piedade é essa que vos guia?...
 O serviço de Deus?... Deus quer acaso
 Que em grilhões os seus filhos se debatam?...
 Offende ao pae quem lhe escravisa os filhos,
 Vós a Deus offendeis... irmãos chamaes-nos?...
 Féroz hypoerisia!... irmãos aquelles
 A quem roubaes a patria, os filhos, tudo,
 Lançando fogo ás placidas aldêas?...
 Irmãos!... irmãos aquelles que em algemas
 Ás praças arrastaes, e em hasta pondes
 Como fardos á venda?... irmãos... oh! nunca!
 Quando mesmo quizesseis não queria
 Chamar irmãos tyrannos que me opprimem.

D. GIL.

Miseravel!...

COBÉ.

A vida assaz me pésa,
 Já vos disse uma vez e vos repito ;
 Qualquer que seja o meio me contenta
 P'ra fazer que m'a tirem.

D. GIL.

Não te afflijas,

Talvez que o desespero t'ó minstre :
Jamais me esquecerei dos teus furores,
E amanhã... tu serás dos meus eseravos.

Vae-se pelo patim.

SCENA VI

COBÉ, só.

Sen eseravo ? Cobé escravo d'elle ?...
Amanhã ha de rir-se no meu rosto,
Vér-me em pé... respeitoso... de olhos baixos
Ouvindo, humilde, injurioso esearneo ?...
Oh ! Gil da Cunha, a confiança é eega ;
O dia de manhã ninguem eonheee :
Quem sabe se um de nós amauhã morre ?...
Amanhã !... esta phrase é prova certa
De nosso orgulho vão ; homem vaidoso,
Que hoje levantas insolente a fronte,
Amanhã por teu rosto o verme passa,
E o vil adulator que hoje te ineensa
Amanhã euspirá no teu eadaver !...
Amanhã !... amanhã !... D. Gil da Cunha !
O dia de amanhã saudemos ambos.

Suspendendo-se, ouvindo um canto.

SCENA VII

AGASSAMÚ, que ouvindo o canto vem collocar-se ao lado de Cobé; e COBÉ.

BRANCA. cantando dentro.

Pobre tamoyo captivo
 Joven fidalga adorou,
 Sua paixão extremosa
 Com façanhas illustrou.
 Era bello, forte e bravo,
 Mas era também escravo.

AGASSAMÚ.

Ouves o canto seu ?...

COBÉ.

Ouçó : silencio.

BRANCA.

Pobre tamoyo captivo
 Que adoras com tal primor,
 Está mui alta quem amas,
 Lá não chega o teu amor.
 Tu és bello, forte e bravo,
 Mas ai que és também escravo.

AGASSAMÚ.

Ouves o canto seu ?

COBÉ.

Ouço : silencio !

BRANCA.

Pobre tamoyo captivo
 Foge para a solidão,
 Se não queres vêr o escarneo
 Pagar a tua paixão,
 Não és nem forte, nem bravo,
 Porque soffres ser escravo.

Termina o canto ; applausos.

AGASSAMÚ.

Ouviste o canto seu ?

COBÉ, com muito fogo até o fim.

Sim!... e dou graças

Ao poder d'essa voz harmoniosa,
 Que o encanto desfez que me prendia.
 Por minhas veias corre o sangue em chammas ;
 Dentro em meu coração sôa, retine
 Da inubia a voz guerreira : eia!... a meus bosques!...
 Vou quebrar os grilhões que me deshonram,
 Vingar-me dos tyrannos que nos pisam!...
 Eis-me livre!... sou livre!... enfim, sou livre! ...
 Já, portanto, sou bello, forte e bravo ;
 Minha paixão não mais tolera o escarneo.
 Onde está meu cocar ? onde essas pennas
 Sobre as quaes namorado o sol brilhava ?
 Onde estão minhas flechas ? que é do arco ?

Que é da tacape minha? é tempo! devo
P'ra o festim da vingança preparar-me!...
Eis-me outra vez no empenho dos combates
Em cada setta a morte despedindo!...
A mim! a mim, tamoyos denodados!...
Carregae sobre os perfidos imigos!...
Zombemos do trovão!... menos que a morte
É elle, e um só de nós morte não teme!...
Eil-os que fogem!... carregae... matae-os!...
Tingi de rubro sangue os nossos rios!...
Sim!... victoria!... vencemos!... salve, amiges!...
Salve!... o triumpho é nosso!... ávante! ávante!...
Sim! victoria!... victoria!... e a liberdade!...

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

O ANJO DA MORTE

O theatro representa a mesma decoração do acto primeiro. Rompe o dia; Branca se acha adormecida em um banco de relva. Tem terminado o sarão.

SCENA PRIMEIRA

D. GIL DA CUNHA e BRANCA.

D. GIL, considerando Branca,

Do sarão á fadiga o somno acode.
Dorme tranquilla; mas no seu semblante
Vê-se a melancolia derramada.
Minha ventura faz o seu tormento!
Oh! barbara mulher, tu me desprezas!
Louco te adoro, e o meu amor insultas!

Pois bem, a pezar teu vaes pertencer-me.
 Já que não posso ser esposo amado,
 Serei senlior ao menos! Dorme, Branca,
 Dorme tranquilla ainda, que hoje mesmo
 Ao meu destino presa, escrava humilde
 Vêr-te-ei a meus pés ajoelhada
 Pedindo compaixão... Mas que?... vacilla...
 Souha...

BRANCA, sonhando.

Dom Gil...

D. GIL.

Commigo ?!!!

BRANCA, sonhando ainda.

Desposada...

Eil-o... mas não... o outro... meu Estacio...
 Sóu tua...

D. GIL.

O coração lhe falla em sonhos!...

Momento de silencio.

Portanto, ella é fiel ao seu amado ;
 E amanhã minha esposa ante os altares.
 Pureza exterior embora ostente,
 Dentro do coração ser-me-á traidora.
 Por um desconhecido aventureiro,
 Despreza extremos de um fidalgo illustre.
 Tenho por meu rival quem me não vale ;
 E se eu triumpho aos pés do sacerdote

N'alma d'aquella ingrata elle triumphá !
 Miseravel!... se acaso da vingança
 Soasse a hora p'ra mim... como eu soubera
 Aproveitar-me d'ella!... acceso em odio,
 (Sou capaz de o fazer ; sôe essa hora !)
 Acceso em odio lhe rasgára o peito ;
 E o moribundo vira como pesam
 No rosto de um vilão pés de um fidalgo ;
 Depois p'ra refinar minha vingança
 O seu cadaver arrastando eu mesmo
 A Branca o levaria e lhe bradára :
 Eis aqui meu rival! vêde-o, matei-o!...

Bradando.

E, então...

BRANCA, despertando assustada.

Ah!...

D. GIL.

Perdão...

BRANCA.

Senhor...

Atirando-se no banco.

Meu sonho!...

D. GIL.

Que franqueza cruel!... então sonháveis?...

BRANCA, erguendo-se, diz tristemente.

Sim, sonhava.

D. GIL.

E esse sonho ?...

BRANCA.

Arcano é d'alma.

O meu sonho ? ah! senhor, foi simplesmente
 Uma d'essas mentiras deleitosas
 Mil vezes mil mais doces que a verdade.

D. GIL.

E é no entanto um segredo ?

BRANCA.

Oh! sim, sagrado!.

Uma doce visão que deve a um tempo
 Na minh'alma seu berço e sepultura.
 Um sonho não se explica : é saerilegio
 Do pensamento revelar mysterios.

D. GIL.

Senhora, e se eu dissesse o que sonhaveis ?...

BRANCA.

Só se os labios trahiram a minha alma.

D. GIL.

Portanto, corareis ?...

BRANCA.

Corar de um sonho!...

D. GIL.

Quando em desperto por demais se finge,
 Vem no sommo a verdade á flor dos labios.

BRANCA.

E quem finge acordada ?...

D. GIL.

Vós, senhora

BRANCA.

Nada finge, senhor, quem nada explica,
Quando muito o silencio é só fraqueza,

D. GIL.

Isso quer pois dizer...

BRANCA.

Que ao pae obedeço.

D. GIL.

Ah! senhora, apagaes tão sem piedade
A debil chamma de uma rara esp'rança ?...

BRANCA.

Senhor, senhor, em mim é que se apaga
Da mais doce esperança a luz fagueira.
Pois bem : tudo me ordena a pôr á mostra
Meu coração e o que n'elle se passa.
D'alma ao segredo foi traidor o somno ;
Vós mesmo descerrastes os meus labios ;
E inda mais... dentro em pouco serci vossa,
Justo é que conheçaes quem vae seguir-vos.
Senhor, ao despertar-me a juventude,
Senti de amor o fogo arder-me toda :
Amei... qual sabe amar coração virgem,

Fui amada, senhor, com fogo ardente.
 Moça, e portanto cheia de esperanças,
 Julguei que Deus amor abençoava,
 Que o futuro delicias me off'recia.
 E o terno amor no coração guardado
 Foi sempre o meu thesouro bem querido.
 De dia, se eu pensava, era por elle ;
 De noite me iuspirava meigos sonhos,
 E ia no coração sempre crescendo,
 Como uma flôr.. oh! sim! a minha rosa! ..
 Elle era a minha rosa!... os seus perfumes,
 Senhor, no coração se me entranharam,
 E pois da rosa o aroma ha de haver n'elle
 Sempre... apezar de tudo : em seu começo
 Quicá tão triste amor vencer pudesse ;
 Agora não, é tarde, eu sou captiva...
 Presa tenho a minh'alma, e até confesso
 Que amo, que beijo meus queridos ferros.
 Eis o que eu sou... eis o que eu sinto o penso.
 Senhor D. Gil, não posso nunca amar-vos ;
 Em respeito a meu pae seguir-vos hei de,
 Vossa escrava serei, não vossa esposa.

D. GIL.

Foi um sonho esse amor, cumpre esquecel-o.
 Nobres costumes que acatar devemos
 De Estaeio com um abysmo vos separam :
 Simple plebeu, de vós é menos digno,
 E a vossos pés um cavalleiro existe.

O amor, de que fallaes, tambem se doma :
 Quando se quer, á força da vontade
 Póde, senhora, o coração dobrar-se,

BRANCA.

Talvez se dobre o coração dos homens ;
 O da mulher, senhor, ou tarde ou nunca.
 Tem na alma a mulher de amor o throno,
 E ama só uma vez porque bem ama.

D. GIL.

Entretanto, senhora, ha de o futuro
 Desmentir provisões que vos affligem.
 Vossa franqueza admiro, e, se é possível,
 Por ella mais vos amo e vos respeito.
 Quem tão firme guardou a fé de amante
 Guardará fé de esposa inda mais firme.

BRANCA.

Isso é assim : serei fiel escrava,
 Servirei meu sonhor com zelo e honra.

D. GIL.

E eu á força de extremos me prometto
 Vencendo tão cruel indifferença,
 Valer, se não amor, éstima ao menos.
 Quanto em tão nova, agreste e pobre terra
 Póde ao desejo succeder o gozo,
 Vós o tereis a esforços meus subidos.
 Não posso, não, vencer a paixão minha,
 Ceder-vos crime fôra imperdoavel.

BRANCA. exaltando-se

É o que se chamará lograr-me á força?...
 Aproveitar-se de um respeito immenso
 Que ao pae tributo, para possuir-me?...
 Vosso amor quereis vêr alimentado
 Com o pranto de meus olhos?... é ventura,
 É gloria para vós vêr maguas, dôres,
 Ir quem amaes matando pouco a pouco?...
 Amor isso chamaes?... amor é nobre,
 É grande e generoso! em seus extremos
 Sabe mil vezes, sim, sacrificar-se;
 Porém, sacrificar... nunca!

D. GIL.

Senhora!...

BRANCA. com muito fogo.

Vós por mim só sentis paixão mesquinha!...
 Sereis o meu verdugo! eternamente
 Verei em vós sómente o meu tyranno.
 Oh! que aspiraes?... o meu amor?... ao menos
 A minha estima?... haveis ambos perdido.
 Eu vos detesto... sim!...

Mudando de tom.

Mas eu desvairo!...

Curvando-se.

Ah! perdão, meu sonhor, eis-me curvada...
 Esquecei a expressão dos meus delirios.
 Vos sois bom; vós deveis ser generoso;
 A vosso lado estou vendo uma espada,

Nobre signal que um cavalleiro indica ;
 Condoei-vos de mim !... hão de pagar-vos
 Na terra a consciencia, e Deus lá em cima.
 Condoei-vos de mim !... dó vos mereço...
 Ide a meu pae, fallae-lhe com prudencia ;
 Com qualquer evasiva desligae-vos
 Das pretensões fataes... eu não sou digna
 De trazer vosso nome... amo já outro,
 E um nobre e generoso cavalleiro...

D. GIL, interrompendo-a.

Basta, senhora! erguei-vos ; por mais tempo
 Não abuseis da minha paciencia.
 Em tudo que dizeis vejo um insulto ;
 E desde hoje devieis respeitar-me.

BRANCA.

Já desde hoje, senhor ?!!! oh! que futuro!...

D. GIL.

Nada sei... nada tenho com vossa alma ;
 Pertence a Deus ; e os vossos vãos segredos,
 Guardae-os para vós, se amor lhes tendes,
 Que de mim só desprezo valer pódem.
 Minha esposa sereis, e o que haveis dito
 Só devieis dizer a D. Rodrigo.
 Romanesca qual sois e fida amante,
 Porque ás ordens de um pae sois tão submissa,
 Ou porque não fugis p'ra o vosso amado?...

BRANCA.

Porque o mundo está hi sobre as mulheres!

Porque a moral está qui e a obediencia!
 Porque Deus e a virtude m'ó prohibem.

D. GIL.

Pois então, sêde em tudo consequente,
 E em nada desmenti tão bons principios.
 Sois minha desposada, e o dever manda
 Respeitar quem bem cedo ha de orgulhoso
 Cobrir-vos com seu nome e defender-vos.
 Hoje vos aconselho ; mas não tarde
 Poderei exigir quanto vos digo.
 Ficae, sêde prudente e menos fêra,
 Que eu saberei tornar-vos venturosa.

Vae-se pelo portão.

SCENA II

BRANCA, só.

Sem querer escutei minha sentença!...
 E agora então dobrei os meus martyrios ;
 Abri minhi'alma aos olhos de um tyranno,
 E dentro em pouco aos olhos seus tremendo
 Hei de curvar-me como pobre escrava.

Momento de silencio.

Oh! Estacio, tão longe tu não sabes
 O que eu soffro, e é por ti que estou soffrendo :
 E um dia has de acusar-me de inconstante ;

E um dia has de bradar : « Perjura ! falsa !
 Mulher emfim !... ou, pelo menos, fraea ! »
 Perjura... falsa não ! fôra calúnnia ;
 Fraca sim, tens razão, fraca, covarde,
 Que amo uma vida de pezares cheia :
 Fraca, que não triumpho do destino,
 Que a leis de ferro faeil me submetto !...
 Fraca, que p'ra viver de amor me esqueço,
 E aos braços de D. Gil vou entregar-me.
 Oh ! fraca ! fraca !... Não, eu me levanto :

Isto depois de respectir com força.

Entre a vida e a desgraça existe a morte.

Corre à porta de Agassamú e bate.

Agassamú!...

AGASSAMÚ, falla de dentro.

Quém me procura ?

BRANCA.

Escuta.

Apparece Agassamú. Branca trava-lhe da mão e tral-a á scena.

SCENA III

AGASSAMU' e BRANCA.

BRANCA, rapidamente.

Vem cá, escuta : eu sei que me detestas,
 Que o odio que te inspiram Portuguezes

Tambem em mim recáe. Não me interrompas...
 Mal não te quero ; serve-me o teu odio
 Agora ao menos : dize, quanto déras
 Para um branco matar ?...

AGASSAMÛ.

Não te preebo.

BRANCA.

Deseonfias de mim ? ouve : eu sou rica,
 Dom Rodrigo outro filho jámais teve,
 Morre-lhe o nome se eu morrer sem prole ;
 Demais, quem me matar a muitos fere,
 A um noivo, que me impõe, veste de luto,
 Mata quiçá um homem que me adora ;
 Vê pois a quantos toca a minha vida :
 E tu és para mim o anjo da morte,
 Agassamú !...

AGASSAMÛ. á parte.

Pretende ella illudir-me ?...

A Branca.

Porque intentas morrer ?...

BRANCA.

Porque me forçam

A um consoreio que odeio.

AGASSAMÛ.

Então que queres ?

BRANCA.

Hervas mil venenosas tu eonheces :

De alguma o succo prompta morte off'rece ;
Dá-me uma gotta do licor sinistro.

AGASSAMÚ, á parte.

Que farei!... se me illude?...

BRANCA.

Oh! por piedade!...

Eu não te peço a vida, e o tempo insta ;
Em breve sou a esposa de um tyranno,
E quizera votar-lhe o meu cadaver.

AGASSAMÚ.

Desejas pois morrer?...

BRANCA.

Sim.

AGASSAMÚ.

Não me enganas?...

BRANCA.

Não.

AGASSAMÚ.

Jura por teu Deus!

BRANCA.

Juro por elle.

AGASSAMÚ.

Bem ; que morte preferes ?

BRANCA.

A mais prompta.

AGASSAMÚ.

Basta uma gotta de um licor que tenho.

BRANCA, tirando o anel do dedo.

Basta uma gotta?... então este anel serve.

AGASSAMÚ, examinando o anel.

Sim, aqui dentro conterà bastante.

BRANCA.

Oh! presente de amor! quem se lembrára

Que me serias conductor da morte?...

Basta, toma o anel e vem depressa.

Dá o anel.

AGASSAMÚ.

Volto em breve.

Entra no quarto.

SCENA IV

BRANCA, só.

Seu odio em mim se vingá ;

Detesta a minha raça e me detesta ;

Porém sua vingança me é propicia.

Vou ficar superior ao meu martyrio,

E quando me guiar ao altar quizerem,

Só poderão levar o meu cadaver.

SCENA V

AGASSAMÚ e BRANCA.

AGASSAMÚ, mostrando o anel.

Eil-o.

BRANCA, recebendo o anel.

Bem : e é veneno que não falha ?

AGASSAMÚ.

Sóbra para apagar-te a debil vida.

BRANCA, pensativa e triste.

E a morte é dolorosa ?...

AGASSAMU.

O que te importa ?

A quem despreza a vida a dòr é nulla.

Aparece Cobé á porta do seu quarto.

BRANCA.

Obrigada. Eis-me livre!...

Vae-se de pelo patim.

AGASSAMU.

Eis-me vingada.

SCENA VI

COBÉ e AGASSAMU'.

COBÉ. olhando para o patim e com voz grave.

Que vac n'aquelle anel?...

AGASSAMU'.

Cobé! meu filho!

Prompto, enfim, para fuga te apresentas?...

Graças!...

COBÉ.

Sim ; estou prompto, e apenas sôem
 Os bellicos tambores que annunciem
 A partida dos nossos inimigos,
 Da confusão geral me aproveitando
 Prompto me entranharei pelas florestas :
 Furto-me á vista de erueis tyrannos,
 Vou longe preparar minha vingança :
 Quebro esse eneanto poderoso e forte
 De uma mulher que amei.

Dizendo como á força.

Que hoje abomino !

Mudando logo de tom e como perseguido por uma idéa.

Que vai n'aquelle anel!...

AGASSAMU', sem attender-lhe á pergunta.

Foge e te vingá!

Vae : dize a meus irmãos que, velha e fraea,
 Não te aeompanho porque marcho a custo ;
 Mas aqui fieo, e vélo p'ra vingal-os ;
 Se forças já não tenho, sóbra a astueia

Com tom sinistro.

E vestirei de negro os Portuguezes.

CORÉ, vivamente e estremecendo.

Que vae n'aquelle annel?...

AGASSAMÚ.

Tremes ? . .

CORÉ, querendo disfarçar a perturbação.

Não tremo ;

Sabes que meu amor tornou-se em odio ;

Mas quero saber tudo.

AGASSAMÚ.

Em poucas horas

Branca e D. Gil em doee nó se apertam...

COBÉ, interrompendo-a furioso.

Oh! perfida!... nem o amante lembra ao menos!...

AGASSAMÚ.

Lembra-o de mais...

COBÉ, rapido.

E então?...

AGASSAMÚ.

Vota-se á morte :

E essa morte, Cobé, vinga a nós todos.

COBÉ

COBÉ, terrível,

Que vae pois n'esse anel ?...

AGASSAMÚ.

Mortal veneno.

COBÉ, com grito de dôr immensa.

Branca!!!

AGASSAMÚ.

Inda a lembrás ?...

COBÉ.

Branca!!!

AGASSAMÚ.

Miseravel!...

COBÉ.

Oh! ha de assim morrer uma innocente
 Porque se vê no mundo abandonada ?!!!
 Onde estão esses nobres Portuguezes,
 Que não vêm defender tanta virtude ?!!!
 Cavelleiros, a causa é da belleza,
 Qual de vós é por Branca ?... será crível
 Que uma mulher assim se desampare ?...

Suffocando-se em soluços.

Oh! Branca!... infeliz Branca!...

AGASSAMÚ.

Vil escravo!

COBÉ, com vehemencia.

Perpetraste nefando, horrível crime!...

Só corações selvagens como os nossos,
 Duros como as mais negras penedias,
 A belleza e a virtude não respitam.
 O raio ardente poupa a flôr do valle,
 E devora o madeiro da montanha ;
 O tigre o touro investe, e a pomba deixa,
 E o selvagem no emtanto nem peço
 A misera mulher!... oh! Branca! Branca!

AGASSAMU.

Insensato! recorda os que te esperam ;
 Vae, e deixa que morra uma inimiga.

COBÉ, decidido e forte.

Não! não deve morrer ; prometto, juro!...
 Não se ha de consummar tão feio crime.
 Já de muito votei-lhe a minha vida ;
 Se um abysmo a separa da ventura,
 Sobre o abysmo se estenda o meu cadaver,
 E por cima passe ella salva e livre.
 Entre Branca e D. Gil Cobé se mostre!
 Seja embora depois de Estacio esposa,
 Não! não deve morrer!

Com ternura.

Oh! tão formosa,
 Deve viver p'ra embellezar a terra!...
 Oh! Branca! oh! cara Branca! o vosso escravo
 Sua fidelidade não desmente :
 Já não vos peço amor... sei que o não valho...
 Sei bem que o não mereço... eu já sei tudo!...

Mas ao menos deixae que eu vá de roço
 Seguindo os vossos pés, que vos defenda,
 Como um cão vigilante, que espedace
 Quem ousar contra vós! Oh! Branca!...

Ouve-se o toque de tambores.

AGASSAMU.

Ouviste?

Eis o signal... é tempo!...

COBÉ.

Não! não parto :

Eu fico p'ra salva-a. Mãe tyranua,
 Não! não has de insultar o seu cadaver!...
 Eu vou busca-a!... eu vou!... o anel sinistro
 Hei de arrancar-lhe á força : se é preciso,
 Para arredar de Branca a desventura,
 De vida um sacrificio, a minha vida
 Ha muito é d'ella!... morrerei contente
 Por Branca! Nada mais me embarga os passos,
 Nada póde mudar meu nobre intento.
 Não parto, não ; eu fico, e para sempre!...
 Esqueço patria, irmãos, vingança e tudo!
 Pertengo a Branca, e vou morrer por ella!!!

Corre pela escada do patim.

AGASSAMU, furiosa.

Fica! mas vive a vida dos infames!!!
 Fica! mas soffre a morte dos covardes!...

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V

COBÉ POR BRANCA

O theatro representa a mesma decoração do acto segundo

SCENA PRIMEIRA

BRANCA, só.

Pouco falta... ao soar a hora solemne
Vião embalde procurar a noiva.
No entanto não será grande a mudança ;
Haverá um cortejo em todo caso ;
Em todo o caso a egreja lá me espera ;
Terei sempre uma benção : simplesmente
Em vez de nupcial será funerea.
Pouco falta... mas ah ! que é bem terrivel
Morrer assim com o desespero n'alma,

Quando a vida podia inda encantar-me!...
 Mas tambem eondemnar-me a um sacrificio
 Abominavel!... não! prefiro a morte!
 Este vago terror que ella nos causa
 Certo é sem fundamento : um leve sopro
 Que apaga debil chamma, eis o que é ella.
 Porque temel-a ?... a dôr pertence á vida.
 Estou resignada, e não me assusto.

Momento de silencio.

Oh! minha mãe!... n'aquelle bello tempo,
 Em que com vossos beijos me embalaveis,
 Não podieis pensar que um tal destino
 Coubesse á vossa tão querida filha!...
 Se por ventura póde a vossa sombra
 Invisivel vagar...

Mudando de idéa.

Que pensamento!...
 Se a despeito da morte a alma viesse
 Assentar-se no tumulo do corpo,
 E d'aquelles que em vida conhecêra
 Voasse em torno... oh! Céos! se não é sonho!...
 Eu... a minha alma, todo amor ainda,
 Voára a vigiar junto de Estacio,
 E o pranto de saudade, que lhe visse
 Por Branea, pagaria lhe inspirando
 Meigos sonhos, mais puros que os da terra,
 Todos cheios de amor celeste e santo.

SCENA II

COBÉ e BRANCA.

COBÉ, examinando Branca com os olhos.

Emfim !...

BRANCA, admirada,

Cobé!...

COBÉ, respirando e á parte.

Está bem ; é tempo ainda ;
Em seu rosto não ha signaes de morte,
Posso salva-la.

BRANCA,

Que imprevista causa
Te traz a este lugar ?...

COBÉ.

Missão sagrada
A vossos pés conduz o vosso escravo.

BRANCA,

Que queres pois de mim ?... falla e depressa ;
Não sobra o tempo... eu sei porque não sobra.

COBÉ.

Tambem o sei, por isso aqui me tendes.

Á parte vendo o anel.

Eis o anel assassino no seu dedo !..

BRANCA

Que sabes pois ?...

COBÉ, depois de reflectir um momento.

Agassamú não poudo
De seu filho esconder fatal segredo.
Quereis morrer, senhora ?!

BRANCA, dolorosamente.

Ah! fui trahida!...

COBÉ.

Morrer!... morrer tão bella, e quando a vida
Tão feliz para vós correr pudéra!...
Que intento é esse?... o que vos acobarda?...
Só deseulpar se deve o desespero,
Quando da salvação todos os meios
Se empregaram debalde; e vós, senhora,
Recursos tendes que lembrar-vos cumpre.

BRANCA.

Que recursos ?...

COBÉ.

Cobé é vosso eseravo,
Em eorpo e alma todo vos pertenee;
Fallae e será prompta a obedieneia.

BRANCA.

Nada pódes por mim.

COBÉ

Por vós, senhora,

Cobé ousará tudo, e nada teme,
 Menos vêr-vos morrer. Se ha n'este mundo
 Um homem que atrevido vos offenda,
 Dizei seu nome, que sereis vingada.
 Se em summa o sacrificio de uma vida
 P'ra vossa f'licidade é necessario,
 Fallae... e a vida de Cobé se apaga;
 Porém, morrerdes vós... oh! não! não posso;
 Isso não soffro eu.

BRANCA.

Nobre tamoyo

Tanta dedieação eu te agradeço;
 Mas tarde veus, e para o mal que tenho
 O remedio propicio é só a morte.
 Tu que amas, Cobé, podes julgar-me;
 Dize, se algum poder que respeitasses,
 Contra o qual não pudesses levantar-te,
 Erguesse uma barreira entre tu'alma
 E a alma de quem amas, que farias?

COBÉ.

Com meu braço a barreira destruirei.

BRANCA.

Que! tua dextra contra um pae se armára?!!!

COBÉ, com força.

Não, senhora; a barreira é esse infame
 Sem nobreza, sem honra... esse covarde
 Que esposo quer-se impôr sem ser amado.

Já é demais na terra Gil da Cunha!
 Antigas contas cumpre que ajustemos,
 E eu vou...

BRANCA.

Não vás; eu quero antes a morte;
 Minha resolução está tomada :
 Morrerei...

COBÉ

Por piedade!...

BRANCA.

Morrer devo.

COBÉ, á parte.

Só me póde valer um artifício ;
 Tente-se tudo, empregue-se a mentira.

Branca.

Então nada vos muda o féro intento ?

BRANCA

Amor me dá firmeza.

COBÉ.

E pois é força
 Cumprir fatal missão, útil a morte.
 Senhora, Agassamú a vós me envia :
 Um engano feliz pode trahir-vos ;
 Em vosso anel não ha subtil veneno,
 Ha licor innocente...

COBÉ

325

BRANCA.

Oh! Deus! que escuto!...

COBÉ.

Agassamú seu erro conhecendo,
Presto me manda a vós... convem que cedo
Esse anel lhe envieis; devo levá-lo
P'ra que cedo também n'elle vos traga
Veneno certo que affiance a morte.

BRANCA.

Cobé!...

Dae-me o anel!

BRANCA, desconfiada.

Ah! tu me enganas!

COBÉ.

Esse anel!... esse anel!...

BRANCA.

Queres roubar-me
A unica esperança que me resta?...

COBÉ.

Esperança fatal!...

BRANCA.

Ella me é doce :
É por amor que eu morro... isto me anima.

COBÉ, com muito empenha.

**Mas vêde que esse anel não tem veneno :
Pensae... se o quereis ter... dae-m'ò depressa.**

BRANCA.

Cobé!...

COBÉ.

Dae-me esse anel.

BRANCA.

Duvida horrivel!...

Depois de reflectir alguns momentos exclama :

**Mas oh! de amor inspiração ditosa!
Cobé, o anel te dou; juras trazer-m'ò
Cedo outra vez?...**

COBÉ.

Sim; juro.

BRANCA.

Bem, attende :

**A morte vás buscar-me; no entretanto,
Se o que existe no anel não é veneno,
Bebo, e não morro; se é veneno, apenas
A hora apresso, que chegar presinto :
Eil-o...**

Tira o anel e o leva à bocca.

COBÉ, arrebatando promptamente o anel.

Nunca!... era morte!...

Com indizível prazer.

Oh! finalmente

És meu, licor sinistro!... anel querido,
Não te cedera, não, por mil thesouros!

BRANCA, exasperada.

Oh! nefanda traição!... insano escravo!...

COBÉ, sem attendel-a e contemplando o anel.

Eis uma pedra pequenina e leve
Fechando a vida do homem!... uma gotta
De limpido licor é já de sobra
Para sumir da terra o mais vaidoso
Dos animaes!... oh! vil miseria humana!...

BRANCA,

Oh! Dens!...

A Cobé,

Por compaixão!... morrer preciso...
Restitue-me o anel!... Cobe, piedade!...
Cede a men pranto... eu peço de joelhos...

Curvando-se.

És agora o senhor... eu sou a escrava!...

COBÉ, querendo em vão erguel-a.

Que fazeis?...

BRANCA.

Que te importa a minha vida?...
Esse anel é presente de quem amo ;

Não o cedo a ninguém, e hoje me guarda
Debaixo de uma pedra a minha esp'rança.

COBE.

Tereis o vosso annel, senhora, eu juro...
Mas não agora.

BRANCA, erguendo-se exasperada.

Barbaro selvagem!...

Eu te suppunha generoso e nobre,
És vil como a serpente, que rasteja :
Miseravel!... se acaso vale a praga
Salida dos umbraes da sepultura,
Eu que já peso a pedra do meu tumulo...
Eu te maldigo!... vae!... miseria horrivel
Te persiga... e a teus olhos quem amares
Em desespero e longo transe morra!
Sê maldito, selvagem, sê maldito!...
Foge da minha vista!... eu te abomino!...
Por toda a parte féra te persiga
A minha maldição!... deixa-me! vae-te!...
Sê maldito, selvagem, sê maldito!...

COBÉ. trío.

Parto, mas voltarei ; e a praga horrivel
Vereis, senhora, se de vós mereço.

Vae-se.

SCENA III

BRANCA, só.

Estou perdida!... a ultima esperança
Para mim se apagou!... misera victima
Vão arrastar-me a horrendo sacrificio!
Eis-me só... sem amparo, abandonada...

Girando a scena.

Quem por mim!... quem por mim!... ah! Valentina!...

Entra Valentina.

SCENA IV

VALENTINA e BRANCA.

VALENTINA.

Senhora, é tempo ; só por vós se espera.
Deixae que o véo e a virginal corôa
Prenda em vossos cabellos.

BRANCA.

Desgraçada!...

VALENTINA.

Que recurso vos resta ?... vossas lagrimas
Infructiferas são ; cedei ao fado ;

Não offendaes a Deus, desesperando ;
 Nossa vida é assim... soffremos sempre.

BRANCA.

Valentina!...

VALENTINA.

Sentae-vos... eu vos peço...

Branca senta-se machinalmente. Valentina põe-lhe o véo e
 a grinalda de rosas brancas.

BRANCA.

O vestido da noiva em que differe
 Da mortalha da virgem?... não são ambos
 Brancos?... e a corò da donzella
 Não se leva ao altar e á sepultura?...
 Sim! prende-me esse véo... põe-me essa c'róa ;
 Amortalha-me em vida!...

VALENTINA.

Inutilmente

Redobraes vossa dôr!

BRANCA.

Ah! Valentina!...

VALENTINA.

Soeegae ; vosso espirito agitado
 Prevê e soffre de antemão tormentos,
 Que no futuro não tereis por certo.
 Vosso esposo ha de amar-vos ; tão formosa
 Tereis n'elle um amante apaixonado :

Vinde... no espelho vossa imagem vêde ;
 Os vossos olhos luminosos brilham
 A despeito do pranto; como alvejam
 Entre as vossas madeixas negras, bastas
 As brancas rosas da virginea c'róa!
 Como fulge a belleza em vosso rosto!
 No arfar do seio exaltam-se os desejos...
 Amor ardente vossas graças movem ;
 Sois bella... sois gentil... e a f'licidade...

BRANCA.

Basta : sou bella, sou gentil!... qu'importa!...
 Malditas sejam tão funestas graças!
 D'ave sonora o doce canto é origem
 Da sua eseravidão ; porque é formosa,
 Do ramo que a sustenta a flôr arrancam ;
 E a mulher, por ser bella... oh! mil... mil vezes
 É condemnada a detestaveis laços!

VALENTINA.

Exagerada a vossa dôr desvaira.
 Ovi, senhora : o amor do terno esposo,
 Que embora não amado vos adora,
 Em breve ha de estancar as vossas lagrimas ;
 O tempo o resto faz ; grata aos extrêmos
 Que a Dom Gil deveis, a indiferença
 Do vosso coração irá fugindo,
 Cedendo o posto pouco a pouco á estima,
 Se não ao proprio amor : a natureza
 Os vossos laços ornará de flôres ;

Mimosos fructos da união sagrada,
 Filhos queridos tornarão suaves
 Essas cadeias que vos pesam hoje.
 Ah! lefo no futuro a vossa dita :
 Sereis feliz!...

BRANCA.

Estacio!...

VALENTINA.

Oh! não, senhora,
 Nunca mais esse nome em vossos labios...

BRANCA, exaltando-se.

Sempre em meu coração!... aqui não manda,
 Aqui não tem poder a prepotencia!...
 Arrastada ao altar do sacrificio,
 Enregelada mão darei ao esposo
 Que o destino me impõe; porém, minh'alma
 Nunca será perjura : eu não sou noiva,
 Sou victima infeliz!... irei de rastos
 Aos pés do sacerdote!... ao Céu não ha de
 Chegar o falso voto que dos labios
 Vão arrancar-me!... Deus não póde ouvir-o!...
 Será maldito este hymeneu sacrilego!
 Seja esteril meu seio ; Deus me escute!...
 E quando em minha face o meu tyranno
 Quizer depôr primeiro beijo... e os braços
 Ao collo me lançar... em vez de esposa,
 Beije... abraçe um cadaver!... Deus me escute!...

VALENTINA.

Ah! senhora!

BRANCA.

Retira-te : um momento
De liberdade á misera concedam.

Vae-se Valentina tristemente.

SCENA V

BRANCA, só.

Sem remedio!... perdida sem recurso!...
Não ha nada a esperar... oh! Deus, mais nada!...
Se o meu annel ao menos me restasse...
Se o veneno... Cobé! porque não voltas?...

Girando a scena.

Cobé! Cobé! soccorre-me!... inda é tempo!...
Cobé!...

Estacando defronte do espelho.

Oh! eis a victima enfeitada!...
Sobre a minha cabeça alveja a c'róa
Das virgens ; mas por baixo d'estas flôres
Ha espinhos que pungem ; não importa :
Mulher, ergue a cabeça!... o véo das noivas
De meus cabellos pende... ao pé dos olhos
Serve para enxugar as minhas lagrimas!
Branças vestes... brilhantes... ricas joias...

Que mais falta?... mulher! bemdiz teu fado ;
 Inda que tenhas n'alma o desespero,
 Estende um bello riso n'esses labios!...
 Illude a teu senhor, engana ao mundo ;
 Arrasta os teus grillhões, e diz que és livre :
 De dôr estala, e jura que és ditosa!...

Fugindo do espelho

Oh! Deus!....

Entra D. Rodrigo.

Meu pae!...

SCENA VI

D. RODRIGO e BRANCA.

D. RODRIGO.

Amada filha!

BRANCA, á parte.

Eu tremo!...

D. RODRIGO.

Filha, a missão de pae prestes acabo ;
 Junto ao altar de Deus eu vou despir-me
 De minha autoridade, e meus direitos,
 Que assume o teu esposo; vás por elle
 Para sempre deixar-me : não me queixo ;
 Mandam assim da sociedade os usos

E os dogmas sagrados ; porém, antes
Que chegue essa hora deves escutar-me.

BRANCA. á parte.

Que irá dizer?... que mais de mim pretendem?...

D. RODRIGO.

Serás esposa : nobre tit'lo é esse ;
Mas com elle vos vêm serios deveres.
Eu não te recommendo honra e virtude ;
Fôra desconhecer-te o recordal-as ;
Mas talvez sejas mãe : filha, o que hei sido
Para ti, p'ra teus filhos tu ser devøs ;
Do nome que me levas zela a fama ;
Dá-lhe herdeiros que o brilho lhe conservem ;
Ensinua aos filhos teus, que alta nobreza
Altas obrigações contráe difficeis ;
Não é de si um nobre ; a gloria sua
Está em preferir ao proprio gosto
O que dê mais renome aos seus vindouros ;
É da patria e do rei tudo o que é d'elle ;
Sabê abafar paixões... odios... amores
Em favor da nobreza de seu sangue.
Basta o que disse : cumpre o que te ensiuo :
Tenham teus filhos sorte como a tua.

BRANCA, á parte e á meia voz.

Seja esteril meu seio!... Deus me escute.

D. RODRIGO.

Meus conselhos ouviste, amada filha ;

Agora o altar te espera ; mas consente
 Que inda um momento aqui nos demoremos.
 Teu bello noivo apaixonado aspira
 Á gloria de beijar a mão formosa,
 Que em breve vae ser d'elle ; quer de novo
 Talvez jurar-te amor, e antes de esposo
 Inda uma vez admirar-te as graças.
 Entrae, D. Gil!

BRANCA. á parte.

O algoz contemple a victima.

SCENA VII

D. RODRIGO, D. GIL DA CUNHA e BRANCA.

D. GIL, a Branca.

Senhora, a vossos pés venho curvar-me
 Agradecido pela dita immensa
 Que emfim me concedeis ; de nobre orgulho
 Sinto-me cheio admirando aquella
 Que vae ser minha esposa : aos santos dotes,
 Ás virtudes que Deus vos plantou n'alma
 Deu-vos ainda a natureza encantos,
 Que a palma da belleza vos consagram :
 Minha ventura o meu amor iguala ;
 E outra vez ante vós ajoelhado,
 Senhora, eu peço que este amor ardente

Com terna estima me pagueis ao menos,
E que iuda mais ao meu ardor cedendo
Não demoreis mais tempo o doce instante
Em que no altar de Deus sagrados laços
Em ditosa união devem prender-nos .

BRANCA.

Sôa a hora fatal !...

SCENA VIII

VALENTINA, D. RODRIGO, D. GIL e BRANCA.

VALENTINA, a Rodrigo.

Vossos amigos,
Senhor, enchem a sala e vos procurem.

D. RODRIGO.

Vou recebê-los já : Branca, não tardes ;
Dom Gil off'rece a mão á tua esposa,
E vem apresental-a aos convidados.

Vae-se com Valentina.

SCENA IX

D. GIL e BRANCA,

D. GIL.

Vamos, senhora !

COBÉ

BRANCA.

Inda ùm momento... eu peço...

D. GIL.

Branca !...

BRANCA.

Por compaixão... dae-me um instante! ..
Quero resar primeiro...

D. GIL.

Tereis tempo

De sobra p'ra resar junto de um padre,
E aos pés do altar...

BRANCA.

Senhor !...

D. GIL.

Vamos !...

Não posso !...

D. GIL, agarrando-a e furioso.

A força mesmo se preciso fôsse !!!...

BRANCA, exasperada.

Ninguém tenho por mim !... ninguém me vale !...
Oh !...

Cobé apparece á porta ; D. Gil larga Branca, que corre a elle.

Cobé !...

SCENA X

BRANCA, D. GIL DA CUNHA e COBÉ á porta.

BRANCA, a Cobé.

Meu anel !

COBÉ, a D. Gil,

Dom Gil da Cunha !...

Emfim, te encontro !...

BRANCA.

É o meu anel ?...

Estendo o braço.

Depressa !...

COBÉ, abre o anel, bebe o veneno, e entrega o anel a Branca.

Eil-o.

Fica em pé e de braços cruzados.

BRANCA.

Que fazes ?...

D. GIL.

Misero selvagem,

Cobé tem os olhos em D. Gil.

Ousas aqui entrar ?...

BRANCA.

Ah ! que fizeste ?..

COBÉ

COBÉ, frio.

Marquei um termo á minha desventura

BRANCA.

O veneno ?!!!

COBÉ.

Está dentro do meu seio .

BRANCA.

Oh!!!

D. GIL.

Póde acaso um insolente escravo
Embargar-nos o passo?... Branca, vamos ;
É já de mais.

BRANCA.

Cobé!...

COBÉ, dando um passo.

Cobé por Branca!...

D. GIL.

Ousarias...

BRANCA

Cobé!... Oh! desgraçada!...

Sacrifiquei-te!...

COBÉ, olhando com desprezo para D. Gil.

Eu nada mais receio.

Agora não os temo; o meu cadaver

Terão sómente, e ao muito como abutres
 Dilaceral-o pódem : tal vingança
 Digna é de meu desprezo, e digna delles.

D. GIL.

Cobé! repara...

COBÉ.

A morte se aproxima
 Mortal veneno em minhas veias gira ;
 Urge o tempo.

Sinistramente..

Brilhou, porfim, o dia
 Da vingança!... O selvagem se levanta!...

Terrível até o fim.

Dom Gil da Cunha!... a hora é de nós ambos :
 Quem á traição na choça surprehendeu-me
 Foste tu!... quem n'um jugo vergonhoso
 Fez gemer minha mãe, tu foste ainda!...
 A nossa escravidão a ti só devo!
 Não vês pois que o teu sangue me é preciso?...
 Não me has de escapar! aos pés de Branca
 Jurei matar-te...

Avançando.

Vem!...

BRANCA.

Perdão ! piedade !...

COBÉ.

Não ha perdão p'ra o caçador de escravos!

Fere a D. Gil.

Morre!

Cão D. Gil.

BRANCA, atirando-se de joelhos adiante do oratorio.

Meu Deus!... meu Deus!... eu desfalleço!...

Cobé mal se sustem.

COBÉ, desanimando.

Branca!... estaes livre!...

BRANCA.

Deus!... misericordia!...

SCENA XI

BRANCA sempre de joelhos defronte do oratorio ; D. GIL, morto ;
COBÉ, arquejando e sentindo os effeitos do veneno mortal ;
AGASSAMU, que entra e vae tomar a frente da scena, sem
reparar no estado de Cobé.

AGASSAMU.

Fica!... mas vive a vida dos infames!...

Fica!... mas...

COBÉ, desfallecendo.

Minha mãe... suspende... eu morro...

Branca, que está de joelhos junta do oratório, solta um grito e vem a Cobé; mas, vendo-o expirar, cobre o rosto com as mãos e vai outra vez cahir de joelhos no mesmo lugar.

Branca!... Branca!... eu te amava!... adeus!

Expira aos pés de Branca.

AGASSAMÚ, com um grito desesperado.

Meu filho!...

Agassamú corre ao filho já cadaver.

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO

O

SACRIFICIO DE ISAAC

DRAMA SACRO

EM UM ACTO E DOIS QUADROS

PERSONAGENS :

ISAAC.

ABRAHÃO.

ELIEZER.

SARA.

PASTORES E SERVOS DE AMBOS

OS SEXOS.

O

SACRIFICIO DE ISAAC

ACTO UNICO

QUADRO PRIMEIRO

O theairo representa a morada de Abrahão no valle de Barsabé, campo semeado de arvores frondosas. Ao fundo e aos lados tendas de Abrahão, de Sara, de Isaac, e dos pastores e servos. — Começa a anoitecer.

SCENA PRIMEIRA

PASTORES e SERVOS, que se recolhem depois do trabalho;
ABRAHÃO, ISAAC, ELIEZER e SARA.

CORO DOS PASTORES E SERVOS.

É tarde : **avança a noite,**
O dia **terminou,**

O pavido rebanho
 Do pasto já voltou :
 A hora do repouso
 Benefica chegou :
 É tarde... avança a noite,
 O dia terminou.

ABRAHÃO.

Succeda o somno á vigilia,
 Siga o descanso ao labor,
 Doce paz nos felicita,
 Demos graças ao Senhor.

Ajoelham-se todos.

CORO GERAL.

Gloria eterna a Deus potente,
 Eterna gloria ao Senhor,
 Que derrama bemfazejo
 Sobre a terra dons de amor.
 Gloria a Deus que o sol brilhante
 Accendeu com o seu olhar,
 E a um leve aceno desata,
 Ou doma as furias do mar.
 Gloria a Deus que as flôres abre,
 Os fructos produz e alenta,
 E a chuva do céu entorna,
 Que o rio e fonte alimenta.
 Gloria a Deus que nos concede
 Descanso após o trabalho,
 Como após calmoso dia

Verte o céo nocturno orvalho.

Levantam-se.

Gloria a Deus !...

ABRAHÃO.

Filhos, nossa oração sorrindo acolhe
Um Deus todo de amor. Agora as tendas
Convidam ao repouso, e somno facil
Nas brandas pelles de cordeiro offerecem.
Dormi tranquillos. Deus vela por todos.

CORO DOS PASTORES E SERVOS.

É tarde : avança a noite :

O dia terminou ;

O pavido rebanho

Do pasto já voltou ;

A hora do repouso

Benefica chegou ;

É tarde : avança a noite :

O dia terminou.

Vão-se todos, memos Sara e Isaac.

SCENA II

ISAAC e SARA.

SARA.

Meu filho, espera : inda uma vez desejo
No meu seio apertar-te, antes que o somno
Teus olhos cerrar venha.

II.

ISAAC.

Mãe dilecta !

Sempre os carinhos teus doçura extrema
 Na minh'alma derramam ; mas que causa
 Hoje te anceia o coração amante ?...
 Vejo o receio no teu rosto impresso,
 Falla em teus olhos o temor ; que soffres ?...

SARA.

Tremo !... porque, não sei : mysterios d'alma.
 Um coração de mãe vê no futuro.
 Tremo... por ti.

ISAAC.

Por mim ?

SARA.

Nada perguntes :
 Nada sei... nada entendo... e temo sempre.
 Bate-me o coração : dentro no seio
 Ouço uma voz bradar : « Zela teu filho ! »

ISAAC.

Dissipa um susto vão : o amor materno
 Vive incessante damnos mil temendo
 Sem fundamento e causa.

SARA.

Sim : tu vives !

Milagre do Senhor, que mão ousára
 Erguer-se sobre ti ?... és men : tu vives

És um filho por Deus predestinado,
O pae ditoso de escolhido povo.
Herdeiro de Abrahão, Deus te protege :
A herança de teu pae de Agar o filho
Não deve recolher : missão sublime
Tens c has de cumprir. Ninguém pudera
A um decreto divino oppôr barreiras.

ISAAC.

Então, porque temias?...

SARA.

Sonho horrivel

Tres vezes em tres noites repetido
Meu socego turbou.

ISAAC.

E que sonhaste?...

SARA.

Tremo ao lebral-o !... eu vi a tua imagem
Erguer-se ante meus olhos, triste, pallida...
No rosto contrahido o soffrimento
Cruel se annunciava, e supplicante
Cruzava as mãos como a pedir piedade...
E enfim... depois... Oh! pavorosa idéa! ..
O teu corpo buscando eu só tocava
Frio cadaver, corpo já sem vida!....
É um sonho fatal, o mesmo sempre,
Tres vezes em tres noites repetido !...

ISAAC.

Que mysterio cruel !

SARA.

Sonho funesto !

No leito me persegue, e na vigilia
Em tremenda visão se torna ainda
Despedaçando o coração materno.

ISAAC.

Tranquillo somno a paz te leve ao seio.
Eu vivo, oh ! minha mãe e Deus potente
O filho que te deu ha de guardar-te.

SARA.

O alento da minha vida,
Filho, só de ti me vem :
O golpe que te matasse
Mataria a mim tambem.

ISAAC.

O céo piedoso protege
A vida do filho amado :
Um infeliz não nascêra
De teu seio abençoado.

SARA.

Brilha a esperança
Que o susto acalma,
E fulge n'alma
Um santo amor.

ISAAC.

N'alma me accende
Prazer ingente,
O teu ardente
Materno amor.

ISAAC e SARA.

Salve o affecto
Mimoso e dino,
Salve o divino
Materno amor.

Vão-se.

SCENA III

ABRAHÃO e FLIEZER.

ELIFZER.

Senhor! senhor! que estranho pensamento
Ao somno vos arranca!...

ABRAHÃO.

Ao somno dizes...

Engano, eu não dormi. Oh! não foi sonho,
Suprema graça foi, porém, tremenda!

ELIEZER.

Como!... fallae!...

ABRAHÃO,

A meus olhos supremo
O Senhor se mostrou!

ELIEZER,

Sois o dilecto
Entre os mortaes.

ABRAHÃO,

Mas d'esta vez terrivel
Ordem me deu, que cumprirei zeloso,
Inda que o seio retalhado sinta
Pelo mais duro golpe.

ELIEZER,

Eu tremo.

ABRAHÃO, observando,

Attende...

Que Sara não me escute.

ELIEZER,

Ella repousa.

ABRAHÃO,

Oh! mãe desventurada! Oh! que tormento
Por minhas mãos vou preparar á misera!

ELIEZER,

Dizei, senhor!

ABRAHÃO,

No céo brillava a lua,

A noite era formosa, e solitario
 Mais bello ainda o valle parecia,
 A lua, a noite, o valle me excitavam
 A meditar da solidão no seio.
 Não me contive, deixo a tenda, e apenas
 Um passo avanço, inesperado vejo
 Ante mim o Senhor, curvo-me, e logo
 Estremecendo escuto a voz divina...

ELIEZER.

E o preceito qual foi?...

ABRAHÃO.

Deus ordenou-me

Que á terra da visão leve meu filho,
 E alli em rude altar adrede erguido
 Com minha propria mão desapiedada
 Levantando o cutello o descarregue
 Sobre a victima...

ELIEZER.

E a victima?

ABRAHÃO.

É meu filho!

Em holocausto a Deus hei de offerecel-o.

ELIEZER.

Que!...

ABRAHÃO.

Devo pois sacrificar Isaac!

A fogueira accender, que ha de abraza-lo,
 E sem tremer, sem hesitar, cu mesmo
 Sobre seu collo desfechar o golpe,
 Ferir meu filho!... e vêr correr-lhe o sangue!

ELIEZER.

E ousarcis?!!

ABRAHÃO.

Por certo ; Deus o manda!
 O sagrado preceito ha de cumprir-se.
 Quem resiste ao Senhor?... A obediencia
 Aos seus decretos é dever e gloria :
 O que o Senhor ordena é sempre justo.

ELIEZER.

E tereis força?...

ABRAHÃO.

O céo ha de animar-me,
 Venci banhado em sangue o caro filho
 Voltar a mim em despedida os olhos...
 E exhalar o alento derradeiro!...

ELIEZER.

Ah ! sonhastes, senhor : Deus não quizera
 Tal sacrificio impôr!

ABRAHÃO.

Impoz e basta.
 Quem Isaac me deu, póde tirar-m'o.

ELIEZER.

E as promessas de Deus esqueceis tanto?

Se Isaac sacrificais, dizei, quem ha de
Perpetuar na terra a vossa raça,
É ser o pae de um escoltido povo?...

ABRAHÃO.

Isaac.

ELIEZER.

Mas se elle morre!

ABRAHÃO.

Tudo pôde
O eterno Senhor. O que elle ordena
Ha de cumprir-se : o que promete, é feito.
Verei das cinzas renascer meu filho,
Ou descer-me do céo. Deus m'o predisse :
De Isaac provirá nação immensa,
E todas as nações bemditas n'elle
Serão na terra.

ELIEZER.

E morre!

ABRAHÃO.

E resuscita.

A palavra de Deus é lei eterna.

ELIEZER.

E é pae quem sacrifica o proprio filho?...
Perdão, Senhor, mas essa idéa aterra!
De vossa força ha de espantar-se o mundo,
É talvez que de horror a humanidade.

Fuja de vós, e maldições fulmine
 Contra quem tanto ousou : e ao grito horrivel
 Da vingança dos homens, que direis
 De vosso nome em honra?...

ABRAHÃO.

Creio em Deus !

Este holocausto de um filho
 É gloria, crime não é :
 Cumpro divino preceito,
 Minha força está na fé.

Descrêr o Senhor supremo
 Proprio só dos impios é ;
 Impio não sou : creio em Deus,
 Minha força está na fé.

ELIEZER.

Assombra-me o valor que vos sublima.

ABRAHÃO.

Não é valor, é só obediência.
 Soffre o amor; mas o dever triumphá.
 Vae : os servos desperta e a todos chama :
 Accorda Isaac e Sara ; mas esconde
 A pobre mãe o golpe que lhe espera.

ELIEZER

Tremendo vou.

SCENA IV

ABRAHÃO, só.

Meu Deus, quanto padeço !
Sinto a morte no seio : oh! não me punas,
Eu te obedeco ; mas sou pae... perdoa...
Meu pranto não sustenho... a dôr é muita ;
Sou pae! sou pae! e vou matar meu filho !

Minha esperança,
Meu filho amado,
Sacrificado
Vae ser por mim!

Ha de, cahindo,
Ao golpe forte
Sorrir-se á morte
Dada por mim.

Verei sem vida
No chão prostrado
Meu filho amado
Morto por mim.

SCENA V

ABRAHÃO, ISAAC, ELIEZER, PASTORES e SERVOS.

PASTORES e SERVOS.

Espalha-se nas tendas
 Um subito receio,
 Successo desastroso
 Acaso sobreveio?

ABRAHÃO.

Filhos, nada temaes, torne o socego
 A vossas almas. O animo sereno
 Todos me vêdes. Só de vós pretendo
 Serviço incalculado. Ordem divina
 Longe nos manda, e viajar devemos.
 O Moria nos espera : ide, apromptae-vos.

PASTORES e SERVOS.

Alerta ! vamos,
 Promptos estamos
 A viajar ;
 A noite é bella,
 Não ha procella
 A ribombar.
 Alerta ! vamos,
 Promptos estamos
 A viajar.

Vao-se.

SCENA VI

ABRAHÃO, SARA e ISAAC,

ABRAHÃO.

Sara, em breve tornamos ; vae, na tenda
Dorme outra vez tranquilla : em paz te fica.

SARA.

Que ! não te sigo ?...

ABRAHÃO.

Não ; penosa marcha
Às tuas forcas um tormento fôra.

SARA.

Fica-me o filho ao menos...

ABRAHÃO.

Duro transe !

Deus ! ~~De~~-me forcas ;

À parte.

Vem comigo, Isaac ;
Sem elle eu não partira.

SARA.

Oh ! Deus eterno !...

Oh ! sonho horrivel !...

ABRAHÃO.

Sara !...

ISAAC, a Sara.

Nada temas :

Ao lado de meu pae quem me offendera ?...

ABRAHÃO, á parte.

Misero filho !...

SARA.

Mãe desventurada !...

ABRAHÃO.

Que dizes tu ?...

SARA.

És meu senhor ; não ousou

Oppôr ao mando teu os meus temores...

Sou escrava... és senhor ; mas Deus piedoso

Deu-me um filho... sou mãe... tenho meu filho.

Por elle vivo... morrerei sem elle !...

ABRAHÃO, á parte.

Sinistra previsão !...

ISAAC, á parte.

Barbara idéa !...

Resôa no meu seio a voz materna.

ABRAHÃO.

Sara !

A

Eu me curvo !

ABRAHÃO.

Adeus !... sobre teu filho
Deita a benção materna.

ISAAC.

Oh ! mãe querida !...
Adeus !...

SARA.

Meu filho !... oh ! sonho !

A Abrahão.

Oh ! meu senhor.

Se amas a esposa tua,
Se te dóe a minha dôr,
Zela bem este penhor
De minha vida cansada.
Sou mãe, adoro meu filho,
Sinto n'elle reviver-me,
Se elle morrer has de vêr-me
Morrer tambem desgraçada.

ABRAHÃO.

A sorte do filho amado
Está escripta nos céos,
E sobre elle a mão de Deus
Sómente póde cahir.
É meu filho, eu não temêra
Por elle a vida arriscar ;
Mas se um golpe o derribar
De Deus sómente ha de vir.

ISAAC.

Mãe piedosa, não me chores,
 Junto a meu pae nada temo ;
 É um escudo supremo
 O amor de um pae estremoso.
 Voltarei cedo a teu seio
 Nas azas de um puro amor,
 E trocarás essa dôr
 Pelo prazer mais ditoso.

ABRAHÃO.

É tempo... vamos.

SARA.

Terrivel
 Meu sonho foi !...

ISAAC

Mãe querida !

SARA, a Abrahão.

Trarás meu filho outra vez ?

ABRAHÃO, á parte.

Deus !...

Para fóra.

É hora partida.

PASTORES e SERVOS, dentro.

Alerta ! vamos,
 Promptos estamos
 A viajar.

A noite é bella,
Não ha procella
A ribombar.
Alerta ! vamos,
Promptos estamos
A viajar.

ABRAHÃO, SARA e ISAAC.

Noite cruel, sinistra !
Lugubre despedida !
Sinto no apartamento
Negra tornar-se a vida.

SARA.

Oh ! filho idolatrado,
Sente os pezares meus,
Eu tenho n'alma o luto,
Esposo, filho, adeus !...

ABRAHÃO.

Esposa idolatrada,
Sente os pezares meus,
Eu tenho n'alma o luto,
Esposa, esposa, adeus.

ISAAC.

Oh ! mãe idolatrada,
Sente os pezares meus,
Eu tenho n'alma o luto,
Oh ! minha mãe, adeus !...

Vão-se Abrahão e Issac.

PASTORES e SERVOS, dentro e acabando ao longe.

Alerta ! vamos,
 Promptos estamos
 A viajar.
 A noite é bella,
 Não ha procella
 A ribombar.
 Alerta ! vamos,
 Promptos estamos
 A viajar.

SCENA VII

SARA, só,

Oh ! filho meu ! minh' alma adivinhava !
 Sonhei tua desgraça... e como pude
 Abandonar-te assim ?... Porque me arrancam
 Minha esperança e vida ?... dura ausencia,
 Sinistro apartamento ! Oh ! quanto soffro !
 A dôr me despedaça... arde-me a frente...
 A solidão me assusta... Oh ! filhas, vinde !...

Fallando para as tendas.

Cercae-me todas... vinde... eu tenho medo.

Senta-se á sombra de uma arvore.

Faltam-me as forças... pesa-me a cabeça...
 Nem posso orar ; orae por mim, oh ! filhas.

SCENA VIII

SARA; PASTORAS E SERVAS que acudiram á voz de Sara.
que adormece com o canto.

PASTORAS e SERVAS.

O céo semêe flores,
De seus filhos na estrada,
Feliz faça a jornada,
E accelere a volta
Da mãe, da esposa afflicta
Se compadeça o céo,
Do esposo e filho seu,
Accelerando a volta.

SARA, sonhando.

Isaac !

PASTORAS e SERVAS.

Dorme, e sonha
Nenhum ruido agora,
Silencio : enquanto dorme,
Os males seus não chora.

SARA, sonhando.

Filho... esposo... altar... floresta...
Holocausto... o pae... a dôr...
Infeliz... cutello... o braço...

Golpe... sangue... morte... horror...

Despertando.

Horror!...

PASTORAS e SERVAS.

Terrível sonho!...

SARA.

Eu vi meu filho!...

Vae morrer!... grande Deus! corro a salvá-o.

Sobre o collo do filho querido
Vi suspenso um cutello fatal!
É meu filho... a salvá-o correndo
Vou nas azas do amor maternal.

PASTORAS SERVAS.

É seu filho... a salvá-o correndo
Vae nas azas do amor maternal.

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

QUADRO II

O theatro representa uma parte do monte Moria; floresta ao fundo e aos lados; á direita do espectador e no terceiro plano um altar de pedras e fogueira para um sacrificio. É dia.

SCENA PRIMEIRA

ISAAC, PASTORES e SERVOS.

PASTORES e SERVOS.

Emfim, temos chegado
Ao termo da jornada ;
Da marcha afadigada
Cumpria descansar ;
E já do sacrificio
O altar erguido vemos,
Mas victima não temos,
Nem ha onde buscar.
Viagem tão penosa

Mysterio envolve tal,
Que, ou seja bem ou mal,
Ninguem póde explicar.

ISAAC.

Preeceitos do Senhor cumprir viemos ;
Meu pae os recebeu, e a obediencia
É para todos um dever. Silencio !
Ninguem murmure. Exemplo dou a todos.

Vae-se para o fundo e medita.

ALGUNS SERVOS e PASTORES.

Abrahão onde está ?...

OUTROS.

Ora, no bosque.

OS PRIMEIROS.

Que vae acontecer?...

OS SEGUNDOS.

Inda é segredo.

PASTORES e SERVOS.

O termo da jornada, alfim, toeando,
Em nossos corações redobra o medo.

Viagem tão penosa
Mysterio envolve tal,
Que, ou seja bem ou mal,
Ninguem póde explicar.

Isaac volta.

ISAAC.

Silencio ! repousae : val mais o somno
 Do que velar entre suspeita e medo ;
 Ninguém murmure. Exemplo dou a todos :
 Descanso exige a marcha dilatada ;
 Propicia sombra tendes n'este bosque,
 Velando eu fico. Repousae. Silencio !

PASTORES e SERVOS.

Silencio.

Os pastores e servos deitam-se á sombra das arvores e procuram
 dormir.

ISAAC.

A solidão é seio amigo
 Onde se entorna o pranto da saudade.
 Sinto uma dôr, que é doce, e amarga a um tempo,
 Recordo minha mãe, choro por ella.

Oh ! mãe idolatrada,
 Anjo de puro amor,
 D'ausencia agora provo
 O barbaro rigor.
 Minh' alma devorada
 Pela saudade tendo,
 Sinto, por ti soffrendo,
 Que adoro a minha dôr.
 Oh ! mãe idolatrada,
 Anjo de puro amor.

SCENA II

ABRAHÃO, ISAAC, ELIEZER, PASTORES E SERVOS.

ABRAHÃO.

Filhos, erguei-vos.

Erguem-se todos.

Sitio mais seguro

Vos offerece abrigo. Ide tranquillos,

É vosso guia Eliezer. Eu fico,

Isaac me acompanha : um holocausto

Faremos ao Senhor.

ELIEZER.

Tremo de pasmo !

ABRAHÃO.

Ide !

ELIEZER.

Partamos, vinde !

PASTORES e SERVOS.

Que segredo !

O altar do sacrificio

Aqui erguido vemos ;

Mas victima não temos,

Nem ha onde buscar.

Viagem tão penosa

Partindo.

Mysterio envolve tal,
Que, ou seja bem ou mal,
Ninguem póde explicar.

SCENA III

ABRAHÃO e ISAAC.

ABRAHÃO, á parte.

Eis o supremo instante. Deus eterno!
Dae a meu braço força mais que humana.

ISAAC.

Pae e Senhor...

ABRAHÃO.

Oh! filho amado!

ISAAC.

Eu vejo
Levantado o altar, prompta a fogueira,
Mas onde está, dizei, qual é a victima?...

ABRAHÃO, á parte.

Como ousarei dizer-lhe? elle é meu filho!...
Mas Deus assim o quer.

ISAAC.

Qual é a victima?

ABRAHÃO.

A victima...

ISAAC.

Dizei.

ABRAHÃO.

És tu.

ISAAC.

Eu!...

ABRAHÃO.

Manda

O Senhor. Tua vida lhe é precisa
Em holocausto puro : elle m'ò disse,
E quiz que o braço meu te dêsse o golpe.
Oh! meu Isaac!... Oh! meu filho querido!...

ISAAC.

Misera mãe! teu sonho era um aviso...
Ah! mais nunca verás o filho amado.

ABRAHÃO.

Tremes... Oh! céo!

ISAAC.

Não hei de envergonhar-te.
Como no teu a fé brilha em meu seio.
A vontade de Deus é lei sagrada.
Em caminho ao altar ; vem dar-me o golpe.

ABRAHÃO

Filho!

ISAAC.

Meu pae!

ABRAHÃO.

Abraça-me : que angustia !...

Abraçam-se.

Pela vez derradeira no meu peito
Aperto o filho amado !...

Separam-se.

ISAAC.

Eia ! coragem.

ABRAHÃO.

Deus potente, que a prova mais forte
Impuzeste ao mais fraco mortal !
N'esta hora tremenda suffoca
Na minha alma o amor paternal.
Oh ! meu Deus ! cumprirei teu preceito,
Immolando ó meu filho querido,
Mas extingue tambem minha vida,
Que eu de sobra já tenho vivido.

ISAAC.

Deus potente que em santo holocausto
Minha vida te aprouve tomar :
Tem piedade do pae, que me fere
E que em mim vae seu peito rasgar.
Oh ! meu Deus, morrerei bemdizendo
Esta morte por ti decretada ;

Mas consola o meu anjo na terra ;
Tém piedade da mãe desgraçada.

ABRAHÃO.

Filho!

ISAAC.

Meu pae!

AMBOS, abraçando-se.

Oh! amargura extrema!...

ABRAHÃO.

Quando atado ao sacro altar
Meu braço vires se erguer,
Volta os olhos, não me encares,
Que me farias morrer.

ISAAC.

Quando atado ao sacro altar
A ti meus olhos, volver,
Não me olhes, se não queres
Que eu te peça p'ra viver.

ABRAHÃO.

Basta : coragem! da fraqueza o pranto
A Deus póde offender. Valor, meu filho!
Soffrer pelo Senhor é gloria eximia...

ISAAC.

Conduze-me ao altar : meu pae, não tremo...
A fé me anima, o amor de Deus me exalta.

ABRAHÃO.

Na terra existe a dôr, no céo a gloria.

ISAAC.

Deus me chama e me espera : é um triumpho
A morte que vou ter !

ABRAHÃO.

Do sacrificio

A hora é está, vem ! o altar te aguarda.

ISAAC.

Estou prompto

Abrindo os braços.

Meu pae !

ABRAHÃO, abraçando-o.

Meu filho ! basta :

Separam-se.

Última concessão ao amor fizemos.

Vem!...

No altar.

ISAAC, chegando-se.

Adeus, mãe querida ! Deus ! minha alma !...

A ti se entrega toda.

Abrahão ata Isaac no altar.

ABRAHÃO.

Dorme, oh ! filho !

Dorme na terra vil da morte o somno,
E desperta no céo aos pés do Eterno.

ISAAC.

Sim! triumpho na morte! Deus me chama!

ABRAHÃO.

Sinto força inesperada
Ao meu braço dar vigor ;
Sacrificio um filho amado,
Mas obedeco ao Senhor.

ISAAC.

A flamma ardente da fé
Enche de luz a minh'alma!
N'este altar soffrendo a morte,
Vou colher celeste palma.

AMBOS.

Pela fé por Deus potente
Viver ou morrer é gloria.
Salve o Senhor, que transforma
O sacrificio em victoria!...

ISAAC.

Pae... o golpe despede!...

ABRAHÃO, levantando o cutello.

Creio em Deus!

O cutello que Arahão erguera cãe, desfeito em flôres, sobre a cabeça de Isaac; sôa dentro um côro de anjos. Arahão vae pouco a pouco curvando-se até que se ajoelha, e depois presta-se com o rosto no chão, e assim fica. Isaac ouvindo o canto, arranca a venda, e os laços que o prendiam desfazem-se em flôres; ajoelha-so tambem, e canta a seu tempo ainda de joelhos.

CORO DOS ANJOS, dentro.

Abençôa Deus o crente,
Que abrazado em santo amor
O proprio filho immolava
Em holocausto ao Senhor.
Abençôa, e ha de na terra
Seus filhos multiplicar,
Como as estrellas do céu,
Como as areias do mar.

ISAAC, de joelhos.

Deus e Senhor, quem sou eu,
Pobre, indigno peccador,
Para alcançar predilecto
As graças do vosso amor ?

SCENA IV

ABRAHÃO, ISAAC, ELIEZER, SARA, PASTORES e SERVOS.

PASTORES o SERVOS.

Eil-os ! eil-os !

SARA, correndo ao filho.

Filho amado !

ISAAC, recebendo a mãe nos braços.

Mãe ditosa !

PASTORES e SERVOS.

Oh feliz dia!....

Abrahão ergue-se e fica de pé no mesmo lugar.

ISAAC e SARA.

Fez o céu nossa ventura,
E santa nossa alegria!...

ABRAHÃO, em pé.

Gloria a Deus!

PASTORES e SERVOS.

Sim! gloria a Deus.

ABRAHÃO.

Gloria a Deus! gloria ao Supremo
Pae de toda a humanidade,
Fonte de amor e piedade,
Senhor do throno dos céos!
Gloria a Deus!...

PASTORES e SERVOS, TODOS, CORO GERAL.

Sim, gloria a Deus!...

FIM DO TOMO SEGUNDO

INDICE DO TOMO SEGUNDO

A TORRE EM CONCURSO.	1
O CEGO.	131
COBÉ.	227
O SACRIFICIO DE ISAAC.	345

A Confederação dos Tamoyos, 3ª edição, correcta e accrescentada pelo autor, 1 vol.	6\$000
Canticos Funebres, 1 vol.	6\$000
Factos do Espirito Humano (2ª edição), 1 vol.	6\$000
Opusculos Historicos e Littorarios (2ª edição), 1 vol.	6\$000
Olgiato. Tragedia em 5 actos, 1 vol. enc. 2\$000, br	1\$600
Urania. Collecção de 100 poesias ineditas. 1 vol. nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado.	4\$000
ZOLA (E.). — Nana, 2 vol. in-8º br.	3\$000

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

COLLECÇÃO IN-12º a 1\$ br. E 1\$600 enc.

- VEIGA (L. F. da). — Dicionario dos nomes proprios, 1 vol.
- MUSSET (A. de). — O segredo de Javotte, 1 vol.
 — Contos, 1 vol. br.
 — Pedro e Camilla, 1 vol.
- PIRES DE ALMEIDA. — Martyres da vida intima, 1 vol.
- Jorge VELHO. — Folhas silvestres, 1 vol.
- SECOND (A.). — A Viscondessa Alice, 1 vol.
- DEMOPHILO. — Cathecismo constitucional, 1 vol.
- ALENCAR (J. de) — Til, 4 vol. br.
- GUIMARAES (B.). — O indie Affonso, seguido de — A morte de Gonçalves Dias, 1 vol.
- FEUILLET (O.). — Julia, 1 vol.
 — Historia de uma pariziense, 1 vol.
- SANDEAU. — João de Thommeray, 1 vol.
- FAUSTO. — A caça de um baronato, 1 vol.
 — Casamento de tirar o chapéo, 1 vol.
 — Dous dias de felicidade no campo, 1 vol.
 — Um provinciano latino, 1 vol.
 — Scenas da vida republicana, 1 vol. 1\$600.
- KOCK junior. — O bom do Senhor Leitão, 1 vol.
 — Contos jocosos, 1 vol.
 — Um marido por um pé de meia, 1 vol.
 — O Pandego, 1 vol.
- BELOT. — A mulher de fogo, 2 vols.
- BELOT e DAUTIN. — O matricida, 2 vols.
 — Dacolard e Lubin, continuação do Matricida, 2 vols.
- DUMAS filho. — Sophia Printemps, 2 vols.
 — As mulheres que votão e as mulheres que matão, 1 vol.
- KOCK (Paul de). — Carotin, 3 vols. broch. 3\$000.
 — A casa Perdailon e Cº, 2 vols. enc. 3\$, broch. 2\$000.
 — Friquette, romance, 2 vols.
- Memorias, escriptas pelo proprio, 2 vols.
- ASOLANT (A.). — Confissão de um Badense, seguida de : O Coronel Hap-pethaler, 1 vol.
 — O Dr. Judassehn, 1 vol.

- GABORIAU (Emile). — A corda na garganta, 5 vols.
 — A vida infernal, 6 vols.
- MAX-VARLEY. — Martha, 3 vols.
- FÉVAL (P.). — O sobrevivente, 4 vol.
- FEYDEAU (E.). — A arte de agradar, dedicado ás brazileiras elegantes, 1 vol.
- MONTÉPIN (Xavier de). — O marido de Margarida, 1ª parte de: Os Dramas do Adulterio, 2 vols.
 — A Condessa de Nancy, 2ª parte de: Os dramas do Adulterio, 3 vols.
 — O amante de Alice, 3ª parte de: Os Dramas do Adulterio, 2 vols.
 — O Bigamo, romance, 4 vols.
- HOUSSAYE (Arsène). — Lucia, 2 vols.
- GAUTIER (Theophilo). — Avatar, 1 vol.
- ABOUT (Ed.). — O Nariz de um Tabellião, 1 vol.
- FÉRVACQUES e BACHAUMONT. — Rolande, 2 vols.
- BELOT. — Esposa e Virgem, 1 vol.
- FREIRE. — A Paixão de Olympia, 1 vol.
- KOCK (Paulo de). — Paulo e seu cão, 4 vols.
- MOSAICO. — Collecção em versos e em prosa, 1 vol.
- PHILOGELUS. — Arte de ganhar dinheiro, 1 vol.
- PINHEIRO CHAGAS. — Portuguezes illustres, 1 vol.
- ROBERT. — O Marquez de Pombal, 1 vol.
- ZALUAR. — Contos da roça, 2 vols.
- ROSSELY DE LORGUES. — O Parocho, 1 vol.
- FIGUIER. — Christovão Colombo, 1 vol.

ROMANCES

DE

ALUISIO AZEVEDO

CASA DE PENSÃO, 1 vol. in-8º enc. 3\$, br..	2\$000
O HOMEM, 1 vol. in-8 enc. 3\$, br..	2\$000
O CORUJA, 1 vol. in-8º enc. 3\$, br.	2\$000
O MULATO, 1 vol. in-8º enc. 3\$, br.	2\$000
MEMORIAS DE UM CONDEMNADO, 1 vol. in-4º enc. 3\$, br.	2\$000
MYSTERIOS DA TIJUCA, 1 vol. in-4º enc. 3\$, br.	2\$000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).